Peccados Velhos

Collecção de escriptos antigos, cartas e dissertações escolares, feitas até 1903.
Reunidas e compiladas em 1908

Coimbra

1909 = 1910

Livraria da Universidade

«. . . . . . quem começar
de falar ou de dizer
ao primeiro bem de ver
com qual se podacabar. »

Resende: *Cancion.º*, fl. 151.

I

THEATRO...

Um sabio!...

(1892)

Entre-acto representado por Mario, Raul e Armando Duque em Torres Novas (Ribeira Ruiva) em 21 de setembro de 1896.

Personagens:

Joaquim Leandro — ferradôr.
Thomaz Constante — professor.
José Nabiça —
Belriano — creado.
Um acartador
Um policia.

Numa aldeia. Em casa de Joaquim Leandro, o ferrador.

Scena I

Leandro —

(Entra com dois livros e um chapeu alto debaixo do braço; colloca-os sobre a mesa e limpa o suor)

Meus senhores: vou-lhes contar uma novidade! Esta noite tive um sonho! Sonhei que era um sabio! Ai!... quem me dera ser sabio... E eu que sou apenas um pobre... ferrador! Mas logo que me levantei disse: quero ser um sabio! e fui comprar um livro de homens notaveis. Tambem já fui chamar o mestre da freguezia Thomaz Constante (que só pelo nome se póde confiar n'elle) para me interrogar, para ver o que eu sei. Sou um sabio! (Tirando o chapeu) E já comprei um chapeu alto e casaca. (Batem á porta) Entre!

Scena II

Nabiça

(Entrando) Ora viva! Fui chamar o mestre da freguezia e elle não tarda ahi. Va-se preparando.

Leandro

Inda agora vim, mas neste tempo fiz um estudo!... Ai, um estudo que você não imagina! Sobre homens notaveis, sobre homens celebres, sobre homens que se distinguiram! Enfim, sobre tudo!

Natriça

Na verdade, você tem habilidade, mas o que é pena é você não ser rico. Senão é que era um sabio... Ai, um sabio...

Leandro

(Interrompendo) Da Grécia!

Natrica

E' verdade, da Grécia. Mas olhe lá: quanto dinheiro tem você, se não é indiscrição?

Leandro

30.000$! E com a compra dos livros, canudo e casaca, lá vão 20.000! E agora quero ver se arranjo uma estante, uma secretária, etc, etc. Deixem-me arrecadar esta casaca e este canudo. Oh Belmiro!

Belmiro

(De dentro) Lá vou!

Scena III

Belriano:

(Entrando) O que quér o Snr. Joaquim Antunes Leandro?

Leandro

(Orgulhoso) O Snr. Joaquim Antunes Leandro quér que o seu creado Belriano arrecade o casaco e a casaca no cabide do meu quarto e que lhe traga o cachiné que está no dito do dito. Está ouvindo?

Belriano

Sim senhor. (Sahe)

Leandro

Olha! Eu vou ensinar onde has-de pôr isso. (Sahe).

Scena IV

Natriça

(Só) Na verdade elle tem intelligencia, mas tem um defeito: é ser um bocadito estufido. Mas para um homem intelligente como elle é... pes-sa!

Scena V

Leandro

(Quando entra sente bater á porta) Oh Belviano! traz-me o meu caneco!

Belviano

(De dentro) Lá vou!

Leandro

Depressa!

Belviano

(Entrando e trazendo um caneco d'agua) Aqui está o caneco!

Leandro

Bruto! Com 600 milhões de sabios! Olha que é o chapeu da cabeça! Bruto! (Belviano sahe) E quem está a bater á porta ha-de fazer boa ideia de mim! Um sabio!... (Belviano traz o chapeu e vae pol-o na cabeça de Leandro) Entre o bruto que está a bater á porta!

Scena VI

Constante

(Entrando) Ora inda em cima?

Leandro

(Com o chapeu na mão) Oh snr. Constante, desculpe-me! Por todos os patrios! Olhe, eu vou buscar-lhe uma garrafa de vinho do Porto para me emborrachar e beber, está dito?

Constante

Vá lá!... É preciso ter paciencia; (áparte) hoje está com a pinga.

Leandro

Então vou buscal-a. (Sahe)

Scena VII

Constante

Pobre homem! Antes elle fosse ferrar cavallos! Que lembrança ser patrio! E elle um estupido de primeira força!

Natriça

Então, oh snr. Constante, elle é estupido?... Ah! Eu já cá disse com os meus botões: elle é intelligente mas tem um pouco de estupidez. Não é verdade?

Constante

Lá isso é verdade! (aparte:) Outro que tal!

P. velhos
2

com quem eu estou mettido!...

Scena VIII

Leandro

(Entrando com uma garrafa na mão) Aqui está a garrafa! Vamos ao interrogatorio! (Sentam-se á mesa, um defronte do outro; Nitriça em pé)

Constante

Vamos ao interrogatorio. Sobre que quér?

Leandro

Sobre as estrellas?

Constante

Bem. O que é Uranios?

Leandro

Não sei.

Constante

O que é Marte?

Leandro

Tambem não sei.

Constante

O que é a Via Lactea, vulgarmente Estrada da

S. Thiago?

Leandro

Ah! isso sei eu! É uma estrada que vae ali perto do Sernache e já lá passei montado no cavallo do Snr. Constante, lembra-se?

Constante

(Apparte:) Que grande bruto! (Alto:) Agora sobre que quér que eu o interrogue?

Leandro

Sobre homens notaveis.

Constante

Então cite-me um.

Leandro

Não sei o que quér dizer essa palavra.

Nabiça

Isso é palavra nova!

Constante

Não é, não. Cite-me é o verbo citar, no imperativo, com o pronome me.

Leandro

Não entendi o que o senhor disse mas é o mes-

ma causa.

Constante

Então como quér você ser sabio se não sabe nada?

Leandro

Sei uma coisa. E' a Tia Lacéca, que é uma estrada que ha perto de Serrache e que já lá passei no cavallo do Snr. Constante.

Constante

Sabe a segunda coisa? E' ir ferrár cavallos!

Leandro

(*Querendo agarrar na perna de Constante*) Vamos lá.

Constante

Alto! Veja como fala! Olhe que vou chamar o regedor!

Leandro

(*Com o chapeu na mão*) Perdão, Snr. Constante! Por todos os sabios! Olhe, a garrafa está cheia, por isso beba.

Constante

Vá lá! (*Bebe*) Que bom vinho!

Leandro

Então não é bom?

Constante

Lá isso é verdade!

Leandro

(*Sentindo bater*) Entre!

Scena IX

Um carregador

(*Entrando*) Uma carta para o Snr. Constante. (*Entrega uma carta e sahe*)

Scena X

Constante

De quem será? (*Abre o sobrescripto e lê:*) "Snr. Constante: Por doença de minha filha venho a participar-lhe que ella não póde ir hoje á aula. Desculpará. De V. Ex.ª, etc. ...." — O meu dever é ir visital-a, não é assim?

Leandro

(*Orgulhoso*) Deve ir. Porque senão fica excommungado pelo sabio Joaquim Antunes Leandro. Mas olhe: diga-lhe se quér que eu a vá curar. Co-

me vou alvoitar...

Constante

Então já venho. (Sahe).

Scena XI

Leandro

Sabe, Snr. Nabiça, a 3ª cousa que eu sei? É que vou deixar-me disto. Não quero ser sabio, não é melhor?

Nabiça

Mas o caneco, a casaca e os livros?

Leandro

(Pensativo) É verdade... (de repente:) Quer você fazer um negocio commigo?

Nabiça

Diga lá.

Leandro

Você compra-me o caneco, a casaca e os livros, quer? Olhe, a casaca e o caneco é para você ir a casamentos e os livros é para você ir para a janella ler n'elles para metter figura, quer?

Nabiça

Mas eu não sei ler?!

Leandro

E' o mesmo. Tolhei-os.

Nabiça

Pois vá lá.

Leandro

Oh Belziano!

Belziano

(De dentro) Sim, Joaquim Dubanes Leandro, lá vou! (entra a fumar)

Leandro

Desgraça!!

Scena XII

Leandro

Leve-me o caneco, a casaca e os livros a casa do Sim. Nabiça. Desgraça!

Belziano

Sim senhor.

Leandro

Olhe! Venha cá. Não me torne a aparecer a Jumari, ouve? Cada qual no seu logar. Depressa! (Belciano sahe. Para Nabiça:) Agora passe p'ra cá o dinheiro, senão ...

Nabiça

(Procurando no bolso) Quanto é?

Leandro

30.000 reis.

Nabiça

Mas você disse depois que eram vinte mil reis?

Leandro

E agora são 30.000 reis. Passe p'ra cá 30.000 reis senão mando-o prender!

Nabiça

(Dando o dinheiro) Você é um ladrão! Você me pagará! (Sahe)

Scena XIII

Leandro

Que grande patife! A chamar ladrão a um homem honrado como eu, que não faço demais a

ninguem? Ora esta! Deixa estar que elle tambem as paga. Pagamos ambos, no fim de contas...

Scena XIV

Betiano

(Entrando) Olha, Snr. Joaquim Antunes Leandro: eu levei isto a casa do Snr. Natiça mas como elle estava aqui e tinha a chave da porta no bolso não poude lá pôr isto.

Leandro

(Aparte) Esta não lembra ao diabo! (Para Betiano:) Não o encontraste?

Betiano

Não senhor. Quer que eu lá vá agora?

Leandro

Não. Olha, podes-te ir embora. (Betiano sahe) Isto custou-me 20.000 rs; elle pagou-me 30.000, ganhei 10.000 reis. Já tenho 40.000 reis. Bem. O creado não o encontrou por isso fico com tudo isto. Ah! ah! ah!... Ficou comido! Pois elle é bruto! Eu não tenho culpa de elle ser assim. Fiquei com 40.000 reis (contando pelos dedos) com os livros, com o canneco, e com a casaca! Ah! ah! ah!... Ficou comido! (Chega á porta e arruma com tudo para dentro). Entre! (Sentindo bater.)

Scena XV

Constante

(Entrando) Sobre o melhor para eu aprender, é eu mandar cá um meu discipulo.

Leandro

Não, não é preciso. Já sei a 4ª cousa: é eu dei-xar-me disto.

Constante

Então os livros, a casaca e o caneco?

Leandro

Mandei tudo isso a casa do Nabiça e elle pagou-me e até por signal... (aparte) Mas, dei-xem-me calar. (Nabiça quer entrar mas Leandro fecha-lhe a porta na cara) Não descubra o meu crime!

Constante

Que crime? Você fez algum crime?

Leandro

Não, não é nada. E' uma brincadeira entre os dois.

Constante

Não, não é resposta. Eu vou chamar o regedor para ver o que é isso. (Vae a sahir mas Leandro não deixa)

Leandro

Oh Snr. Constante! (com o chapeu na mão) perdõe-me, por todos os santos! Olhe, acabe de beber a garrafa que ainda não está vasia, sim?

Constante

Vá lá! (bebe) Que bom vinho!

Leandro

Mais vale um gosto do que quatro vinteins, não é verdade?

Constante

Mas olhe: eu vou dizer ao regedor que você praticou um crime. De quê?...

Leandro

Olhe, Snr. Constante, sabe o que foi? Fui eu que roubei 30.000.

Constante

30.000! Um santo! Mas olhe, eu vou dizer que não o prenda, sim?

Leandro

Vá lá. (Constante vae a sahir mas batem á porta). Entre!

Scena XVI

Natiça

(Entrando com um policia) Eu não disse que m'as havias de pagar meu patife?

Policia

Alto! Olhe que é prohibido chamar patife.

Natiça

Seu ladrão!

Policia

Alto! Olhe que é prohibido chamar ladrão.

Leandro

Então quer-me prender?

Policia

Sim senhor. Por ordem do Snr. administrador.

Leandro

Porquê?

Policia

Por roubar trinta mil reis e querer ser sabio.

Leandro

Entāo por isso?! mas eu sou intelligente! Ah! logo vi que esta ideia me havia de dar na cabeça!

Nabiça

Intelligente? E' mas é um grande bruto!

Policia

Alto! Olhe que é prohibido chamar bruto. (Para Leandro:) Em nome do Snr. Administrador entregue-se á prisão.

Leandro

Eu vou porque o senhor administrador é meu amigo.

Policia

Em nome do Snr. Administrador entregue-se á prisão, Snr. Nabiça.

Nabiça

Entāo porquê?

Policia

O Snr. Leandro por ter roubado 30.000 reis e

por querer ser sabio; e o Snr. Nabiça por chamar nomes ao Snr. Leandro. P'ra cadeia, vamos! (*Agarra pelos braços d'ambos e sahem. Constante tambem sahe.*)

As tres marias

(1896 ?)

Entre-acto feito para ser representado por Mario Raul e Armando Duque.

Personagens:

Silvio –
José – } estudantes
Tancredo –
O operario.

Um quarto d'estudantes. Uma porta ao fundo. Algumas cadeiras e duas mesas.

Scena I

Silvio:

Pois é verdade, caro José. Agora sempre arranjei...

José

Arranjaste o quê?...

Silvio

Aquillo que tu sabes...

José

Ah! uma velocipede!

Silvio

Qual velocipede, qual historia!... Sempre falei aquella... aquella que mora ecolá adeante, ao fundo da rua.

José

Ah! a tua namorada!

Pequenos
4

Silvio

Cautou, gentil José! Conhécel-a?

José

Não, mas segundo me dizes é um anjo...

Silvio

Um perfeito anjo! Quando ella anda...

José

(*Interrompendo*)... em velocipede?...

Silvio

(*Rindo*) Quando ella anda em velocipede... Estas doido!... (*sério*) A andar parece uma rainha; aquelle olhar altivo, imponente... depois a cára branca, branca como a neve... o nariz fino, fino, como... como... uma agulha! Enfim, tôda ella fez-me andar assim... assim... como uma roda...

José

(*Interrompendo*)... d'um velocipede?...

Silvio

E tu a dar-lhe com o velocipede... Eu queria dizer-te que recebi hoje uma carta; anda o mundo *ás avessas*... ella é que se declarou... e eu queria

responder-lhe mas não sei como. Pelo correio... o pae é quem primeiro lê as cartas; pelas creadas não quero...

José

Por meio d'um velocipede...

Silvio

Como?

José

Mandas-lhe de presente um velocipede e na malla do selim mandas-lhe a carta!...

Silvio

Esplendido!... Era o melhor! E o dinheiro?...

José

Lá isso é verdade...

Silvio

(Pensando) Já sei!... O Tancredo, como é levado dos diabos é que me ha-de arranjar isso. Elle lá tem artes para tudo. Como anda sempre com as suas cavallarias, elle é que ha-de arranjar isso.

José

Mas como queres tu arranjar a cousa?

Silvio

Vamos a ver. O que eu sei é que elle me ha-de levar uma carta á bella Eulalia... Que horas são?

José

(Vendo o relogio) São duas horas. Elle não tarda. Conhece-se lógo quando vier ao fundo da escada. Mas olha que o melhor era um velocipede...

Silvio

Tu andes sempre a pensar velocipedes! Qualquer cousa te parece um velocipede!

José

E tu?!... Tu vens para casa e prégas-me uma estopada a dizer-me que viste uma mulher muito bonita,... olhos azues... testa de prata... pescoço de Cristal... cabellos d'ouro... pés de chineza... e depois olhou para ti... amou-te!... correu a lançar-se a teus pés, de joelhos, a pedir que lhe dissésses que a amavas... Es um bom pamfonmineiro, deixa estar!

Silvio

Tu fallas de mim? E o Tancredo?

José

O Tancredo é outro rinamiaco como tu. Quan-

do lhe dá na bola começa ahi a fazer torneios com as mezas, cadeiras e com os cabides, como em plena edade-média... Tu e elle... deixa estar que podem limpar as mãos ás paredes...

Silvio

E tu?... com a tua velocipedomania?... Deixa estar que tambem... tambem são dois! (Sente-se grande barulho na escada e as palavras: "rendei-vos cavalleiro!" repetidas)

Scena II

Tancredo

(Entrando com uma bengalla na mão) Por Deus! Venci esse combate singular! E' para que se saiba que a tempera do meu arnez e da minha espada é melhor do que a daquelle perro infiel que agora me desafiou no caminho! Ora imaginem que agora, quando subia a escada senti que um homem ou cousa parecida vinha subindo atraz de mim. Chegámos ao corredor do primeiro andar e então esse velho infiel agarra-me e diz-me: "se o menenino tornar a fazer barulho mando-o para a cadeia, ouve?" — Não pude supportar tal afronta: tirei uma luva e atirando-lh'a aos pés disse-lhe: "Levanta esse guante, se o ousas!" Elle, como uma besta, ficou-se a olhar para mim; então eu corri ao fundo do corredor e pondo a bengalla

em riste, como como antigamente os cavalleiros nos combates. Ora vejam, ora imaginem, a estocada que o misero aganhou... e eu sem querer saber da berraria que elle fazia agarrei nelle e záz! ao fundo da escada! Atirei com elle como quem atira uma gella... ora oiçam (ouvem-se gritos de fóra.) Lá está o vil a berrar! Que berra que nem Sant'Iago lhe acode!...

Silvio

Andas sempre mettido em aventuras... Socega que preciso de ti...

Tancredo

Algum desafio?... Eu por ti arriscarei a vida. Diz depressa.

Silvio

Não é desafio. E' mais do que isso...

Tancredo

(Interrompendo) Algum torneio?

Silvio

E' quasi. E' por causa d'uma mulher, linda, linda como os amores!

Tancredo

Alguma donzella ultrajada?... (altivo:) Eu ju-

mirei o infame que me ousou insultar na pessoa dessa donzella!

Silvio

Não é bem isso...

Tancredo

Ouve-me: o meu peito se não foi creado com tutanos de tigre como foi o de Achilles, se não foi banhado no lago Estygio, equivale muito bem ao do heroe grego. E por isso...

Silvio

(Interrompendo) Pára lá com isso! Vamos ao caso!

Tancredo

Vamos lá! Se fôr preciso um terceiro eu empregarei todo o meu saber na arte da guerra, toda a minha força para vencer esse infame!...

Silvio

Com mil demonios!... ouves ou não?

Tancredo

Diz depressa. Estou prompto, sempre á disposição... Sim...

Silvio

Irra! é demais...

Tancredo

Vá lá... dize lá o que queres...

Silvio

E' que eu queria entregar uma carta p. uma menina, áquella que móra ao fundo da rua, mas não sei como. E tu, como és o homem das aventuras, has-de-me arranjar isso. Pensa no caso, e vem expor-me o teu plano, (á parte) por causa d'alguma tolice...

José

Isso tudo se arranjava melhor com um velocipede...

Tancredo

Mentis pela gorja, perro vadio! Se ousas alterar os meus planos...

José

Sim, sim, estás bom... (sahe)

Silvio

Então arranja isso que eu venho já (sahe)

Scena III

Tancredo

(Vae á mesa e tira um papel grande da gaveta) Primeiro é preciso traçar o mappa do combate, depois então se procederá segundo os accidentes do terreno e os incidentes... (Começa a riscar. Ouve-se bater á porta) Quem é?

Uma vóz

(De fóra) Sou eu que lhe venho dar uma sóva! Se não abre a porta cerco-lhe a casa!

Tancredo

Oh! o senhorio! A quem eu atirei pela escada abaixo!... Ás armas! ás armas! o inimigo!...

Scena IV

José e Silvio

(Entrando a correr) O que foi isto?

Tancredo

E' o senhorio que quér pôr cerco á casa! Toca a resistir!

Silvio

Deixa-o entrar...

Pea. velhos
5

Tancredo

Entrar?... Isso era uma capitulação deshonrosa! Nunca! (Chegando-se á porta) O que quér?

Uma vóz

(De fóra) Quero quebrar-lhe a cara.

Tancredo

Quebre primeiro a parede que nos separa! Ora o typo!... Toca a resistir! (Corre á uma meza e vae encostal-a á porta, e põe-lhe umas cadeiras em cima) Nos cercos é costume o commandante fallar aos soldados... (Sobe á uma cadeira) Soldados! E' este um dia solemne em que nós vamos combatter pela nossa vida e pela nossa patria! Neste dia solemne, solemnissimo, temos duas cousas que fazer: vencer ou morrer! Se morrermos bem está; se vencermos, melhor... Se morrermos não tornamos á vida e se vencermos é signal que vivemos! Logo, soldados! obedecei como cães ao vosso commandante, como burros ao vosso amigo, como bestas ao vosso condiscipulo!... E vivamos nós e morra o inimigo! Toca a defender!

Silvio

Mas tu estás doido!... Só pensas em guerras! E os nossos negocios?...

Tancredo

Quando se está num cerco em lucta com os elementos e a defender a propria vida, não se trata de namoros. Fique sabendo.

Silvio

(*Aparte*) Como havemos de arranjar isto? (*pensando*) Já sei!... (*para Tancredo:*) olha, diz ao inimigo que o deixamos entrar com a condição de não fazer barulho e de não bater em ninguem... Já é honrosa a capitulação!...

Tancredo

Pois sim! (*para fóra:*) Oh sua besta esfolada! você entra, mas não ha-de fazer barulho, ouve? (*De fóra não respondem*) Ouve seu estupido? (*o mesmo*) Quem cala consente. Toca a abrir a porta... (*Tiram tudo; Silvio vae para abrir a porta*) Espera! (*vae agarrar uma vára e colloca-se deante da porta*) Se elle entra com furia... espeto-o! Abre!... (*Silvio abre, mas não entra ninguem*) O inimigo fugio! Teve medo! (*Chega-se á porta:*) Sempre é bom ir rondar as muralhas... (*sae*)

Silvio

E se o homem nos pãe fóra?

José

Qual historia! Eu fêgo numa velocipede...

Silvio

(Interrompendo) Ouves?

Tancredo

(De fóra, em gritos) Viva a patria! (entrando:)
Victoria completa! O inimigo fugio!...

Silvio

Mas ouve-me, maluco. E aquillo?

Tancredo

E' verdade! Vou tratar d'isso. Como se chama ella?

Silvio

Eulalia.

Tancredo

Bem. Vou estudar o plano.

José

Não vás tu fazer tolices...

Tancredo

Oh! seu velocipede! Quem o manda falar? Ora

cale-se lá, ouve? Senão... hum!

José

Sim, sim... É o um bom maluco. (sahe)

Scena V

Silvio

Sabes uma ideia do José?

Tancredo

Diz...

Silvio

Queria que eu lhe mandasse um velocipede... o idiota! (ri-se)

Tancredo

(Rindo-se muito) Oh que bello exemplar da raça dos ruminantes!

Silvio

Mas o que pensas tu fazer?

Tancredo

Isso é commigo. Vae-te embora que eu cá me arranjo. (Silvio sahe)

Scena VI

Tancredo

(Vae ver o desenho que fez) Aqui está o plano do combate. Ella móra num palacete que tem grandes portões, creados, cavallos, o diabo! Ora eu vou d'aqui, a cavallo, com aquella lança e mato primeiro o guarda portão, depois vou subindo até ao quarto d'ella e ahi lhe entrego a carta. Vamos a ver... (agarra numa cadeira e põe-a no meio da casa e despe o casaco que põe nas costas da mesma cadeira) Supponhamos que isto é o guarda-portão... Eu vou d'aqui e faço-lhe isto... (corre montado num páo e com uma lança na mão com que atira a cadeira pelos ares) Primeira victoria! (agarra na cadeira e põe-a mais adeante) Supponhamos que agora aquillo é um creado que me está gritando do cimo da escada: "Parae! parae, Dom cavalleiro!" Mas eu dou-lhe uma estocada, mato-o e corro por toda a casa á procura da menina não sei o quê... Ensaiemos... (corre montado no mesmo páo e com a lança atira a cadeira ao chão, e corre toda a casa á pancada aos moveis) Victoria completa!.. Só falta entregar a carta; e isso é facilimo porque a procuro e lógo hei-de dar com ella. Viva a patria! viva a patria! Viva o Silvio!

Scena VII

Silvio

(*Entrando*) Que diabo de barulho é este?... (*Vendo o destroço*) O que tu fizeste!...

Tancredo

Mas já sei o plano! Dá-me a carta que eu juro que lh'a hei-de entregar.

Silvio

Mas não podias fazer isso sem estragar os moveis? Que dinheirão se vae gastar no concerto d'isto?

Tancredo

Deixa-te de sermões; anda, vae escrever a carta.

Scena VIII

José

(*Entrando*) Então está tudo arranjado? Não teem necessidade d'um velocipede?

Tancredo

Lá vem o velocipede! Se te não calas com esses velocipedes faço-te correr mais que o D'Orey!

José

Atreve-te, meu doido!...

Silvio

Calem-se, com mil demonios! Então sempre queres ir entregar a carta?

Tancredo

Está visto! Mas ouve lá: onde móra ella?

Silvio

Ao fundo da rua, no numero 30.

Tancredo

(À parte) E como se chama?

Silvio

Eulalia... porquê?...

Tancredo

Eulalia... nº 30... Essa é a minha namorada! Ah! dom traidor! que m'a vaes pagar!

Silvio

Pagar o quê? Tu has-de ceder! Hei-de ser eu a combinar!

Tancredo

Ah dom villão! Por Deus que hei-de ser eu! (olhando para o bolso das luvas) Ainda cá está esta! (atira-a aos pés de Silvio) Levanta-a, rival!

Silvio

(Arredando-a com o pé) Ora manda á fava as tuas cavallarias. Ou tu te calas ou eu te ponho fóra!

Tancredo

(Agarrando na lança e apontando-a ao nariz de Silvio:) Rende-te, covarde!

Silvio

(Agarrando a lança) Ora o petiz! Queres luctar commigo?

José

Querem ver os dois á pancada?

Tancredo

Cala-te, velocipede!

José e Silvio

(Ao mesmo tempo:) Rua!

Pec. velhos
5

Tancredo

(Com a lança na mão) Rua!

O dono da casa

(entrando, com um policia:) Rua!

II

CONFERENCIAS

feitas numa ephemera "academia" que durou o curto espaço de tres semanas...

Descubertas e conquistas dos Portuguezes:

Snr. Presidente:
Meus senhores:

Tivemos no seculo XV e XVI um periodo de esplendor devido ás nossas descubertas e conquistas; mas este periodo foi ephemero: veio a decadencia e immediatamente a ruina total em Alcácer-Kibir.

Contudo, neste pequeno periodo praticáram-se feitos que não podem ser esquecidos. Este periodo deu Vasco da Gama e o seu cantor Luis de Camões alem d'outros homens notaveis.

« Em dois nomes está resumida principalmente a vida e essencia de Portugal: o Gama e o Camões. Num feito sem exemplo e num poema sem modelo. Estes são os gloriosos abonadores da nossa independencia e liberdade. »

São estas as palavras d'um erudito escriptor portuguez na introducção d'um estudo sobre Camões. (1)

Tem-nos sido muito disputada a gloria de sermos nós o primeiro povo que rodeou a Africa.

Uns querem que fossemos nós os primeiros; outros que na antiguidade arrojados navegantes nos antecedessem.

Temos tido contra nós homens notaveis como Huet bispo de Soissons, Bochart, Court de Gibelin, Montesquieu, Bougainville, Vivien de S. Martin e outros. Até entre nós, o celebre Damião de Goes, que apezar de portuguez não duvidou negar a originalidade das nossas descobertas! Vejamos o que elle diz na chronica de D. Manuel:

«As quaes viagens todas se fizeram por mandado deste invencivel rei D. João (o segundo) com muito trabalho seu e despeza de sua fazenda, navegação já esquecida de todo o genero humano por tanto espaço de tempo quanto se póde ver em um discurso que disso fiz na mesma chronica do principe D. João que compuz de novo em linguagem portugueza e assi em um livro que fiz em lingua latina do sitio e antiguidade da cidade de Lisboa nos quaes dois discursos declarei quantas e quaes pessoas muito antes fizeram esta viagem da India pelo mesmo caminho que nós agora fazemos, ho que fiz por acudir ao erro

(1) Latino Coelho: Luiz de Camões, 7

"em que cairam alguns escriptores portuguezes que
"trataram destes negocios dizendo que só a nação portu-
"gueza fôra que navegando pelo Oceano primeiro que
"nenhuma outra viera têr ao mar da India, do qual
"erro se lhes póde em parte relevar ha culpa por nem-
"tiro cuidarem que atribuindo esta gloria á sua propria
"naçam lhe acrescentavam louvor aos muitos que se
"lhes deve pelas milagrosas victórias, q. em aquellas
"partes em diversos tempos e lugares houveram." (1)

Algumas navegações, segundo os antigos, se fizeram em volta d'Africa.

Uma e a mais antiga foi feita por phenicios que partindo do mar Vermelho (Erythreo) dobraram a extremidade sul da Africa e vieram têr ás Columnas de Hercules.

Outra é a de Hannon, carthaginez.

Outra é a do egypcio Eudoxio de Cyrica, quando reinava no Egypto Ptolomeu VIII.

Ainda houve outra mas que ficou em principio. Foi no reinado de Xerxes, rei da Persia. A navegação foi feita por Sataspes que violára uma filha de Zopyro e que por isso foi condemnado a dar uma volta por mar á Lybia (ou Africa); mas viagem foi esta que ficou em principios por causa dos temporaes.

Mas fosse como fosse, destas viagens só temos indicios vagos, algumas vagas referencias nos anti-

(1) Chronica de D. Manuel – Parte I, cap. XVIII

gos escriptores como Herodoto e Strabão. O que pa-
rece é que foram os portuguezes, um pequeno mas
heroico povo, quem havia de commetter tão arrojado
como grandioso feito: o caminho para as Indias ro-
deando a Africa.

O iniciador destes descobrimentos foi sem du-
vida o grande Infante D. Henrique

« Progenie generosa de Joanne »

que pelo seu talento faz com que a fama

« . . . . nos mares o publique
Por seu descobridor . . . . » (1)

Nos primeiros tempos uma dificuldade havia pa-
ra resolver: o medo que as lendas produziam no
espirito dos navegantes, geralmente homens ru-
des e propensos a acreditar facilmente nas lendas.
A Africa era a principal victima de taes lendas.
Aqui, os homens tinham os olhos no pescoço, nos
hombros; ali os homens não teem lingua etc; e
principalmente as que dizião que o oceano era po-
voado de monstros, nalguns sitios reinavão sem-
pre trevas, tempestades, etc.

Mas o grande D. Henrique coadjuvado por va-
lentes e leaes servidores como o foram Gil Ean-
nes e outros, removeu essas dificuldades e trans-
postos os cabos Não e Bojador estava por assim dizer

---

(1) Luziadas – VIII, 37

aberto o caminho para a India. Dobrados estes dois cabos os navegantes convencidos das falsidades das lendas não temião tanto arrostar a furia de Neptuno.

E não admira porque no dizer de Camões lá tinham Venus para os proteger pois que esta foi a deusa mais amada pelos portuguezes.

Os descobrimentos continuaram.

Em 1486 o grande Bartholomeu Dias descobre o cabo das Tormentas. Faltava a descoberta da India.

Em 1497, D. Manoel põe nas mãos de Vasco da Gama

« . . . . a chave
Deste descobrimento grande e grave.»[1]

Partiu Vasco da Gama a 8 de julho de 1497, de Belem. Levava tres náos: S. Gabriel onde ia Vasco da Gama; S. Raphael onde ia Paulo da Gama e a S. Miguel ou Bérrio ~~onde ia o~~ cujo capitão era Nicolau Coelho. Levava segundo João de Barros 170 homens[2]; segundo Castanheda, 148;[3] e segundo Gaspar Correia, 240.[4]

A 20 de novembro dobraram os nossos navegadores o cabo da Boa Esperança. Foi aqui que lhes appareceu o celebre Adamastor, ficção tão bem aproveita

---

(1) *Lusiadas* - IV, 75.

(2) *Decadas*, I

(3) *Historia do descobrimento e conquista da India.*

(4) *Lendas da India.*

Pequenitos 7

da por Camões. No dia de Paschoa da Resurreição de 1498 chegava a frota a Melinde.

Finalmente a 20 de maio de 1498 chegava a

«.... gente illustre lusitana»

a Calecut. Chegáram por fim ao termo de tão notavel viagem.

Quantos perigos elles não passáram, quantas vezes elles tiveram a vida em perigo, só para gloria da sua nação!

Foi Vasco da Gama o homem mais extraordinário na história dos descobrimentos!

«Tudo quanto na antiguidade haviam feito os
"mais ousados navegantes, era nada em paralelo com
"esta empresa ambiciosa de circumnavegar a penin-
"sula africana e cortando o immenso golfho que a
"separa da costa do Malabar, chegar á vista da cidade
"famosa onde se julgava accumuladas num empó-
"rio inexhaurivel todas as riquezas do Oriente.»[1]

Esta viagem encheu de espanto o mundo civilisado. Foi este acontecimento que inspirou ao immortal Camões a sua «epopeia sem modelo»[2]

Desde que foi transposto o cabo Bojador por Gil Eannes, cabo que se julgava até então que não podia ser transposto, toda a Europa seguia com avidez e espanto a continuação dos nossos descobrimentos

---

[1] Latino Coelho: Vasco da Gama, I, 103
[2] Idem: idem, I, 7

até que Vasco da Gama veio dar o golpe fatal nas republicas italianas.

Outros descubrimentos importantes se fizeram como o da America, a primeira viagem de circumnavegação e outros; mas estes nada são comparados com o do Gama.

O resultado da empreza de Colombo foi grande mas não foi como o da empreza do Gama.

Colombo sabia que para o occidente havia um continente, porque um portuguez dos Açores sendo arrojado por uma tempestade para o occidente deu com terra firme; e foi deste portuguez que Colombo tirou informações para a sua viagem.

O Gama sabia que a India existia mas não sabia onde. E prova-se isto consultando o roteiro da viagem e as nossas antigas chronicas que tratam d'esse assumpto; vê-se que o Gama em qualquer ponto da costa d'Africa em que parasse, perguntava noticias da India. Na costa oriental ha um rio com o nome de Rio dos Bons Signaes que foi onde Vasco da Gama, pela primeira vez, teve noticias da India.

Logo: a America estava descuberta e a India não.

Colombo não foi ás cegas; levava o seu caminho quasi marcado.

O Gama, não.

Na volta a Portugal, os nossos argonautas chegáram a Lisboa nos fins de agosto ou principios de setembro.

Não terminaram, ainda, neste ponto, os descobrimentos.

D. Manoel, pouco depois de ter chegado o Gama mandou segunda expedição á India que foi commandada por Pedro Alvares Cabral; e arrojado para o occidente por uma tempestade chegou a um continente então desconhecido que veio a ser o Brazil. Fez parte desta expedição Bartholomeu Dias mas perto do cabo da Boa-Esperança foram assaltados por tão violenta tempestade que muitos navios se perderam com a tripulação.

O navio de Bartholomeu Dias desappareceu e juntamente elle. Estava realisado o que Adamastor dissera:

> «Aqui espero tomar se não me engano
> De quem me descobrio summa vingança.»(1)

Gaspar Corte-real descobre em 1500 a Terra de Corte-real, hoje Terra Nova.

Em 1501 João da Nova descobre a ilha da Ascenção e a de Santa Helena.

A costa oriental d'Africa foi toda descoberta, pouco a pouco, pelos portuguezes.

E a primeira viagem de circumnavegação foi feita por um portuguez, Fernão de Magalhães, infelizmente ao serviço da Hespanha.

Ao passo que os descobrimentos maritimos

---

(1) Lusiadas, V, 44.

continuaram, na India praticavam-se feitos que escureceram os antigos feitos de gregos e romanos. Os grandes homens como Affonso d'Albuquerque, D. Francisco d'Almeida, Duarte Pacheco

«e outros em quem poder não teve a morte»

enchiam de espanto o mundo civilisado.

Diz a historia que 300 gregos resistiram a um enorme exercito de persas; mas morreram.

Duarte Pacheco, na India, com 70 portuguezes resistiu a muitos milhares de soldados de Calicut; e venceu.

Um outro arrojado feito foi sem duvida alguma a tomada de Ormuz pelo grande Affonso d'Albuquerque. Este apenas tinha seis navios entre elles a celebre náu chamada Flor do mar; e Ormuz possuia no porto uma enorme esquadra, e a cidade tinha um exercito de 15 a 20:000 homens e estava guarnecida com uma possante artilheria. Era tão temeraria esta empreza que os capitães das outras náos quasi se negáram a acompanhar o seu capitão-mór.

Muitos feitos illustres se fizeram mais. O espirito bellicoso e aventureiro dos portuguezes não está ainda de todo perdido.

Ainda ultimamente, no meio desta decadencia, um facto veio provar que os portuguezes não perderam de todo o seu ardor.

Poderemos dizer que foi Portugal a nação mais

aventureira e audáz nos seculos XV, XVI, XVII, principalmente.

Poderemos dizer que:

foram os portuguezes que iniciaram os descubrimentos maritimos;

foram os portuguezes que descubriram e exploráram toda a costa occidental d'Africa;

foram os portuguezes que descubriram o caminho da India;

foram os portuguezes que descubriram o continente americano;

foram os portuguezes que descubriram o Brazil;

foram os portuguezes que descubriram a Terra Nova;

foi um portuguez o primeiro que deu a volta ao mundo;

foram os portuguezes que no seculo XV e XVI praticaram os actos mais valerosos do mundo;

foram os portuguezés, finalmente, que tiveram a hegemonia moral entre os mais povos europeus.

Mas, apesar déstes factos estarem afirmados e documentados os extrangeiros são sempre injustos para comnosco.

Um escriptor muito distincto como é Julio Verne n'um seu livro A descuberta da Terra, falando das viagens portuguesas é injusto e alem disso estudou pouco o assumpto; e isto vê-se pelos grandes erros que commette.

Citemos alguns. Falando da viagem de Alvares Cabral dis o distincto escriptor:

« A 12 de março de 1500 uma frota de 13 navios
" deixava o Restello debaixo das ordens de Pedro Alva-
" res Cabral.

« Embarcava como voluntario Luis de Camões
" que devia illustrar no seu poema dos *Lusiadas* o va-
" lor e o espirito aventureiro dos seus compatriotas.»[1]

O illustre escriptor Pinheiro Chagas que traduziu esta obra, neste ponto escreve numa nota o seguinte:

«. Isto brada aos ceus! Luis de Camões, nascido
" em 1524 embarcando como voluntario em 1500 na
" armada que descobrio o Brazil!»

De modo que Luis de Camões, antes de nascer, já fazia viagens!

Mais adeante vemos:

«Pedro Alvares casára com Izabel de Castro, pri-
" meira dama da infanta D. Maria, filha de D. João III»[2]

Nota de Pinheiro Chagas:

« Em 1500 já Pedro Alvares Cabral era casado com
" a dama da filha d'um rei que ainda não tinha nas-
" cido. D. João III, nasceu em 1502 e em 1500 já Alva-
" res Cabral tinha casado com a dama da Infanta D.
" Maria, filha do mesmo D. João III.

« Que precocidade a desta princeza! Já tinha

---

(1) A descoberta da Terra — II, 287
(2) Idem — II, 324

"damas antes de lhe nascer o Zae!»

Isto é quanto aos erros, mas quanto ás injustiças muito temos que falar.

Vejamos: falando dos primeiros descobrimentos diz que os nossos homens «... não desejando af-
"frontar mares desconhecidos seguiam prudente-
"mente a costa africana sem nunca della se afastar.»[1]

Mas noto Pinheiro Chagas que os nossos homens não temiam afastar-se das costas mas que tinham ordem expressa de as explorar minuciosamente.

Pois se se tratava de descobrir a Africa os navegantes deviam afastar-se das costas?

Noutro ponto do livro falando das causas da decadencia do nosso imperio colonial diz que uma dellas foi «o indomavel orgulho nacional.»

Ora fique sabendo o Snr. Julio Verne que nenhum povo colonisador teve menos orgulho nacional do que os portuguezes.

Tambem diz que este orgulho impedia a mistura dos vencidos com os vencedores.

Isto não é assim.

Os portuguezes são facilmente acolhidos pelos indigenas.

«Já teem dito alguns escriptores que a facilidade
"com que os portuguezes aceitam as femeas de qual-
"quer outra raça humana, para com ellas cohabitarem
"é um dos segredos da nossa notavel acção colonisa-

[1] Idem - II, 175

"dora. Os inglezes ligam mais importancia a essa
"questão de côr e por isso nunca são acceites pelas po-
"pulações indigenas com a facilidade com que são
"acceites os portuguezes.»[1]

Mas deixemos o que os extrangeiros dizem.

A nossa gloria ninguem nos póde tirar.

E afinal o proveito destas glorias não foi ne-
nhum. Quem realmente ganhou, foram essas na-
ções que se dizem civilisadas e civilisadoras á frente
das quaes está a Inglaterra.

Foram estas nações que cobarde e infamemente
nos roubáram todas as melhores colonias sem que
neste paiz houvesse um homem que se opuzésse a
estes roubos.

Podemos dizer que tivemos um Albuquerque,
um Francisco d'Almeida, um Pacheco, um Masca-
renhas, nomes que encheram de espanto o mundo,
mas... que mais? se o fructo do trabalho destes ho-
mens nos foi roubado?

Mas, apezar de tudo, ainda nos resta uma con-
solação, porque, no meio desta derrocada, no meio
desta enorme decadencia surge puro e sublime o
padrão onde estão gravadas com lettras d'oiro as
nossas glorias:

E' este um padrão que se póde mostrar a essas
nações que se dizem civilisadas e á humanidade e

---

[1] M. Pinheiro Chagas: Migalhas de historia portu-
gueza – VI pag. pg 57.

Pin. velhos
8

aos tempos vindouros, para que saibam que lá no fundo, num canto da velha Europa, houve um povo batalhadôr e audáz que pelo seu espirito aventureiro, não cabendo nos seus acanhados limites foi por esses mares descubrir terras que o oceano tinha até então encubertas.

E esté padrão é uma epopeia, uma sublime epopeia — chamada Lusiadas.

E' a unica consolação que nos resta.

Coimbra = 1 de abril de 1896. =

Portugal:

Snr. Presidente:
Meus senhores:

Existe um povo na Europa que outr'ora representou na historia um papel importantissimo.

Este povo foi andar a aventureiro; não cabendo nos acanhados limites que o destino lhe déra procurava expandir-se.

Por um lado a Hespanha, pelo outro o mar. O mar tinha muitas terras desconhecidas. E

«. . . . . commettendo
O duvidoso mar num lenho leve»[1]

foi o primeiro povo que iniciou os descobrimentos maritimos.

Este povo, foi o povo portuguez.

---

[1] Lusiadas — I, est. 28.

Sob o ponto de vista guerreiro foram os portuguezes desde o seu berço, dotados dum genio irrequieto, procurando sempre com as mais audaciosas emprezas buscar gloria para a sua patria.

Vê-se esse pequeno povo primeiramente combatter para alargar as suas fronteiras; vemol-o depois combattendo corajosamente contra um rei extranho que se queria apossar d'elle; depois vemol-o ainda combattendo, não com homens mas com outro peior inimigo, o Oceano e ir buscar longinquas glorias ao Oriente; e combattendo para solidificar a sua independencia, vemol-o ainda batalhar contra o despotismo hespanhol e no principio deste seculo contra o despotismo de Bonaparte.

Este pequeno povo tem sido um dos povos mais audazes.

O soldado portuguez é um dos melhores, senão é o melhor. A impassibilidade do allemão, o enthusiasmo do francez, e o sangue frio do inglez não excedem o valor do soldado portuguez. O soldado portuguez é resistente, póde passar tempo sem comer. O inglez não é assim: em não comendo não combatte e se poder apanhar o rancho d'algum companheiro, não lhe perdôa. O grande Napoleão Bonaparte fez justiça ao soldado portuguez. Nas batalhas em que entrou a Legião Portugueza, foram os portuguezes os principaes a decidirem a sorte dallas, a favor dos francezes. O proprio Napoleão chegou a dizer um dia ao conde da Ega:

— Senhor conde, não ha na Europa melhores soldados que os portuguezes.

Mas voltemos ao periodo em que os portuguezes combatiam com os mouros para, á custa destes, alargárem as fronteiras.

Neste periodo tudo parece fabuloso; e algumas lendas, como a apparição d'Ourique e as cortes d'Almacave andam misturadas com o que é verdadeiramente historico. A lucta com os mouros era enorme:

« Nas planicies do Alemtejo por onde corria o vacillante limite que dividia mouros e christãos viviam
" vida de continuada e selvagem lucta heroicos fronteiros
" cuja existencia aventurosa impressionou fortemente
" os ingenuos chronistas. »[1]

Muito e muito sangue se espalhou nestas luctas continuadas.

Ha em Coimbra um arco chamado "d'Almedina". Este nome significa « porta de sangue, pela grande
" corrente della que os christãos fizeram derramar aos
" mouros na restauração de Coimbra até aos paços do bispo
" onde a parochial egreja de S. João tomou o nome
" de S. João d'Almedina para memoria de tal victoria, e
" diz um escriptor antigo que emanára dos mortos e
" feridos tanto sangue que represára na Porta d'Almedina, por estar fechada. »[2]

Nesta epocha vemos guerreiros infatigaveis, como

---

[1] P. Chagas: Resumo da Hist. de Portugal, 22
[2] Bernardo de Brito Botelho: Hist. breve de Coimbra, 25

Giraldo - o sem pavor; D. Fuas Roupinho; Martim Moniz; Gonçalo Mendes, senhor da Maia; S. Theotonio e outros.

Todos estes homens foram valentes e leaes servidores de D. Affonso Henriques.

Gonçalo Mendes, senhor da Maia, e cognominado "o Lidador" morreu de noventa annos e combattendo. Era fronteiro de Beja, e quando completou 90 annos, em 1170, quiz dar uma sortida ao campo inimigo e com cerca de 300 homens, sendo apenas 30, os cavalleiros. Encontrou effectivamente mouros em numero de 1:500 pouco mais ou menos; e estando estes quasi vencidos foram ainda soccorridos por outros mil mussulmanos. Mas os portuguezes puzeram-nos em completa debandada.

Notavel se tornou S. Theotonio, o primeiro prior de S. Cruz de Coimbra.

Não se esqueceu delle, Camões:

«Um sacerdote vê, brandindo a espada
Contra Arronches, que toma por vingança
De Leiria que dantes foi tomada
Por quem por Mafamede enresta a lança.
E' Theotonio Prior. . . . . » (1)

Martim Moniz, no ultimo assalto de Lisboa (dizem) deixou-se cahir, crivado de feridas, á porta do Castello para o seu corpo impedir que a porta se fechas

(1) Lusiadas - VIII, 19

se e assim os christãos poderiam entrar dentro do castello.

A D. Fuas Roupinho se attribue a defesa de Porto de Móz e duas victorias navaes.

Camões tambem se não esqueceu:

«Vês este, que sahindo da cilada
Dá sobre o rei que cerca a villa forte?
Já o rei tem preso e a villa descercada:
Illustre feito digno de Mavorte!
Vel-o, cá vae pintado nesta armada
Nos mares tambem aos mouros dando a morte,
Tomando-lhes as galés, levando a gloria
Da primeira maritima victoria.

É D. Fuas Roupinho . . . . » (1)

Foi a batalha d'Ourique, sem duvida, um dos mais importantes feitos de Affonso Henriques.

Segundo Camões, os mouros eram cem vezes mais:

Julgá qualquer juizo socegado
Por mais temeridade que ousadia
Commetter um tamanho ajuntamento
Que para um cavalleiro houvesse cento.» (2)

Mas este numero parece exagerado. Contudo, o exagero não podia ser muito grande porque o inimigo eram cinco reis mouros. Ora cinco reis alliados não trariam, com certeza, um exercito muito pe-

(1) Lusiadas — VIII — 16-17
(2) Lusiadas — III — 43

queno. Mas neste tempo, os portuguezes eram portuguezes de lei; morriam mas defendendo primeiro que tudo a patria, depois a familia, a sua terra, a sua egreja e o cimiterio onde estavam as cinzas dos paes.

Alexandre Herculano, historiador imparcial num dos seus livros diz o seguinte:

«Se olhos de cavalleiros portuguezes soubessem olhar para traz nedo em som de guerra, etc.» (1)

Faz o illustre escriptor justiça aos cavalleiros da sua patria.

Uma outra pagina brilhante da nossa historia é sem duvida a pagina em que se narra a grande batalha do Salado.

Nesta batalha foi enorme a diferença chegando-se a dizer nalgumas chronicas do tempo que morreram 400 a 500 mil moiros e dos christãos só 15 a 20. Isto foi despertado pelo enthusiasmo que a victoria causou.

Segundo Lafuente, chronista hespanhol, os arabes confessavam a sua derrota chamando ao dia da batalha — dia infausto; á batalha — batalha cruel; a — matanza memorable — á mortandade que soffreram. (2)

Foi chamada a esta victoria que se deu a 30 de outubro de 1340 — Victoria dos christãos, e foi atribuida a um milagre.

---

(1) Lendas e narrativas — II, 83

(2) Historia geral de Hespanha —

Mas eu que nasci nos fins do seculo XIX digo que a victoria foi devida ao valor dos christãos.

A festa da Victoria dos christãos é ainda celebrada hoje e os sacerdotes vestem-se de roupagens vermelhas, côr do sangue derramado na grande batalha.[1]

Em 1385 um grande duello se deu entre Portugal e Castella; mas duello muito desegual e que terminou muito gloriosamente para os portuguezes em Aljubarrota e Valverde.

O heroe desta epocha, na guerra, é o grande Nun'alvares «que até depois de morto foi temido.»[2] Tinha Nun'alvares nesta epocha 26 e o Mestre d'Aviz 27 annos: «Era uma rapaziada epica!»[3]

Em Aljubarrota eram as forças muito deseguaes. Sendo os portuguezes apenas 6:000 pouco mais ou menos, venceram forças castelhanas cinco vezes superiores. Mas alem da desegualdade do numero que grande differença na qualidade e armamento dos soldados! Os castelhanos tinham um luzido esquadrão de cavalleiros, todos perfeitamente armados; tinham alguns trons que eram as primitivas peças de artilharia; e nós, relativamente aos hespanhoes poucos cavalleiros tinhamos e o resto era pionagem.

Nun'alvares commandava o centro que se compunha de seiscentas lanças; e o commandante

---

(1) Garcia de Vasconcellos: D. Isabel de Aragão

(2) B. de Brito Botelho: obr. cit.ª - 27.

(3) Oliveira Martins: Vida de Nun'alvares -

Per. velho
9

da ala direita

« Nun' Alvares Rodrigues, se diz, de Vasconcellos. »[1]

e a da esquerda era commandada por Antão Vasques d'Almada.

E o mestre d'Aviz

« Que escurecendo o preço vae, de Marte »[2]

commandava a rectaguarda. Os portuguezes iam animados dum sentimento nobre que é a defeza da patria; e nos castelhanos predominava a cubiça.

Alguns cavalleiros portuguezes fizeram votos chamados votos denodados. Só chegaram, desta batalha, dois votos, até nós; e foram-nos conservados por Fernão Lopes. Um foi o de Gonçalo Eannes que jurou per elle que daria o primeiro golpe; e o outro foi o de Vasco Martins de Mello que jurou prender o rei D. João de Castella, ou pelo menos pôr-lhe a mão em cima.

Os cavalleiros hespanhoes dividiam já entre si a presa que elles julgávam como certa. Enganáram-se. Apesar de sermos charnarros ainda lhes fizemos passar momentos amargos.

Depois desta guerra e sossegado o reino, ainda vemos o Mestre d'Aviz, animado pelos filhos, sahir pela primeira vez do reino para conquistar ter

(1) Lusiadas — IV, 24
(2) Lusiadas — IV, 25

ras africanas. E a primeira victoria foi a tomada de Ceuta.

Morreu este grande rei D. João a 14 d'agosto de 1433, anniversario da victoria d'Aljubarrota.

« O seu reinado foi o mais brilhante que teve Portugal. »[1]

Começa então a epocha gloriosa para Portugal. E' d'esta epocha que os portuguezes « os cavalleiros andantes do Oceano » vão á busca de gloria por esses mares fóra. E os seus feitos no Oriente, encheram de espanto o mundo.

O que se póde comparar aos feitos de Affonso d'Albuquerque, de Duarte Pacheco, de D. Francisco d'Almeida? Os feitos que as nossas chronicas contam parecem sobrenaturaes.

Na Vida de D. João de Castro lemos: « Passado algum
" espaço, logo que o fumo desassombrou a fortaleza, man
" dou Rumeção entrar quinhentos turcos pelas ruinas
" do baluarte abrazado, seguindo-os de tropel o restante
" do campo; porem acharam cinco valerosos soldados
" que lhes fizeram rosto sustentando largo espaço o pezo
" de tão nova batalha: verdade tão estranha que neces-
" sita de tanto valor para se escrever como para se obrar;
" porem qualificada está na confissão dos proprios ini-
" migos e agora nas cãs de tantos annos. »[2]

Mas os portuguezes desse tempo não eram como

---

(1) P. Chagas: Resumo da historia de Portugal

(2) No livro 2º.

os d'agora. Eram

« Varões excelsos que apesar da morte
Viveis na tradição, viveis na história! »[1]

Mas em seguida a estas glorias todas, veio depressa a decadencia; e o beato e inexperiente D. Sebastião veio dar o golpe fatal.

Mas, passados 60 annos surge outra vez este pequeno povo combattendo pela sua independencia e liberdade. Olivença, Montijo, Elvas e Montes-Claros lá estão para attestar o valor portuguez.

E no principio deste seculo, os soldados de Bonaparte, sempre acostumados a vencer, experimentaram o valor portuguez.

Diz-se que os portuguezes foram covardes na primeira invasão. Isto não é verdade, porque nem Junot fez uma invasão nem os portuguezes foram covardes.

Vejamos o que acerca disto diz o escriptor Pinheiro Chagas:

« O governo de Lisboa, pela sua detestavel politica fingia estar de accordo com o imperador dos
" francezes e protegia debaixo de mão os interesses da
" Inglaterra. Mas o que é certo é que ostensivamente
" tomava até medidas rigorosissimas contra os subdi-
" tos do rei Jorge. Mandava-os sahir em curto prazo
" de Portugal e confiscáva-lhes os bens. Difficilmente

[1] M. M. Barbosa du Bocage - Sonetos.

"podia o reino, que não estava no segredo da politica do
"gabinete da Ajuda, deduzir d'aqui outra cousa que não
"fosse a plena adhesão do governo portuguez ao bloqueio
"continental e ao pensamento napoleonico.
"Annuncia-se no entretanto a apparição na fronteira
"de um exercito francez. Ninguem de certo o poderia
"considerar senão como um exercito alliado que vinha
"dar força ás determinações rigorosas do principe regente
"contra a Inglaterra.
"O tratado de Fontainebleau ainda não era conhecido
"em Portugal. Mas, para dissipar todas as duvidas, se as
"houvesse ainda, veio a proclamação do principe re-
"gente ao partir para o Brazil, ordenar a todos os fieis
"portuguezes, que tratassem como amigos os soldados
"de Napoleão.
"Eram amigos mas fugia delles? O que se dizia era
"que estava coacto, que o levavam prisioneiro de guerra
"os inglezes e no meio dessa confusão de ideias nin-
"guem sabia quem eram os alliados e quem eram os ad-
"versarios, e Junot atravessava o paiz todo e chegava a
"Lisboa com 2 regimentos esfarrapados e invalidos e
"com elles tomava posse da capital do paiz glorioso, que
"tinha o seu nome assignalado nas paginas mais bri-
"lhantes da historia militar do mundo inteiro.»[1]

Mas pouco depois veio a insurreição e a guerra começou. Foi em Portugal que os francezes encontráram mais resistencia.

---

[1] Migalhas de historia portugueza — 150

Napoleão encheu de honras os soldados da Legião Portugueza. Depois da batalha de Wagram, distribuiu aos soldados de cavallaria e infanteria que eram uns 2:500, sessenta e duas cruzes da "Legião d'honra". E quando acabou esta campanha e a "Legião" foi para Paris, Napoleão passando-lhes revista, fez-lhes um discurso que terminou dizendo:

— Quero dar-vos uma prova d'estima em que tenho o vosso valor: fareis durante um mez a guarnição da minha capital.

Era esta uma honra que elle nunca concedeu, nem mesmo ás tropas francesas alheias á guarda.

Napoleão deu-lhes estas honras porque os conhecia e convinha-lhe ter soldados assim no seu exercito. Tinha razão quando disse que o melhor soldado era portuguez.

E o feito arrojadissimo do capitão Mousinho d'Albuquerque mostra que os portuguezes ainda sabem defender a honra da sua bandeira.

×

Sob o ponto de vista litterario Portugal póde collocar-se ao lado das outras nações europeias.

O desenvolvimento da nossa litteratura principia com a dynastia d'Aviz e cultivou-a o fundador da mesma dynastia e seus filhos.

E d'ahi a um seculo havia de vir ao mundo o nosso primeiro poeta, o immortal cantor das nossas glorias. Havia de vir ao mundo o tão notavel

como infeliz Luis de Camões. Onde nasceu e em que anno é ainda um enygma. Seria em Lisboa, Coimbra, Santarem, Alemquer? Não se sabe. E o anno em que nasceu? Querem que fosse em 1524 e outros em 1525.

Mas existe delle uma grande epopeia, um «grandiloquo fama» que é o bastante para dar gloria a um poeta e a uma nação.

Era Camões um patriota devotado. Revela elle nos *Lusiadas* o seu patriotismo, o seu grande talento de poeta e os seus brios de soldado

«Para servir-vos, braço ás armas feito;
Para cantar-vos, mente ás musas dada.»[1]

Camões tambem amou. Amou Catharina de Athayde. Foi esta dama, cantada com o nome de *Natercia* (anagramma de Catharina), que lhe inspirou as suas melhores poesias.

A morte da sua Natercia chegou-lhe aos ouvidos quando estava na India e com esta noticia recebeu um grande golpe. E foi nesta occasião que elle lhe dedicou o seu melhor soneto que principia

«Alma minha gentil que te partiste
Tão cedo desta vida descontente.»

Tambem foi á morte de D. Catharina que elle fez uma das suas melhores eclogas.

---

[1] *Lusiadas* — X, 155

Diz elle:

«Quem já perdeu aquelle doce riso
Que siso produzia e dava vida,
Não é muito que perca a vida e siso.» [1]

Mas adeante:

«Natercia que estes montes alegrava
E que á casta Diana fez inveja
E que com a sua vista o sol cegava,

. . . .

Ao céu se foi com aquella formosura
Que era mostra do céu, gloria da terra,
Que era o sujeito mór, de mór ventura.» [2]

Era ella o seu unico pensamento. Celebrou nos seus versos a sua

«... testa d'ouro e neve, o lindo aspeito
A bocca graciosa, o riso honesto
O collo de chrystal, o branco peito.» [3]

Mas a sua amada pagava-lhe muito mal todo o seu amor. Camões queixa-se muito disso:

«... a mór alegria
. . . .
E' que nunca sentia
No tempo em que fui vosso
Querendo-me vós quanto vos eu quero.» [4]

E numa elegia:

---

[1] Ecloga XV.
[2] Ecloga XV
[3] Canção I
[4] Canção IV

«Não porque de algum bem tenha esperança
Vos escrevo meu mal em tal estado
Que sei que em vós fará pouca mudança:
Mas já perdido, triste e magoado
Para remedio tomo escrever dores;
Esperar de vós outro, é escusado.» (1)

Camões deixou-nos esse immortal poema, foi d'um grande talento poetico, foi o homem mais superior do seu tempo e morreu pobrissimo; e senão fosse o seu fiel Jáu morria sem ninguem.

E' o que acontece a quasi todos os homens de lettras em Portugal.

Morreu Camões ao mesmo tempo que Portugal.

Mas Portugal ressuscitou passados 60 annos e Camões não. Portugal ressuscitou, não com tanta vida como dantes mas ainda vive; e Camões **não**.

Camões vive na memoria dos homens e viverá para sempre; e a sua epopeia é e continuará a ser universal e immortal.

E d'ahi a dois seculos nasceu um ente predestinado a ser uma sua imagem mas por acabar.

E esse ente tinha de ser um desgraçado; havia de amar mas não como o Camões e não comprehendendo tão bem o amor como o seu modelo. Havia de ser este ente como um palido reflexo d'um sol que se sumiu dois seculos antes.

Este ente chamou-se Bocage. Foi um desgraçado;

---

(1) Elegia XIII.

Pec. velhos
10

morreu como o Camões, pobrissimo. Morreu depois de uma vida tumultuosa, agitada, quér pelas suas bréves aventuras amorosas quér pelas luctas litterarias que sustentou contra varios poetas contemporaneos.

Elle proprio o confèssa:

«. . . . . Tivera algum merecimento
Se um raio de razão seguisse pura.» (1)

Bocage, comparando-se a Camões diz num soneto:

«Camões, grande Camões, quão similhante
Acho teu fado ao meu quando os catejo!
. . . .
Modelo meu tu és... Mas, oh tristeza!
Se te imito nos transes da ventura
Não te imito nos dons da Natureza.» (2)

×

Da litteratura contemporanea em Portugal não fallo. Porque a litteratura contemporanea em Portugal não é litteratura portugueza: é litteratura franco-portugueza predominando mais o francez que o portuguez...

Ainda não bastavam os males que affligem o paiz e ainda esses senhores nephelibatas vêem deturpar a nossa lingua!

---

(1) Sonetos.-

(2) Sonetos.-

Já no seculo passado Antonio Diniz dizia que

«O saber francez é saber tudo!»[1]

E agora o que será, Deus do céu! Mas para terminar direi que a palavra _nephelibatismo_ quer dizer _ignorancia_.

Coimbra = 5 de abril de 1896. =

---

(1) _O Hyssope_ — canto V.

III

= Fernão Moniz =

Tentativa frustrada de romance histórico dos fins do seculo XIV.

Nota:

Se me não falha a memoria foi este romance a obra em que primeiro pensei.

Ainda em 1895 eu procurei formar o plano, suggestionado pelos romances de Herculano, Cunha e Sá, e outros, mas só em 1896 lhe dei começo effectivo.

A primeira tentativa devia ter sido pelos principios deste anno, como o parece indicar uns linguados de papel em que escrevi; a segunda já tem a data de 15 de novembro do mesmo anno e chegou apenas ás primeiras linhas do capitulo IV, occupando tudo apenas uns modestos 14 linguados de papel pautado; a terceira tentativa, que tambem só chegou ao fim do capitulo III, tem a data de 12 de novembro de 1897 e devia ter sido toda feita nesse anno se bem me recordo.

As differenças que fazem umas das outras é que se vão successivamente ampliando; a primeira chegou até cinco linguados, a segunda quatorze e a terceira trinta e seis. De resto, a forma litteraria é natural que se vá, de umas para as outras, aperfeiçoando.

Aqui vae transcripta a terceira tentativa do romance <u>Fernão Moniz</u>; julgo desnecessaria a transcripção das outras visto que a terceira que ficou <u>definitiva</u> ia annullando a segunda que por sua vez annullou a primeira.

x

Neste volume, adeante, a fg 337 vae uma ideia do que seria o romance se eu, com a inconsciencia dos criminosos, o tivesse acabado.

Coimbra = 18 de junho de 1908.

I

O combate de Sta Catharina

O dia 28 de maio terminára glorioso para o Mestre de Aviz. O valor e altivez dos seus cavalleiros e defensores mostrára mais uma vez qual a disposição do povo de Lisboa para com o rei de Castella.

Desde manhã, de manhã cedo, que os habitantes da cidade viam aparecer por cima das collinas circumvisinhas as vanguardas da grande e soberba hoste que D. João de Castella trazia para a subjeição do povo portuguez.

Isto inquietava-os: porque desejosos e amigos de liberdade viam-se obrigados somente á defeza, dentro dos fortes muros da cerca. Porem, quando os castelhanos começavam o acampamento e quando o rei de Castella, em pessoa, do alto do monte Olivete contemplava o panorama da cidade que elle desejava tomar, e alguns soldados e cavalleiros riam e escarneciam da pequenez e da altivez da velha cidade do Tejo, alguns defensores do Mestre, por dentro dos muros vendo a arrogancia dos inimigos, não po-

...c. velhos
11

deram conter-se e saltando por cima das leis que o Mestre lhes impôz, abriram a porta, a de Santa Catharina, e eil-os desafiando os soberbos castelhanos que se julgavam já de posse do paiz.

Estes, ao principio, não ligaram importancia e o rei de Castella vendo que vergonha seria deixal-os estar sem lhes fazer mal e vendo os seus cavalleiros pouco dispostos a fazel-o, elle proprio desceu a viseira e caminhou para o punhado de rebeldes; vendo o rei disposto a combater, uma chusma de cavalleiros castelhanos e portuguezes renegados atirou-se á redea solta pela colina abaixo ao encontro dos portuguezes que, firmes, enristando as lanças e os chuços e carregando as béstas, esperaram o encontro firmes e sem medo.

O encontro foi terrivel; as lanças voaram em estilhaços, alguns defensores morreram; mas alguns virotes portuguezes e algumas lançadas fizeram tambem amolgar e despedaçar muitos elmos emplumados cujas plumas ao vento vinham altivas e victoriosas mas que agora só sentiam por cima de si os pés dos ginetes ou dos rudes homens d'armas.

A lucta, torna-se terrivel; cada vez, cada vez mais horrivel!

Uns querem passar avante, querem galgar as muralhas; outros não deixam, querem repelil-os.

Mas apesar de tudo, da heroica abnegação dos sitiados que sahiram das muralhas, dos rudes golpes de lança ou de bésta que fazem, os cavalleiros do rei

de Castella, viram recuar deante de si os peões rebeldes que os desafiaram.

O Mestre, da torre de Alvaro Paes, olhava para tudo isto; viu a rebeldia do seu povo que lhe desobedecera; viu a investida dos cavalleiros que já estavam perto da porta de Santa Catharina; e descendo da torre, corre immediatamente á porta e fecha-a.

Os de fóra, viram-se apertados entre a muralha e as lanças dos cavalleiros; cobraram novo animo, as forças duplicaram-se; investiram furiosamente contra os cavalleiros que talvez na sua phantasia já vissem os muros da cerca arrazados para dar passagem aos seus fogosos corceis, á sua brilhante cavallaria. E ei-los, deante desses filhos do povo, a fugir, a bem fugir pela encosta até ao acampamento tão tristemente começado.

É que esse punhado de valentes que tinha sido obrigado a combatter, duplicou as suas forças e no seu esforço fizera fugir o brilhante esquadrão da hoste do rei de Castella.

Se houvera crime, desobedecendo ás ordens do Mestre, esse crime estava perfeitamente resgatado por o feito que praticaram. E realmente bastava olhar para a encosta do monte Olivete: uma multidão de cavalleiros e vae subindo, mas triste e lentamente; os elmos e os brilhantes arnezes e escudos vão despedaçados e sujos; os corceis que desciam galopantes, ardentes, requiosos de combate, agora vão ficando mortos pela encosta.

E não foi sem alegria, certamente, que este espectaculo era visto pelos habitantes da cidade que dos altos das muralhas e dos pontos mais elevados os apupávam como o povo rude do tempo apupava o jogral que não se sahia bem das suas bufonarias e visagens.

A campanha, pois, começára bem. Os prognosticos eram bons. O Mestre mostrava-se alegre e satisfeito com o seu povo que tanto lhe queria. E o sol d'esse dia, ao desaparecer podia levar comsigo as alegrias de um e as tristezas, lagrimas e tristes desillusões do outro.

E' que os muros da cerca de Lisboa eram mais altos do que se pensava; e a ideia que se defendia dentro desses muros era uma ideia digna e generosa que havia de vencer a todo o transe, custasse o que custasse: era o sentimento de liberdade e patriotismo que agitava os puros corações do seculo XIV, do povo do mestre d'Aviz.

Com o anoitecer, a cidade começava a socegar; os guerreiros a descançar das fadigas da lucta. Organisavam-se as roldas e sobre-roldas para o serviço nocturno nas torres e muralhas a que o Mestre se não escusava.

Já noite velha, quando a cidade estava completamente em repouso, em que o silencio só era interrompido por algum grito longinquo de sentinella de vigia n'um angulo ou quadrella de muralha, quem passasse ou estivesse no Largo da Sé, veria vir do lado da Porta-do-ferro e cosendo-se com as paredes, um

cavalleiro cujo aspecto mostrava ser ainda novo, com com as armas cobertas de pó e sangue dos combates do dia. Depois de atravessar o largo, o cavalleiro caminhou por uma das estreitas ruas que formávam o bairro junto á Sé e que seguia mais ou menos a parte sul da egreja.

A' distância dum credo, mais ou menos, o cavalleiro parou em frente dum palacio — se assim se póde chamar ás habitações ricas dos fidalgos da epocha — de construcção antiga, do seculo XII, todo n'esse bello e pesado estylo romanico de que hoje tão poucos exemplares existem; e tirando da escarcella uma chave, abriu uma porta e entrou. Não foi pelo portal grande e profundo, com arcadas de lindos capiteis que elle entrou: foi por uma pequena porta situada já fóra do corpo principal da casa e que parecia ser de entrada particular.

Se o seguirmos, leitor, pois precisamos de o seguir e ver o que elle vae fazer a deshoras aquella casa-fortaleza, vel-o-hemos subir por uma estreita escada em caracol cavada na espessura da parede; mas quando chegarmos ao cimo, o panorama que della se disfructa compensa-nos bem o trabalho da subida.

A escada dava para um terrasso triangular que mais parecia ser angulo de muralha que recreio de habitação; porque duma grande altura dominava toda a cidade baixa e deitava sobre as pequenas casas que em baixo se amontoavam. A base do triangulo era formada pela parede da casa e o vertice superior

era a parte mais saliente do terasso que deitava sobre as velhas casas do bairro da Sé.

O panorama que o cavalleiro, ao chegar ao cimo tinha deante de si, era amplo e triste. Para o sul, a faixa escura do Tejo, devisava-se algum tanto, onde se flectiam aqui e alem as luses de algumas almenáras do acampamento, prestes a extinguirem-se. Sem distinctamente tambem, se via uns vultos movediços que pela escuridão da noite tinham alguma cousa de phantastico: eram as náos e galés do rei de Castella que completavam o bloqueio da cidade para que ella ficasse incommunicavel, sem defeza e se render. Illusão!... Para o poente e norte via-se limitando o primeiro horisonte as collinas onde o rei de Castella assentara acampamento; aqui e alem, algumas luses e almenaras amortecidas mostrávão só que era ali que estava o poder que havia de dominar Portugal; e na parte baixa, no valle, via-se a cinta de muralhas da cerca de D. Fernando, apertando a cidade, via-se o local do combate da manhã, os campos de Valverde, e a encosta do monte Olivete. E isto tudo, leitor, acrescentado á escuridão da noite, illuminado somente pelas estrellas, constituia um melancholico quadro.

As arvores que dominavam as collinas do acampamento pareciam cypestes, tristemente esguios, apontando para o céu, para o outro mundo; as mortiças almenáras similhavam lanternas de coveiros e as náos e galés baloiçando com as ondas do rio,

tinham a parecença sinistra de esguios caixões que esperavam impacientes os cadaveres para a cova...

O cavalleiro chegou ao cimo e parou: contemplou apparentemente tranquillo o panorama num momento e depois voltou-se para a parede da casa que tinha uma porta e uma janella para o terrasso.

Nós seguimol-o, leitor, continuamente; e se és nervoso algum calafrio e algum medo has-de sentir ao dar com o sinistro quadro; mas fortalece-te e socega que iremos espreitar o cavalleiro.

Este, ao voltar-se, vio na janella um vulto envolto em fina mantilha e que parecia olhar attentamente para o arraial; e tão attentamente que nem deu pela chegada do cavalleiro que approximando-se d'ella poisou-lhe um beijo na mão que se aventurára fóra do parapeito da pequena janella.

Isto chamou-a á vida, á realidade deste mundo. Olhou para o cavalleiro e os seus olhos macerados e tristes, cançados de lagrimas, brilháram com um brilho sincero e franco ao mesmo tempo, traduzindo uma esperança de pura felicidade, uma passagem deste mundo para o mundo imaginário do seu sonho. Era a sua suprema felicidade.

E num sorriso triste disse ao cavalleiro que a contemplava mudo e socegado:

— Já te não esperava, Fernão... Julgava-te no céu...

E as lagrimas, sem querer, rebentaram-lhe com força.

— Morrer, Maria?... Impossivel!... E como queres que um cavalleiro do Mestre morra ás mãos de perdidos e traidores?

— Meu Pae viu-te combatter, respondeu a dama, em Santa Catharina, no mais forte do combate e eu julguei que não aguentasses... E resei, Fernão, resei, sem saber se pela tua vida se pela tua alma...

— Seria de mais! A morte!... Não, os defensores do Mestre hão-de viver sempre. Sim, porque a causa é justa e é nobre.

— Mas vejo-te agora vivo e é a minha felicidade... Nada mais quero...

Como vês, leitor, são dois namorados. Iremos ouvir o resto.

— O combate foi terrivel, começou o cavalleiro. Uma chusma de peões abrindo a porta de Santa Catharina, foi desafiar os castelhanos e no afan de saida eu, que guardando as ordens do Mestre quiz conservar a porta fechada, fui um dos que fiquei fóra com teu Pae. Os castelhanos carregaram, nós aguentámos mas tivemos que recuar; nisto, atraz de nós, sentimos uma porta a fechar-se e olhámos: era o Mestre que nos deixava fóra gritando que continuássemos que elle nos ensinaria a ser bons cavalleiros... Era um castigo; era a expiação da nossa culpa o combate que travámos. O conde Gonçalo Tello gritava já: «avante, cavalleiros, que é por aqui o caminho para minha casa!» Nisto elle e teu Pae encontraram-se; o conde atirou-lhe tal lançada que elle

apesar do seu valor e força, teve de ceder e cahir de lá em braços. Investi com elle; defendeu-se bem, e eu já tinha certa a victoria quando um outro cavalleiro, garridamente vestido se veio pôr entre mim e elle. Atirou-me um golpe com a espada, que eu aparei no escudo e gritou-me:

«— Sabe, sandeu, que esta espada é melhor que o teu punhal!»

«Não foi feliz com a sua arrogancia: que eu ainda que carregado com o peso de tantas lançadas pude puxar do montante e descarregal-o sobre o seu altivo elmo. O misero cahiu de chofre e o seu corcel sentindo-se sem dono correu ao longo da muralha talvez já sua conhecida — porque o cavalleiro cahido era um portuguez renegado. Era Affonso Eannes...

— Morreu?...

— Não sei se morreu mas isso teria sido melhor. Outro cavalleiro veio impedir que eu completasse a vingança que te jurei aqui, neste mesmo logar e só depois de grandes esforços conseguimos que esses malditos voltassem costas á cidade que elles nunca hão-de possuir. Mas se a vingança não ficou hoje completa, juro-te que o será quando o tempo se offerecer. Jurei e cumpro: palavra dum cavalleiro do Mestre.

— Confio, Fernão....

— Naturalmente, em breve, teremos outro combate porque o rei de Castella parece disposto a tomar

[illegible]
12

a cidade; mas se ainda o não tiver visto, depois do cerco terminar irei procural-o a Castella ou onde elle estiver e então o meu punhal passará pela vergonha de se sujar no sangue de um traidor.

— Que males que veem causar estas gentes á nossa terra! Como o cerco parecerá longo!

— Mas bréve será, Maria, mais bréve do que se pensa. Deve ser terrivel porque temos combre nós a fóme e as boccas são muitas. Mas o nosso valor... oh! esse, nunca acabará! nunca a nossa ideia ha-de ser abatida por aquelle castelhano maldito!

E apontava para o arraial com gesto ameaçador.

— Ha-de acabar quando Deus quizer...

— Maria!... Vou dizer uma blasphemia que Deus, de certo perdoará. O cerco não se acaba quando Deus quizer, mas sim quando nós quizermos!

As mãos continuávam no seu triste ondular; o vento norte fresco e vivificante trazia os longinquos murmurios das folhas das arvores que fazia mover; e as estrellas, no infinito, brilhantes, a luzir, continuávam no seu posto como que a guardar, como sentinellas deste mundo.

— O tempo em que estamos, Maria, continuou o cavalleiro, já não é o tempo em que mandava o rei fraco e a vil barregã que se chamou rainha; não! muito ao contrario! Hoje á nossa frente, a protejer-nos e a mandar-nos, temos esse santo Mestre que ha de ser o nosso rei e Nun' alvares, esse cavalleiro novo, similhante aos an-

tigos paladinos, aos cavalleiros da Tavola-redonda como tenho lido nos livros de cavallaria. Hoje, já aquelles malditos não entram assim no reino, como entravam, sem o rei lhes sahir a campo por covardia; não, os defensores d'agora olham frente a frente os inimigos, sem nunca lhes voltar as costas; ousam desafial-os cara a cara, como hoje se viu. O Mestre enfim, vencerá, e saberão esses maldictos quanto elle vale.

— Deus te oiça, Fernão... Mas o cerco, o cerco... se elles entram na cidade...

— Entrar na cidade?!... E' tentar o impossivel Maria! Isso seria a suprema gloria e que seriam indignos d'ella! Não, de modo algum, isso não se realisará. Dentro da cidade todos trabalham. Os homens, velhos e novos, na defeza das muralhas e barbacans; as mulheres tambem trabalham e cantando e os frades, quando ouvem os sinos das muralhas chamar ao combate, deixam o silencio do claustro e veem com as melhores armas defender o sitio atacado, como guerreiros experimentados. O Mestre mostra-se satisfeito e a sua victoria, em breve, será apregoada por todas as Hespanhas. Nun'alvares lá anda pelo Alemtejo em busca de castelhanos, adeante da sua pequena hoste, para ver se consegue para o Mestre apoderar-se do que direitamente lhe pertence. Emquanto estes dois cavalleiros estiverem comnosco, o nosso estandarte ha-de continuar sempre victorioso.

O cavalleiro calou-se; o vento continuava a trazer as modulações extranhas das florestas e das arvores proximas que se ia juntar ao murmurio do Tejo roçando pelas pedras do caes ou pelas amuradas da frota castelhana, e lá ia para o sul, caminhando rapido, levar essa musica nocturna. E as estrellas no infinito, com a sua Egualdade immensa, eram como que as candeias que a Natureza dispôz para illuminar o mundo.

— A noite passa depressa, Fernão. Parece-me que para alem, já vejo o horisonte mais claro, disse a dama.

— O dia em breve virá e eu partirei. O Mestre que está rondando as muralhas espera-me; contei-lhe tudo, Maria, abri-lhe o coração para elle me dar a licença de vir ver-te. Mas demorei-me de mais e devo já partir. Adeus, que breve voltarei a ver-te.

Deu um beijo na mão da dama e mettendo-se pela estreita escada, desappareceu.

Maria recolheu-se e fechou a janella; e ajoelhando em frente duma estatua da Virgem começou a rezar fervorosamente por Fernão, o cavalleiro enamorado e pela sua terra.

E se — quando o Sol despontando no Occidente, veio dar vida e luz a toda a natureza — espreitassemos pelo postigo da janella, vel-a-iamos ainda, devotamente, a rezar.

II

Cinco mezes antes.

Depois do rei D. Fernando morrer, uma das cousas em que mais se fallava entre o povo e nobreza era a morte do conde de Ourem, João Fernandes Andeiro.

A «má fama» que havia das relações entre Leonor Telles e o conde, ao principio era dita em voz baixa, como cousa ainda incerta; mas agora, depois principalmente, da morte do rei, esse murmurio tornou-se em censuras e reclamações ditas em altas vozes para quem quizesse ouvir; e em breve; esse proceder do povo tornou-se quasi geral, espalhou-se pelo paiz.

Era o povo querendo vingar com um assassinio a deshonra do seu rei que tanto aconselhára mas que nunca lhe deu ouvidos; era a desafronta da arraya-miuda que não queria que o nome e a linhagem do seu rei fosse insultada pelo fidalgo galego que se introdusira em Portugal em busca naturalmente de fortuna, como um aventureiro.

Os tumultos que houve pela morte deste aventureiro são daquelles exemplos que mostram e determinam o caracter dum povo. Porque o povo de então, do fim do seculo XIV, não tendo ainda a comprehensão e as ideias do que era a liberdade que foram apregoadas só quatro seculos depois, tomava o rei como seu senhor natural, como o possuidor das suas vidas e dos seus bens, como o seu unico senhor neste mundo. E assim ia vivendo contente e satisfeito, resignando-se com a tyrania emquanto esta não excedia os limites da sua paciencia. Porque, se excedesse, a amisade e o amor eram coisas que desappareciam do coração popular para dar logar ao odio, á vingança, á desafronta.

O povo portuguez — o possuidor das mais heroicas tradições — foi desde o seu nascimento sempre fiel aos seus reis, sempre seu amigo. O seu rei e a sua patria, eram a sua alma. Foi sempre docil e facil de domar porque a vontade do rei era a sua vontade.

Acostumado á justiça e rectidão da dynastia de Affonso I e á sua relativa liberdade e aos liberalismos do seu querido rei justiceiro, extranhara muito ~~——~~ o governo do seu successor que, não attendendo aos seus conselhos repetidos se precipitou e ao seu povo em questões graves e de que se sahia sempre mal.

Mas o seu povo — o do rei formoso — lembrava-se que elle era o filho querido do seu rei

D. Pedro e não queria que, de modo algum, a honra de sua linhagem, fosse suja ou mesculada; e incorrendo em perigos elle aconselhava ao monarcha o que devia fazer.

D. Fernando, depois de rei, apaixonou-se — parece que sinceramente — por Leonor Telles, dama de sua irmã; e levou a tal ponto a sua ~~sua~~ paixão que intentou casar com ella. Saltou por cima de todas as dificuldades: não olhou a que ella era já casada; não olhou a que tinha já promettido o casamento com a filha de Henrique de Trastamara; não viu as inconveniencias d'isso e os transtornos que podia causar para o seu reino; fechou os olhos a tudo e os ouvidos aos que o aconselhávam e quiz casar com Leonor Telles. E o seu povo prevendo tudo foi em tumulto e em grande grita ao paço, a aconselhal-o; o rei não o quiz ouvir e fugiu para Santarem depois de ter faltado á sua palavra.

E o povo resignado, prevendo a vingança, subjeita-se a tudo, e até a ver o alfaiate andar dependurado na forca com as mãos decepadas, como paga dos seus bons conselhos e prova da tyrannia do seu senhor.

Depois o rei aventura-se numa guerra desastrosa com Castella; o reino é devastado, o povo é roubado. Mas é ainda este que lança mão das armas, que esquece as injurias e máus tratos que soffrera, e vae pressuroso defender a sua patria e o seu rei, que o não quiz attender.

E' que a amizade do povo é certa e é franca e sincera, como é franca e sincera a alegria dos campos, dos prados e dos arvoredos; e é certa como a de um cão fiel que não sente os pontapés e as chicotadas do dono e por quem arrisca a vida se fôr preciso para que este continue a viver para o seguimento dos máus tratos.

Mas o rei nada viu e nada attendeu; e o povo resignou-se.

Chegou porem a hora que o destino tinha marcado para o final da existencia desse infeliz monarcha e o povo então fez valer as suas forças, mostrou-se altivo com os seus direitos. E é então que o povo é terrivel: porque, semilhando a uma tempestade que se condensa a pouco e pouco e que dado um certo abalo ella irrompe furiosa e ao mesmo tempo admiravel e sublime, o povo, deixando accumular as injurias e tyrannias, esperou pela morte do rei para poder tirar o desagravo de sua dignidade offendida!

E' que a liberdade de quando a quando illumina-o, inspira-o, apesar da rudeza da epocha que afogava essas allucinações e desejos do Bem-estar e do Ideal, nos actos impuros da realidade deste mundo.

Era pois preciso vingar com um ou mais assassinios as injurias e agravos recebidos anteriormente; era preciso procurar novo modo de vida, novo rei, para o governar melhor, para lhe dar

mais garantias da sua liberdade. Era preciso que uma victima expiasse a culpa do monarcha. E a victima designada ha muito e escolhida era o conde de Ourem, João Fernandes Andeiro.

As suas relações com a rainha, a sua preponderancia ~~da~~ no governo e alem disso as suas qualidades de extrangeiro e aventureiro, tornávam-no de tal modo antipathico aos olhos de todos que a sua morte ha muito estava preparada.

Com o fallecimento de D. Fernando os acontecimentos precipitaram-se: o unico herdeiro legitimo era a rainha de Castella e o governo do reino estava nas mãos do conde.

A ira concentrada do povo desenvolveu-se então: não quer nem um nem outro. Repelle a ideia da subjeição extrangeira e odeia o governo do conde. E para resolver a questão o que era preciso?

Uma victima!

E essa victima estava de ha muito designada: o Andeiro. Morrendo este, o povo ficava com menos um inimigo. E foi o que aconteceu.

Já em vida de D. Fernando se projectára a sua morte; mas D. João Affonso, irmão de Leonor Telles, que o tencionava fazer, não se sahiu bem. Varias tentativas houve mas a verdadeira hora não tinha soado. Esse feito só cumpria ao Mestre de Aviz.

E de facto, um dia, apparece-lhe o popular Alvaro Paes, o velho chanceller de D. Pedro I, dizendo que

só a elle competia o feito, elle, que mais que nenhum outro era interessado, quer vingando a honra de seu irmão, quer satisfazendo a vontade do povo e a segurança da sua propria vida.

O Mestre aceita a arriscada empreza mostrando, como diz o chronista «a diferença dos filhos dos reis aos outros homens»[1] e no dia seguinte á sua partida para fronteira de Riba d'Odiana, volta a Lisboa dizendo que levava pouca gente entrando na cidade pela madrugada do dia 6 de desembro de 1383.

Agora, leitor benevolo, visto estares um pouco ao facto do que necessitavas saber antes de assistirmos ás desordens deste dia, não deixaremos passar nada desapercebido, seguiremos constantemente o Mestre d'Aviz neste notavel dia; assistiremos a um desses momentos de furia popular que tornam terrivel e ao mesmo tempo admiravel — o povo.

Entrado na cidade e tendo mandado recado a Alvaro Paes, o Mestre dirigiu-se logo para o paço da rainha.

Ao subir a escada tornou-se geral entre os cavalleiros que o acompanhávam o fim que ali o levava. Grande extranheza e profunda impressão causou no paço a entrada de tantos cavalleiros armados em pleno tempo de páz; mas não menos medo e temor pôz no coração do conde d'Ourem e da rainha.

A entrada dos cavalleiros na camara real, entre

[1] F. Lopes: Chronica de D. João I — Parte I, cap. VII.

da que não pode ser impedida pelos porteiros, aquelle estava de joelhos — talvez em adoração — aos pés de D. Leonor e «começava de lhe fallar passamente...» diz o nosso velho Fernão Lopes[1]; estavam tambem outros cavalleiros entre os quaes o conde de Barcellos. A entrada causou alvoroço mas a rainha aparentando sempre serenidade perguntou a razão dessa entrada tão brusca e louvou muito o costume dos inglezes que nunca entrávam armados em aposentos de damas. O Mestre respondeu-lhe que não levava gente sufficiente para a defeza da fronteira de «Antre Tejo e Odiana» que lhe estava confiada, sendo este pedido satisfeito pela rainha.

Parece, o conde de Ourem, pressagiava desgraça; o seu coração não estava sereno; convidou o Mestre para comer comsigo, o que não foi acceite apesar de ser pedido com instancia.

Talvez tremesse quando, querendo ir-se embora, o Mestre lhe disse que ficasse, que lhe queria falar; e mais tremeria quando o levou ao vão de uma fresta e lhe disse:

— Conde, muito me maravilho de, sendo eu vosso amigo, vos trabalhardes para a minha deshonra e morte...

O conde quiz desculpar-se; não teve tempo: o punhal do mestre d'Aviz voara rapido do seu cinto para o ferir na cabeça. Tentou fugir. Debalde!...

---

(1) Chronica — idem, cap. X

Ruy Pereira bem vira o movimento e o seu esboque d'armas era bem firme para que não matasse lógo aquelle a quem fosse apontado.

E assim, deshonradamente, morreu esse aventureiro gallego que torvou bastante o periodo em que vivera.

Estáva acabado o feito; o Mestre d'Aviz tinha vencido; estáva preparado para ser recebido pelo seu povo, para se lançar nos seus braços fieis e seguros que o haviam de aclamar e elevar ao supremo mando da monarchia. E podia lançar-se sereno e seguro porque os braços populares eram sinceros no seu auxilio e não fraquejariam senão morrendo; a alegria do povo vendo triumphar o seu defensor era espontanea e fiel e a sua força, neste momento valeria mais que um exercito disciplinado.

O exercito muitas vezes atraiçôa; o povo nunca, a alma popular foi sempre fiel á sua palavra, seguindo sempre os principios da justiça que elle julga bos.

O Mestre, antes da morte do conde, prevendo más consequencias, deixou um pagem á porta do paço, para que na ocasião em que elle matásse o Andeiro, este corresse pela cidade até á casa de Alvaro Paes dizendo que matavam ao Mestre e que acudissem!

O alvoroço, com esta noticia, foi grande; o povo começou a juntar-se em volta do paço; queria ver o Mestre, exigia-o, senão entraria á força.

As portas fechadas davam maior certeza ao que se dizia. A grita augmentava. Das ruas visinhas do paço uma multidão sahia para se juntar á que já estava, trazendo alguns, carqueja e lenha para deitarem fogo ás portas se preciso fosse.

Debalde lhes berravam de cima que o Mestre estava vivo, que se pacificassem; nada conseguia acalmar o espiritos exaltados pela violencia feita a uma das suas mais caras sympathias; nada os socegava sem a vista do Mestre.

Este, emfim, resolveu mostrar-se; vendo que sem isso o povo entraria no paço á força; e chegando a uma janella, mostrou-se aos olhos do seu povo querido. O que então succedeu: as alegrias e lagrimas de alegria do povo, as aclamações de jubilo, os doestos que dirigiam á rainha, as provas de sympathia pelo Mestre, descreve-nos o nosso ingenuo chronista num bocado excellente e commovedor da sua prosa simples e insinuante.

E o Mestre, seguro do amor da arraya-meuda, montou a cavallo e, levado em triumpho, foi para casa do conde João Affonso, onde tinha combinado ir comer.

Nas ruas povo e nobreza acotovelava-se, discutia-se, fallava-se alto.

Depois do Mestre ir para casa do conde, entre a multidão nas ruas, dois olhares inimigos encontraram-se; inimigos certamente, porque o brilho rapido e fugitivo que de ambos os olhares esca-

UNIVERSIDADE · LIVRARIA DA UNIVERSIDADE

por, mostrou que algum abysmo, abysmo fundo, havia entre elles. Fixaram-se mutuamente, por alguns instantes, porque a multidão separou-os no meio do alvoroço.

Um dos olhares era o do cavalleiro Fernão Moniz um dos que acompanhou o Mestre quando entrou no paço; o outro era o do escudeiro Affonso Eannes.

O povo continuava no seu alvoroço. Os sinos repicávam todos em signal de alegria; mas reparando-se que a Sé era a unica egreja em que não repicávam, os alvoroçados reclamáram-no. Mas, o bispo D. Martinho tinha a desgraça de ser castelhano e ai d'elle se a ira popular se lembrasse d'isso! O respeito e a inviolabilidade da Egreja eram desta vez violados sómente para a satisfação da vingança.

E de facto, o povo entrou á força na Sé, por uma fresta e procurou o bispo que fugiu a acolher-se á torre mais alta que tinha na sua cathedral; mas para mais alto que fosse, a sua morte era certa porque não tardou a ser despenhado do alto para a rua onde se amotinávam os populares.

O cavalleiro Fernão Moniz que no capitulo antecedente o leitor e eu ouvimos fallar com uma dama num terrasso solitario do bairro da Sé, deixara-se levar pela onda; assistira ao tragico fim do bispo D. Martinho, vira o seu corpo depois de largado vir roçando pelas paredes denegridas e asperas da velha cathedral até cahir como massa inerte no meio da rua e ser depois maltratado e des-

pido pelos que estavam em baixo, á espera do despojo.

— E tudo isto causado pelo Mestre! disse uma voz imprudente bastante, atraz delle. — Parece-me que o matava!

Fernão conheceu a voz. Voltou-se: era Affonso Eannes.

— E porque o não fazeis? O Mestre está em casa de João Affonso; ide depressa que o encontrareis... Sois valente que sois!...

Arrojado era — audacia até — o que Affonso Eannes dissera. Um simples escudeiro, no meio do povo enfurecido a querer insultar o Mestre e um dos seus cavalleiros!

Extranheza causará, de certo. Mas ouviremos o resto, leitor:

— O dia já está bem cheio, continuou o escudeiro; não é preciso mais.

— Já esperava a desculpa, Affonseannes...

— Desculpa? Não, de modo algum! O meu punhal é que se recusa a sujar-se em sangue de traidor!...

— De traidor?...

— Sim, de traidor! D'um homem que entra nuns paços de rainha com cavalleiros armados e ataca um cavalleiro indefeso, á traição, num vão de uma fresta! Será leal, isto?

— Olhae, Affonseannes que não estaes sosinho: vede este povo, em volta, em furia...

— O povo!... oh, não o temo! Que venha!... Que fará elle? matar-me?... oh! é grande a façanha! Um contra tantos...

— Se não tendes medo á morte, eu é que não quero ouvir essa palavra de traidor. Se a repetis, a vossa vida correrá perigo.

Fernão levára á mão ao punho da espada; Taunes, de punhal em punho esperava talvez o ataque.

— Julgaes que vos temo, cavalleiro? disse o escudeiro. Por Deus!... Nem a vós nem a muitos traidores como vós! Ide chamar o Mestre para que vos acuda...

— Ah infame, que vaes pagar caro o que disseste!

E Fernão avançou para elle.

— Entrega o teu punhal, que eu te farei castigar como mereces, vil traidor e perdeu!

— Não te temo, Fernão, não te temo! E não te temo porque sei que vaes a deshoras a um terrasso solitario por detraz da Sé falar com nobre dama...

— Vil!...

— Sim, com nobre dama que tu deshonraste, que hoje, mulher perdida se te entrega nos braços em infame mancebia. A'la fé que sei tudo, que violaste a honra e santidade daquella casa, da casa de Vasco Martins que, velho trôpego, ignora a perdição da filha.

— Covarde! que vaes ver o que vale a minha espada! Defende-te!...

Fernão tirou a espada, mas Taunes auxiliado pela

multidão pôude escapar. O cavalleiro debalde o procurou; mas teve de resignar-se a deixar para outra occasião a sua vingança.

O povo continuava nas correrias. Tudo que fosse castelhano era cousa perdida; e gritando e gesticulando, repelindo a ideia da subjeição a Castella, e o governo da Rainha, a massa popular começou a abrandar para a noite pensando e sonhando que o unico salvador era o Mestre d'Aviz, o seu messias.

Mas, leitor, deixemos o povo nas suas correrias e desvarios e vamos ver o nosso cavalleiro Fernão Moniz que se travára de rasões com o escudeiro.

O cavalleiro continuou seguindo o povo, talvez em busca do seu inimigo; e quando chegou a noite, se o seguirmos vel-o-hemos ir ao mesmo terrasso a que foi no antecedente capitulo e falar com a mesma dama.

Contou-lhe os incidentes do dia, a questão que tivera; e as injurias que lhe foram dirigidas a elle e a ella. E declarou que ali fôra para lhe dizer que a injuria havia de ser vingada; não havia, nem podia ficar impune. Os seus brios de cavalleiro e de fidalgo impunham-lhe a desafronta; as antigas tradições da cavallaria, dos bellos tempos, ainda lhe brilhávam e se mostrávam vivamente no seu espirito juvenil e belicoso. E a honra e a da linhagem da sua amada, se não poderam ficar sem nodoa, sel-o-hiam com o tempo.

— E, terminou o cavalleiro, tomo por testemunho

Pec. velhos
14

as estrellas que nos veem e Deus que nos vigia! E' juramento d'um cavalleiro do Mestre.

E despediu-se e desceu do terrasso.

Tempos depois, o cavalleiro Fernão Muniz soube que o seu inimigo e difamador se refugiára em Castella e se collocára ao serviço de D. João I.

E quando este rei veio com o seu grande e soberbo exercito pôr cêrco a Lisboa, soube tambem que o escudeiro vinha nelle, mas já elevado ao grão de cavalleiro.

III

Os Menezes

Ao sul da provincia do Minho, numa colina suave, coberta de viçosa verdura e copado arvoredo, na margem direita do Douro, via-se outr'hora, no tempo desta nossa história, o vasto solar dos Menezes.

Assentado altivamente numa colina sobranceira ao rio, tinha ante si o panorama soberbo que o Douro apresenta com a sua corrente triste e escura, e as suas margens escarpadas. Já bastante decahido da sua antiga nobreza pelo abandono dos donos, ainda assim deixava ver as suas formas elegantes, com as suas ameias corroidas pelo sol e pela agua, a ponte levadiça, o portal grande encimado pelo brazão dos Menezes, as torres esguias e enegrecidas que o rodeavam talvez para vigia em caso de guerra, e a cruz soturna e imovel da frontaria da capella abrindo os braços cheios de musgo, ao vento e á chuva.

Se elle estava decrepito não era certamente pela decadencia da familia, mas sim pelo abandono a

que o entregáram, deixando crescer a hera nas paredes e o musgo pelo chão.

Foi neste solar que viveu a illustre geração que teve o nome de Menezes; geração illustres que déra guerreiros infatigaveis e invenciveis como déra poetas incomprehendidos. Antiga e nobre, esta familia auxiliára sempre os monarchas portuguezes nas suas guerras e conquistas, com o seu troço de homens d'armas e bésteiros.

Gonçalo Vasques de Menezes, um dos heroes do Salado, deixara o seu vasto solar das margens do Douro, para ir viver para a côrte, para o pé do rei Affonso, o bravo, que muito o estimava; e é este o pae de Vasco Martins de Menezes o velho guerreiro que soubémos no primeiro capitulo, ter combatido na porta de Santa Catharina e dono da casa por detrás da Sé onde vimos entrar um cavalleiro, a deshoras, fallar com uma dama.

Gonçalo Vasques era viuvo: sua mulher morrera ainda nova, deixando no mundo dois filhos entregues aos cuidados do pae.

O mais velho era um mancebo de vinte e quatro annos, forte, altivo, intelligente, descobrindo-se n'elle os dotes e caracteres physicos e moraes que distinguiam os seus antepassados.

Chamava-se Martim Vasques: e armado já cavalleiro por D. Fernando, tinha mostrado que sabia sustentar o brio da grande ordem medieval.

Podemos bem dizer que Martim era o verdadeiro

tipo do cavalleiro. Valente e intrepido como seus avós, muitas vezes extasiava-se deante duma rota e velha armadura que pertencera a seu avô e que elle tinha levado á batalha do Salado, e dum estandarte mouro esfrangalhado, feito em pedaços, que esse mesmo guerreiro em risco de vida aprehendera ou antes, arrancára das mãos dum capitão mussulmano, no mais intimo da refrega no memoravel dia 30 de outubro de 1342. E extasiava-se perante estes tropheus de uma victoria porque via naquella armadura quasi a desfazer-se o feito notavel dos christãos e deduzia das amolgaduras do elmo e do arnez, dos buracos do escudo e da desunião dos braçaes, a valentia de seu avô, o impeto com que elle, certamente se lançou aos esquadrões dos defensores do crescente, para depois de innumeros golpes de espada e de montante, arrancar das mãos de um mussulmano o estandarte de Mahomet. E o seu espirito voava-lhe já para o meio de batalhas, envolvido por inimigos para num arranco heroico, depois, os afastar e tornar assim respeitada a ideia que defendia.

Como tal elle era um fervoroso admirador de Nun'alvares a quem tinha acompanhado, quando novo, n'algumas aventuras guerreiras.

Martim Vasques, porem, se amava as aventuras guerreiras, não era para a conquista da gloria, para o seu nome correr mundo, formando lenda, de bocca em bocca; não era, para á volta do triumpho poder

merecer os olhares de certa gentil donzella que o deveria esperar impacientemente. Não era nada d'isto. Martim procurava a gloria realmente, mas gloria que só elle comprehendia, gloria só para si, para o seu intimo.

E não queria mais nada, porque para elle, o ter vencido em combate era a felicidade a chamal-o, uma satisfação para a sua alma.

E era assim que elle comprehendia os feitos de guerra, as aventuras que muitos faziam somente para serem conhecidos ou para converter em proveito proprio.

O outro filho de Vasco Martins era uma galante donzella de tres annos a menos que seu irmão.

Certamente, leitor, já a conheces, porque te has-de lembrar duma dama que falou, num terrasso solitario, a um cavalleiro. Essa dama é precisamente a filha de Vasco Martins.

Desde muito nova mostrava que a sua belleza havia de ser notavel. E realmente com a edade, a sua formosura foi-se desenvolvendo, causando admiração aos que a viam.

Desde nova que frequentava a côrte e ahi eram muitos os cavalleiros e escudeiros jovens que a requestavam. Ella porem parecia insensivel a tudo: os seus olhares negros que eram anciosamente espreitados pelos adoradores parecia que se não fixavam em nenhum.

Chamava-se Maria Vasques de Menezes; e desde

a infancia juntava alem da formosura outras qualidades que a tornávam superior ás outras damas do paço.

Intelligente, bastante, ingénua e sincera, não encontrára até aos seus desoito annos — que para muitas são o começo da infancia mas que para ella era talvez já a edade madura — uma alma que a comprehendesse e que ella visse que era sincera como a sua; porque, odiando completamente a hypocrisia que via em muita gente, só podia amar aquella cujo coração fosse um thesouro precioso como julgava o seu.

Aos desoito annos a sua vida tomou novo caminho com o apparecimento do que ella sonhava, com a conversão em realidade do seu sonho puro e ingénuo. E podia considerar-se feliz porque ráros na terra teem essa felicidade.

A chegada á côrte dum joven escudeiro foi a causa da sua mudança na vida. A chegada do escudeiro Fernão Moniz foi a queda do seu sonho, o seu desapparecimento, para ápenas apparecer a figura atrahente do escudeiro, com os seus ôlhos negros e fundos, brilhando notávelmente, a mostrarem o clarão brilhante e intenso que se acomodava no interior do seu cerebro; para apenas ver os seus olhares insinuantes e apaixonados que ella a custo aguentava, como se a magnetisassem.

E os cavalleiros e escudeiros jovens que na côrte a requestávam em noites de esplendidos saráus ou em torneios brilhantes, viram que ella, se era insen-

sivel aos seus olhares não o era a esse escudeiro adventicio que elles odiavam. E odiavam-no porque não comprehendiam o amor que os ligava e a convenção que havia nos seus requestos e adorações queridos.

Porque o amor de Maria era simples e sincero; era a sua propria alma mostrando o quanto é bello um amor assim: desinteressado e ingenuo. Ella amava Fernão Moniz como póde amar uma alma superior á sua especie.

O odio de que o escudeiro foi alvo tornava-se maior dia a dia. Dentre os cavalleiros e escudeiros rivaes de Fernão sobresahia um escudeiro, moço como este, que estava ao serviço de D. Fernando e que por excellencia audacioso e vil, varias vezes se estivera para travar de razões com Fernão.

Esse escudeiro, Affonso Eannes ou Affonseannes, invejando a sorte do seu companheiro, e vendo que nem um momento nelle se pousava a vista da filha de Vasco Martins, ganhou-lhe tal odio que de tudo seria capaz para ver o seu rival aniquilado. Esta rivalidade durou muito tempo quasi latente mas tempos antes do começo da nossa historia o odio de Eannes começou a manifestar-se até quasi virem ás mãos. E com a morte de D. Fernando pela razão de que este armára cavalleiro Fernão Moniz e deixara em escudeiro Affonso Eannes, mais se modificou o odio.

E devo-te recordar, leitor, aquelle dia de tumulto pela morte do Andeiro em que abertamente se de

clarou a rivalidade entre os dois chegando quasi a baterem-se; e foi isto a causa do juramento feito nos teras so já nossos conhecidos, pelo cavalleiro Fernão Moniz e que esteve quasi a ser cumprido no combate da porta de Santa Catharina, como já disse no primeiro capitulo.

Este amor que ao principio parecia a felicidade dos dois namorados, em breve se tornou tambem agradavel e sympathico ao velho Vasco Martins, que já velho e cançado desejava que sua filha fosse entregue a um coração digno do d'ella.

E quando conheceu Fernão Moniz e sabendo que era elle o escolhido por sua filha, elle entendeu que já nada tinha a fazer neste mundo: só tinha que esperar pela morte. Mas, velho e alquebrado entrava ainda em combates, ainda fazia sentir os golpes da sua espada que tão temida fôra em outros tempos quando a edade juvenil e ardente e o enthusiasmo bellicoso o faziam correr ao campo de batalha defendendo a patria ou o seu rei para depois merecer os ternos olhares daquella que em vida fôra sua mulher.

Combatera nas varias e bem escusadas guerras do reinado de D. Fernando; fôra sempre um dos seus melhores cavalleiros desde o principio até ao fim do seu governo e conhecia bem os enredos e intrigas palaciana porque varias vezes fôra victima dellas. Nas guerras tornou-se sempre notavel; resistiu quanto poude ás invasões que D. Henrique de Trastamara fez no reino e á do adeantado Pedro Sarmiento; e

Pas. velhos
15

com D. Henrique Manuel foi um dos que soffreram a derrota, n'essa cilada, perto de Barcellos.

Quando, depois da morte de D. Fernando, D. João de Castella veio pôr cerco a Lisboa, e quando soube que a vanguarda estava já sobre as muralhas da cidade, foi um dos que, envergando a armadura, se apressou a ir ter com o Mestre para por elle combater e vendo-se mettido no aperto causado pela sahida de alguns homens de armas, ficou tambem com Fernão Moniz, de fóra das muralhas, como já sabemos, leitor amigo, pelo primeiro capitulo.

Era portanto um homem que ainda conservava em vigor todas as suas faculdades, que tinha ainda o cerebro bastante forte e seguro para poder, apesar dos seus sessenta e tantos annos, praticar actos proprios d'uma outra edade mais viril. Não era só, porem, o cerebro que elle tinha forte e seguro: que as suas mãos ainda seguravam e manejavam a espada ou o montante, como um cavalleiro na flor-da-edade.

Ainda não cedia a palma aos cavalleiros moços que elle via em volta de si.

Mas, leitor, se és complacente e benevolo, temos de voltar ao terrasso onde fomos no começo desta historia.

Lembras-te, de certo, da entrevista que houve entre Fernão Moniz e a filha de Vasco Martins, no dia em que os castelhanos chegaram a Lisboa, para a cercarem. Pois temos de seguir o cavalleiro por um bocado: depois de descer a estreita escada em caracol,

caminhou encostado ás paredes ao longo da rua até ao largo da Sé e dirigindo-se para a Porta-do-ferro caminhou depois para a nova muralha, para o sitio, onde, segundo elle dizia, estava o Mestre, de ronda, a esperal-o.

Mal Fernão tinha tempo de chegar ao fundo da rua, quando do lado opposto apareceu outro cavalleiro completamente armado e cuja armadura tinha signaes evidentes de combate.

Quando chegou ao profundo portal romanico do palacio parou e bateu ao de leve. A porta abriu-se, dando logar ao cavalleiro que entrou.

Um pagem, com um brandão acceso estava dentro e observando com esta luz o cavalleiro que entrou vemos que, novo ainda, elegante e sympathico, denotava pelo brilho dos olhos, intelligencia fóra do vulgar. As armas vinham cobertas de pó e sangue, sem duvida por causa das luctas do dia; e a espada cheia de boccas mostrava bem que não fôra inutil o seu exercicio.

O pagem, cheio de somno, esfregava os olhos e atiçava ao mesmo tempo a luz já mortiça do brandão e respondeu por entre dentes e escabeceando, ao seu senhor que lhe perguntou logo ao entrar:

— Meu pae?... ainda vive?

— Ainda, meu senhor... respondeu elle.

O cavalleiro subiu a larga escadaria lageada em angulo recto e que por debaixo das abobadas pesadas levava ao primeiro andar.

Certamente, leitor, que já adivinhaste quem era o cavalleiro de que fallamos; mas se ainda tens duvida vamos já tiral-a: era Martim Vasques, o filho do velho Vasco Martins

Subiu a escada e dirigiu-se por um corredor lageado para os seus aposentos onde ajudado pelo pagem trocou a armadura que trazia por um vestuario da epocha. Foi depois a um outro quarto a cuja porta estava de guarda um pagem particular do velho guerreiro que afastou o reposteiro á sua passagem. Martim entrou num quarto triste, sobre o comprido, tendo apenas duas janellas voltadas para o nascente. Era duma notavel simplicidade.

Ao meio, um leito esguio e estreito rodeado de alguns tamboretes. Ao fundo, encostado á parede, um amplo armario de madeira; na parede fronteira pendurada uma armadura cheia de sangue e escangalhada. Como ornamento, sómente em frente do leito numa parede, estava pendurado um retrato em madeira duma mulher e que, com a quasi completa ausencia de luz, tomava formas varias e extranhas o rosto ingenuo e lindo de donzella que elle representava e que era a esposa de Vasco Martins.

Martim, entrando pé ante pé, dirigiu-se para o leito onde estava estendido o seu pae. Este, apezar da falta de luz, conheceu-o e exclamou com visivel alegria:

— Graças ao Senhor! Tu... vivo! E Fernão?...

— Fernão, pai que está vivo e que combateu na porta de Santa Catharina, respondeu Martim, beijando a mão magra e ossuda que seu pae tinha deixado de fóra da roupa.

E depois perguntou:

— E Maria?... Naturalmente dorme. ×

— Eu pai!... E' possivel que esteja a estas horas chorando por Fernão... Valente rapaz! Leal cavalleiro! Sê como elle, Martim!

O velho, estirado no leito, com a face cavada e pallida, tinha um aspecto tragico. O seu rosto comprido e enrugado, com os olhos negros a brilharem dentro das orbitas, com o cabello branco revolto, sobre a brancura do travesseiro e com a quasi escuridão que havia, aterrorisaria outro que não fosse Martim porque o seu aspecto era o dum cadaver que se levantasse do tumulo, fallasse e abrisse os olhos.

Mas Martim era forte de mais para fugir aterrorisado; puxou dum tamborete, sentou-se á cabeceira do leito:

— Combateste hoje, Martim?

— Combati na porta de Santo Antão mas a lucta ahi foi insignificante e não podémos mostrar que eramos cavalleiros defensores do Mestre...

— E foi por causa delle que eu fui ferido combatendo e que aqui estou estendido sem me poder ter em pé porque a espada do irmão da rainha veio ferir-me fortemente a coxa direita. Sancho! gritou elle ao pagem particular: vae dormir que te

despenso por agora. Podes sahir...

Sancho retirou-se; e quando os seus passos deixaram de soar ao longo do corredor, o velho guerreiro pegou na mão de Martim e começou-lhe a dizer, pausadamente, conforme as forças já debeis:

— Ouve-me, Martim... Brevemente, como vês, morro... Não resisto á ferida que é profunda; os physicos nada dizem que me traga um boccado de esperança... E somente penso em Maria... em tua irmã, que, se não fosses tu, ficaria só neste mundo... e sem protecção... Sei que ella ama Fernão e sei que os dois se comprehendem... Defende-a com a tua espada que é leal como a de teus avós e quando o cerco terminar e o reino estivér em socego e governado pelo Mestre, entrega-a a Fernão que parece ser o unico destinado para ella, neste mundo... Casa-os e ouve, Martim... que seja em S. Domingos... Foi ali que eu e tu recebemos as esporas de cavalleiro...

A falla ia enfraquecendo com o excesso e a força que para isso fazia.

— Cumprirei o que diz, murmurou Martim.

— Morrerei breve... e o ver-me obrigado a estar aqui e a saber que nas muralhas se combatte, e a ver os castelhanos só atravez da janella e não atravez da minha viseira, mata-me ainda mais... Tu continua como dantes e segue os exemplos dos teus avós. Sê leal e generoso... Defende o Mestre até á morte porque a sua causa é justa e nobre. Dá-lhe a vida se a tua honra o exigir... E quanto a Maria, véla

por ella valerosamente porque guardas um coração d'oiro... e sê amigo de Gomes porque é um cavalleiro digno e honrado...

Tornou a calar-se; custava-lhe o fallar. Martim, immovel e calado, com a cara apoiada na mão, contemplava a physionomia rude e expressiva do velho cavalleiro.

Tudo, no palacio, estava silencioso, e lá fóra ia o mesmo silencio. Só de quando a quando o vento passando atravez das frestas das janellas e portas fazia ouvir os seus gemidos que tanto impressionam as almas hystericas.

Passado um pouco, o velho abriu de novo os olhos e olhando para Martim continuou:

— Defende o Mestre, Martim... o santo Mestre, que verás que são bem empregadas todas as lanças que em seu serviço quebrares... E vela-me por Maria... a imagem da minha santa mulher... da tua mãe... Conserva as tradições e a honra de teus avós e de teu pae...

O velho ia perdendo a força com o fallar. E Martim, na mesma posição, continuava na contemplação muda desse velho, quasi á morte, mas aconselhando sempre o filho para o bem.

Atravez das janellas, já se avistava ao longe, para o nascente, a facha estrangulada que procedia o nascer do sol. E quando este surgiu, entrando no quarto do guerreiro poude ver os dois na mesma posição ainda. O velho, com os olhos fechados, parecia

dormia e Martim, sempre imovel, contemplando-o, imaginava os homens como Affonso Henriques, como o Affonso do Salado, de Gonçalo Nunes que morreu aconselhando o filho á defeza do seu castello, e outros tantos homens que antevia atravez daquelle craneo coberto com pelle já enrugada e algumas cicatrizes, mas que encerrava um cerebro onde as ideias da patria e liberdade viviam ainda com bastante vida e vigor.

Já o sol ia alto e os dois conservavam-se na mesma. Só horas depois é que o velho abriu por um momento os olhos e disse apenas:

— Maria e Fernão...

E cahiu no silencio anterior.

Mas quando disse estas palavras, num aposento junto sentia-se a queda d'um corpo pesado no chão como um corpo humano que baqueasse repentinamente no lagedo do quarto.

Coimbra = novembro
de 1897. =

IV

Um pouco de historia

Pag. velhas
16

1º

18 de outubro de 1817 = Gomes Freire de Andrade.

Se alguns factos ha que, praticados pela força brutal d'alguma nação extrangeira contra o nosso paiz, não esqueceram áquelles que são verdadeiramente portuguezes, o facto succedido a 18 de outubro de 1817 é sem duvida um dos que não podem esquecer aos que amam a liberdade e independencia da sua patria. Quero fallar do que succedeu precisamente ha 79 annos e 14 dias [1]: o assassinio politico do marechal Gomes Freire de Andrade em nome de Beresford.

Dis um illustre escriptor [2] que «o marechal era, de facto, o rei» e é esté assassinio um dos factos que mais provam que o despotismo inglez tinha chegado ao seu auge, e era cruel e intoleravel.

Gomes Freire, como patriotá, quizera derrubar

---

[1] Esté artigo sahiu no nº1 do "Um jornal" quinzenario manuscripto que eu publicava com o Mario Duque em 1896; e esté numero sahiu a 1 de novembro.

[2] Marquez de Souza Holstein.

o despota britannico; mas em paga do seu zelo teve a cadeia e a forca; e alem da forca o seu corpo foi queimado e alem disto as cinzas lançadas ao mar para que nada restasse daquelle que em vida teve o glorioso nome de Gomes Freire d'Andrade!

x

Em 1757, filho de Ambrosia Freire de Andrade, nasceu em Vienna d'Austria este distincto official.

Assentando praça como cadete no regimento de Peniche, foi promovido a alferes em 1772.

Catharina II da Russia andava então em guerra com os turcos que depois de uma serie de desastres viram os seus territorios em poder da soberba Czarina. Gomes Freire, alcançando licença foi servir no exercito russo onde mostrou que era militar ousado e portuguez. Foi elle que, á frente do seu regimento, primeiro entrou na praça de Oczakow. Em vista desta e outras façanhas, a imperatriz russa conferio-lhe o habito da ordem de S. Jorge. Alem disto teve uma espada de honra e o posto de coronel nos regimentos imperiaes.

Emquanto andou pela Russia illustrando o seu nome, em Portugal elevaram-no a tenente-coronel em 1790 e a coronel em 1791; e quando voltou á patria foi nomeado commandante do regimento do marquez das Minas que devia brevemente partir para a Catalunha fazer parte da divisão que tinha sido enviada pelo governo portuguez para aquella provincia. Acabada a campanha e voltando a Portugal Gomes Freire foi nomeado marechal de campo em 1795.

Depois, quando em 1807, Junot entrou e tomou posse de Lisboa e quiz formar um exercito (que depois se chamou Legião Portugueza) para mandar servir nas campanhas de Napoleão, Gomes Freire foi, com o marquez de Alorna, D. Rodrigo de Lencastre, Pamplona, D. José Carcome, Brito Mousinho e o coronel Pego, encarregado de a organisar.

Organisou-se a Legião; o commando foi dado ao marquez de Alorna e Gomes Freire ficou com o logar de segundo commandante. Organisada, a Legião teve ordem de partir para Salamanca; e partiu. Partiu para servir em guerras longe da patria, debaixo de outras bandeiras e em favor de um extranho que parecia que queria avassalar o mundo. Mas o soldado cumpre as ordens recebidas; e este pequeno exercito teve ocasião de mostrar aos extrangeiros quanto vale um filho do occidente.

Quando a Legião chegou a Burgos onde se encontrou pela primeira vez com os soldados imperiaes, tratava-se de pôr cerco a Saragoça. Os generaes francezes quizeram-na aproveitar e deram-lhe ordem para mandar para esta cidade um destacamento que foi ~~[illegible]~~ confiado ao general Pamplona que foi substituido por Gomes Freire que tinha então chegado porque se demorára ainda um mez em Portugal.

Deram-lhe o posto de tenente-general e uma divisão de 4.000 homens: 1800 portuguezes e 2.200 francezes.

Chegáram a Saragoça dias antes do ataque geral.

E Gomes Freire, quando, dias depois se deu o ataque, teve de atacar o ponto, talvez o mais forte, das linhas da defeza. E morreria ali e todos os seus companheiros no ardor do combate se os francezes não tivessem aberto brécha na porta de S. Engracia.

Sabendo isto corre com os seus ajudar os invasores e entrando ao mesmo tempo na cidade, foi, depois de forçar as portas, libertar os presos que ainda se achávam nos carceres da Inquisição. Diz acerca d'este facto o illustre escriptor Pinheiro Chagas: «Não "era uma coincidencia singular, esta, que fazia com "que os portuguezes, victimas tambem desta horrorosa "instituição do Santo Officio, fossem os que a extinguiram em Saragoça, os que a Providencia destinava "em terra extranha a serem os libertadores das ultimas victimas?» (1)

Mas Verdier, o commandante do cerco, retirou porque se viu impotente para tomar a cidade que os habitantes defendiam casa por casa, rua a rua.

Partiu a Legião depois para França onde foi organisada á franceza pelo general Muller e depois foi representar um notavel papel na batalha de Wagram.

Depois desta batalha a Legião foi encontrar em Ratisbonna Gomes Freire que então tomou o commando dos valentes portuguezes. Em agosto de 1810, Gomes Freire partiu para a Suissa emquanto a Legião partindo para Paris recebia as provas de maior

---

(1) História da Legião Portugueza, II.

consideração do grande Imperador.

Estão a enumerar as peripecias por que passáram os valentes legionarios que apesar de combatterem por um extranho não esqueciam o seu dever de soldados para longe e fóra de proposito.

Sabemos que, depois de vir da campanha da Russia e depois de estar prisioneiro na Austria, Gomes Freire voltou á patria em 1815 e que accusado como conspirador foi preso a 25 de março de 1817 e levado para S. Julião da Barra.

Eram accusados 17 conspiradores. A sentença mandava degredar tres dos accusados, isto a serem enforcados, queimados e suas cinzas lançadas ao mar; quatro a serem somente enforcados; dois a serem postos em liberdade e o barão d'Eben a ser somente expulso de Portugal!

Gomes Freire, ao lerem-lhe a sentença entregou as suas condecorações, excepto a da Russia:

— Hei-de morrer com esta, disse elle, que não devo ao governo portuguez. Recorda-me o dia em que, a despeito dos alfanges de trinta-mil turcos, arvorei as aguias russianas sobre o crescente de Mofomna! Dá-me alentos para hoje desprezar a vida como então a desprezei! (1)

E na manhã de 18 de outubro de 1817 viu-se dependurado, ~~na corda~~ balouçando ao vento, no forte de S. Julião da Barra o cadaver do grande general!

---

(1) Sousa Monteiro: Hist.ª de Portugal, vol. II

E horas depois foi queimado como nos tempos da ignobil Inquisição!

«Era um auto de fé que ainda ás 11 horas da noite conservava ungias chammas!» [1]

E assim morreu de morte infamante o nosso general que soube illustrar seu nome e o do seu paiz que foi honrado e querido de Catharina II da Russia, do grande Napoleão e dos seus melhores generaes e que quiz libertar a sua patria do despotismo inglez!

×

Em 1820, quando Beresford voltava do Rio de Janeiro onde fôra pedir ao rei mais amplos poderes, encontrou outro governo já e que o não deixou desembarcar.

Viera do Brazil na náu Vengeur e quando partiu para Inglaterra foi no navio Arabella que foi escoltado pelo Vengeur até fóra da barra.

Succedeu isto a 18 de outubro de 1820: tres annos depois do assassinio de Gomes Freire.

Singular acaso!

Coimbra = outubro
de 1896. =

---

[1] S. Payo: Marino, cap. XXVIII

2.º

27 de setembro de 1810 = Batalha do Bussaco.[1]

Entre as batalhas que mais honram as nossas armas, encontra-se esta, dada na serra do Bussaco, sem duvida importantissima e que manchou pela primeira vez, o brilho das aguias imperiaes.

O grande Imperador, para quem o mundo era pequeno para as suas ambições, tentou apoderar-se deste canto da Europa onde viviam as tradições mais gloriosas que se podiam encontrar. Tentou-o; mas apesar da fama e do valor dos seus soldados, o imperador viu que era aqui, e em toda a peninsula, o ponto de mais dificil accesso para as suas soberbas e triumphantes aguias.

A serra do Bussaco era muito alta para por ellas poder ser transposta. Apesar da força e energia do seu vôo, não poderam alcançar o cimo da montanha aspera e má para tão grandes senhores.

O exercito francez vinha acompanhado de grandes

---

(1) No n.º 2 do mesmo quinzenario "Um jornal"

Pac. velhos
17

fama e aureolado pelas glorias de Austerlitz, Jena e Marengo; tinha á sua frente grandes generaes, mas chegando aqui, ao velho Portugal, estacou: encontrou deante de si, não os brilhantes exercitos russos e austriacos, commandados por principes e reis, mas sim regimentos formados essencialmente da massa popular, que, custasse o que custasse, não queria ver as suas terras invadidas e devastadas pelo extrangeiro; não queria ver-se a si e á sua familia, subjeitos ao dominio napoleonico; e queria ardentemente, á custa da propria vida, conservar-se livre, independente como o foram os seus antepassados.

Talvez lhe sorrisse ainda a imagem de Aljubarrota com o seu vencedor coberto de gloria e tendo, ante si, a liberdade e independencia do seu paiz.

E o grande gigante que até ahi tinha atormentado o mundo, vacillou; e as suas aguias foram obrigadas a «arrastar-se em vôos atordoados e incertos, de cerro em cerro atravez das Hespanhas, até se recolherem na guarida donde sahiram, levando algumas nas garras já mal seguras o desengano de imaginados dominios e poderios.» (1)

E foi assim que o exercito francez, depois de esbarrar com as celebres linhas de Torres Vedras, se viu obrigado a recuar, de derrota em derrota, até á França, onde já estava decadente o brilho da estrella d'aquelle

---

(1) Discurso de José Estevão Coelho de Magalhães — em 14 de dezembro de 1857.

que a elevou ao maior esplendor. Veio depois, Waterloo e com ella a queda do grande Bonaparte.

Com a invasão de Junot ficou Portugal quasi sem exercito porque o melhor fôra na celebre <u>Legião Portugueza</u> que tão bem se portou nas campanhas de Napoleão Bonaparte.

Mas apesar disto, Massena encontrou grande resistencia, resistencia que não esperava, porque dizia que o maximo para a conquista de Portugal eram 17 dias!

Trazia no seu exercito Junot, Ney, Reynier e outros generaes de grande nome; e o seu exercito era composto de 83.600 homens segundo um official francez que entrou na batalha; 66.000 segundo Thiers; e 80 para 90.000 segundo o erudito bispo de Vizeu D. Francisco Alexandre Lobo.

Massena, « l'enfant chéri de la victoire » trazia um exercito bastante grande, commandado por grandes generaes; e o grande prestigio do nome de Bonaparte era um poderoso auxiliar para a victoria. Mas não conseguio, o vencedor de Zurich, vencer « estes rebeldes filhos do occidente. » (1)

Entrou Massena em Portugal e cercou Almeida. E depois de passar por Vizeu que encontrou deserta, dirigiu-se para a serra do Bussaco com tenção de a atravessar.

No dia 26 de setembro, a vanguarda do exercito francez atravessou a ponte do Criz depois de um peque-

(1) P. Chagas: <u>Historia da Legião Portugueza</u>.

no combate com os alliados e continuando a sua marcha, teve grande resistencia em Santo Antonio do Cantaro e não poderam continuar porque na montanha do Gatham tambem havia algumas forças dos alliados que a destroçou nos seus reconhecimentos.

Massena quando chegou e viu forças consideraveis na serra do Bussaco e convencidos que os alliados dariam batalha, reuniu Junot que commandava o 8º corpo, Ney que commandava o 6º corpo e Reynier commandante do 2º, para se conferenciar acerca do ataque á formidavel posição occupada por Wellington.

Ney foi da opinião que se não atacasse a posição e que se voltasse a Almeida e esperar reforços para a conquista de Portugal, ou tornear a montanha. Mas Massena e os dois generaes não sendo dessa opinião, resolveram atacar o exercito alliado.

« Vainqueur jusqu'alors, en toute ocasion et en
" tout pays, il lui semblait trop pénible de reculer cet-
" te fois. Il comptait sur la constance de la fortune
" et, seduit par les souvenirs de sa gloire passée, il
" refusa jusqu'au bout d'écouter les sages conseils du
" marquis d'Alorna qui lui garantissait le moyen de
" tourner la montagne au lieu de l'aborder de front. »
" Massena expia bien cruelement cette confiance. » (1)

Diz assim, e com razão um historiador francez.

No dia 27, ainda de noite, ás 2 horas, o exercito

---

(1) A. Bouchot: Histoire du Portugal et de ses colonies [Ap. Simões de Castro: Guia historico do viajante no Bussaco]

francez tomou ordem de batalha: a direita era formada pelo 6º corpo e estava na estrada que ia para o convento; a esquerda era formada pelo 2º corpo que estava na estrada de Santo Antonio do Cantaro; e o centro era formado pelo 8º corpo. A cavallaria conservou-se na retaguarda.

Ás 6 horas da manhã começou o ataque.

As divisões Loison e Mermet, da direita do exercito francez, tiveram que combatter com alguns batalhões portuguezes que depois de um disputado combate se viram obrigados a recuar. Mas defenderam-se heroicamente quasi uma hora, intrincheirados numa pequena aldeia que ha no meio da montanha. Mas obrigados pela força numerica do inimigo retiráram-se até á linha de batalha.

Neste ponto, as forças alliadas depois de esperárem firmemente o inimigo, poseram-no em completa debandada, com um fogo regular e bem sustentado. Neste ataque os francezes perderam muita gente, deixando prisioneiros muitos soldados e o general Simon, a quem Wellington mandou para o convento e que fosse bem tratado.

Foi-lhe dado o quarto de um official inglez e pouco depois veio sua esposa e bagagens que Massena mandou.[1]

Regnier, então, com o 2º corpo, carregou fortemen-

---

(1) Diario memoravel dos acontecimentos.... [A. J. Simões de Castro: Guia cit.º].

té ás nossas linhas, mas nada pode conseguir. Encontrou resistencia heroica e perdeu dos seus soldados 1500 mortos e 3.000 feridos. Além disto deixou prisioneiro o general Graindange.

Foi então que Massena desistiu de tomar a posição e consultados alguns generaes resolveu que se caminhasse pela estrada de Boialvo, na direcção do Porto, para se tornear a montanha e caminhar para Lisboa.

Os nossos regimentos portaram-se «com aquella "bizarria firmeza que lhes é propria» como disse Wellington[1]

Este, percebendo o movimento do exercito francez, "partiu precipitadamente do Bussaco e indo adeante do exercito francez foi recolher-se ás linhas de Torres Vedras onde esbarrou, impotente, o grande poder napoleonico.

Os francezes, seguindo o mesmo caminho de Wellington, iam roubando e devastando tudo que encontravam, entrando todos no saque desde o soldado ao proprio Massena!

«Raspando ligeiramente o verniz daquelles mare"chaes de França, aparecia logo a pelle grosseira dos sol"dadores.»[2]

E Wellington, triumphante, ria-se de dentro das linhas de Torres, do exercito francez que se não atreveu a atacal-o.

---

[1] Officio de Wellington [..]. Simões de Castro: Guia cit.º 142

[2] F. Costa: Memorias de um ajudante de campo, ..., ...

« Wellington, devint tout d'un coup le héros de l'Euro-
" pe. L'on vit en lui le seul homme capable de rivaliser
" avec Napoleon. »[1]

E foi este inglez que dirigiu a primeira derrota séria aos exercitos de Napoleão e o que deu o golpe final ao grande imperio francez.

Devemos concordar que o auxilio da Inglaterra foi alguma cousa, sem por sombras queremos defender os inglezes. Se os francezes nos roubáram, insultáram, e devastáram os nossos campos e cidades, os inglezes não o faziam senão quando não podiam.

Esta alliança que parece que foi um grande bem para Portugal, acabou ainda de desgraçar o nosso paiz e tornal-o servo da Gran-Bretanha, até que a causa liberal mais benefica e triumphante, despertar este povo que jazia ainda no estado de torpôr em que as guerras o tinham posto mas que ainda sabia manter os seus direitos de liberdade e independencia.

×

Terminàram estão as invasões francezas. Esta batalha do Bussaco teve graves consequencias para Massena: era a primeira derrota que tinha tido e a sua reputação de grande general baixou extraordinariamente.

Transcrevamos aqui uma pequena poesia que achamos muito curiosa:

---

[1] Bouchot: Histoire citª

15-nov°

Surriada a Massena:

Senhor Massena, má pena
Fez nesta sua invasão;
Que dirá Napoleão?
De certo morre de pena!
Marengo, Austerlitz, Jena
Não tiveram sorte egual;
Se ficou em general
Fique assim nessa postura
Porque era fraca figura
Para rei de Portugal.

Bem sei que o projecto seu
Era ajuntar cabedaes
Para fazer os canaes
Que Junot nos promettera:
Mas disso o dispenso eu
Que para canaes é fraco;
E se do Côrso macaco
Quer ao furor esconder-se,
Fique por cá, vá metter-se
Frade leigo no Bussaco.

×

Entre as portas da Rainha e de Sulla, fóra da matta, existe, na serra do Bussaco um singelo monumento que commemora a victoria alcançada pelo exer-

cito anglo-luso. Foi principiado a construir-se em 1862 a estâncias do Snr. Joaquim da Costa Cascaes, e sòmente concluido em 1873.

No pedestal e na face do nascente lê-se o seguinte: Ao exercito — luso-britannico — Campanhas — das — guerra peninsular — 1808 a 1814 — 6 bloqueios — 12 defensas — 14 cercos — 18 assaltos — 215 combates — 15 batalhas.

Na face do poente lê-se: Erigido — em — 1873 — destruido — por — um — raio — em — dezembro — 20 — 1876 — restaurado — em — 1879.

Este simples monumento lembra hoje uma batalha notavel em que os nossos regimentos se cobriram de glorias e deram o primeiro golpe na soberba de Napoleão Bonaparte.

Coimbra = novembro de 1896 =

Pec. velhos
18

3º

15 de março de 1147. = A tomada de Santarem.

D. Affonso Henriques, o rei conquistador, fizera pazes com os mouros por causa do seu projectado casamento com D. Mafalda, princeza da Mauritania e Saboia.

Mas não duráram as treguas muito tempo: o genio irrequieto e audacioso do reino nascente não permittia treguas vendo ao longe ainda vastos campos cobertos de castellos fortes e inacessiveis, curvados ao jugo agareno.

Um destes castellos era o de Santarem. Posição excellente e cercado de campos ferteis, era este castello uma das miras do conquistador espirito do nosso primeiro monarcha.

Resolvido a conquistal-o, ainda que com poucas forças para tamanha empreza, Affonso I mandou um guerreiro chamado Mem Ramires estudar a posição e qual o melhor ponto para um assalto. Partiu Mem Ramires e voltando disse que era empreza facil a tomada do castello e que se levaria facilmente a efeito.

Resolveu Affonso I partir, sabendo somente o fim da empreza o mesmo Mem Rodrigues e o prior de S. Cruz, S. Theotonio, que depois foi canonisado.

E no dia 10 de março de 1147, segunda-feira, uma pequena hoste, composta de alguns cavalleiros e homens d'armas, via-se caminhando de Coimbra na direção do sul. E caminhava sem saber o seu destino: de certo alguma acção heroica!

No dia seguinte, onze, mandou dizer Affonso I aos mouros de Santarem que quebrava as treguas por tres dias. Somente, em Pernes, quando a pequena hoste lá chegou é que lhe foi dito o seu destino, o facto heroico que iam praticar: a tomada de Santarem!

E nessa mesma noite approximou-se da villa condemnada.

Ia na frente Mem Ramires e a rectaguarda era commandada por Affonso I.

O plano era assaltar a parte em que os arabes geralmente não tinham vigias.

Ora os mouros, recebendo a nova da quebra de treguas por tres dias e, passados elles, não recebendo manifestação hostil por parte dos portuguezes, provavelmente continuariam como dantes. Contava com isso, naturalmente, Affonso Henriques, mas quando a hoste se approximou da parte onde se suppunha não haver guardas, viu no alto da muralha dois homens que guardavam aquella parte do castello. Tiveram, pois, de esperar.

Só quando o somno fez curvar os dois agarenos

é que Mem Ramires, protegido por uma casa proxima, se approximou da muralha.

Quiz prender uma escada ás ameias: mas faltando-lhe o tiro a escada veio cahindo com um grande estrondo pela muralha até ao chão.

Porem, o valente portuguez agarrando em um dos seus soldados, que conseguiu prender a escada, praticou um acto, que, demorando mais podia comprometter o fim da emprêsa.

Saltou immediatamente o alferes-mór na escada e, seguido por Mem Ramires, foi o primeiro que pôz pé no soberbo castello de Santarem que parecia rir dos esforços dos christãos, inexpugnavel e forte.(1)

Desperbaram os dois guardas. E reconhecendo o terrivel estandarte da Cruz que o alferes-mór levava, e os seus mortaes inimigos, ficaram estupefactos. Seria, de certo, um sonho.

Ainda ha pouco os campos immensos circumvisinhos estavam silenciosos, sem nenhum indicio de proximidade da hoste inimiga.

Agora, os christãos, os malditos nazarenos, de posse, quasi, da cidade, sem se saber como e sem se poder resistir!

Mas, nada do que elles viam era um sonho: em breve, um punhado christão, fez passar ao mundo dos

---

(1) Ha algumas diversidades acerca desta data. Guiei-me por Alexandre Herculano que na sua *História* diz ser a 15 de março que se realisou a tomada de Santarem. No *Diccionario universal portuguez*, fs 378, I vol. diz que foi a 15 de maio

mortos os dois escuteas: e a hoste de Affonso Henriques facilmente completou a conquista do inexpugnavel castello substituindo para sempre, pelo estandarte da cruz, o do crescente.

Coimbra = março de
1897. =

---

de 1147; no Annuario da Universidade (de 1896-97) vem este facto, como dado a 11 de março.

V

O meu "segundo anno" de litteratura no Lyceu de Coimbra:

[Exercicios mandados fazer pelo professor-bacharel Fortunato d'Almeida.]

Renascença (1)

Chamamos Renascença ao periodo brilhante em que a Europa quasi inteira estudava os mystérios da Antiguidade, a vida dos tempos passados, que até ahi tinha jazido sepultada em algumas estantes monasticas, e em que as artes e as sciencias, cultivadas por genios como Miguel Angelo e Raphael, Copernico e Galileu, foram elevadas ao seu maior brilho.

Periodo brilhante foi este em que, por um lado os eruditos faziam surgir a antiguidade da escuridão em que tinha estado e por outro, grandes homens do occidente, fazem aparecer terras que tinham até então estado encobertas; em que, ao mesmo tempo que os quadros de Raphael aparecem ao lado das estátuas de Miguel Angelo, Copernico descobre o verdadeiro systema planetario.

---

(1) Este exercicio é ampliação dum outro que fizera uns dias antes e ~~que~~ por isso é desnecessaria a sua copia neste volume.

Pas. mestre
19

O periodo da Renascença abrange tres seculos: XIV, XV e XVI. Podemos dizer que teve principio com a apparição da Divina comedia; mas verdadeiramente o grande movimento começa no seculo XV, tendo talvez como causa determinante a tomada de Constantinopola pelas hostes de Mahomett II.

Alem desta, muitas foram as causas do Renascimento. A invenção da imprensa, as descobertas portuguezas, a fundação das Universidades e a descoberta da polvora, muito contribuiram tambem para que se desse o brilhante movimento que é um dos mais notaveis da história universal.

No fim da Edade-media, as hordas invasoras dos turcos ottomanos approximaram-se da Europa depois da conquista de quasi toda a Asia occidental.

Para encetar a conquista do continente europeu resolveram apoderar-se da capital do decrepito imperio do Oriente. A primeira tentativa não deu resultado; só trinta annos depois cercada por um poderoso exercito, a velha cidade de Constantino se entregou ao vencedor Mahomet.[1]

Os eruditos gregos de Constantinopola, possuidores de manuscriptos antigos e conhecedores da litteratura classica, não querendo supportar o dominio do musulmano, vieram, fugindo, acolher-se á Europa, principalmente para a Italia e França.

---

[1] a 29 de maio de 1453

As côrtes italianas, principalmente a magnifica côrte de Florença, e os Pontifices, acolheram-os amigavelmente; e em breve estes sabios espalharam o gosto pela litteratura antiga.

Florença, onde então reinava Lourenço, o magnifico, tornou-se um dos centros do movimento litterario; e Roma não lhe ficando atraz protejeu tambem e eficazmente os Gregos.

Dos Papas distinguiram-se principalmente Leão X Julio II e Paulo III.

Na França o protector principal foi Francisco I.

A descuberta de Gutemberg foi certamente um dos factos que mais contribuiram para o engrandecimento da Renascença. Gutemberg querendo achar um meio para fazer os livros sem serem escriptos á mão, começou por gravar cada pagina do livro em pranchas de madeira; inventou, depois, o typo movel tambem de madeira até que acabou por fazel-o de chumbo e antimonio.

O primeiro livro impresso foi a Biblia em 1455; e esta descuberta rapidamente se espalhou pela Europa onde se começou a fazer grande uso della.

Até este tempo os livros manuscriptos eram condemnados a ser entregues nas mãos dos copistas que quasi sempre deturpavam o original, ou a ficarem encerrados ou perdidos no fundo de uma bibliotheca. Nas bibliothecas da Edade-media, ainda que poucas e que eram sempre de pessoas reaes ou de mos-

teiros, o valor em que os livros eram tidos era tanto que quasi sempre estavam presos á estante com fortes correntes de ferro.

Com a descoberta de Gutemberg, porem, tudo isto acabou; e os livros antigos e modernos começaram a ser espalhados profusamente em edições baratissimas e a serem de facil acquisição a qualquer individuo.

Mas, ao mesmo tempo que no centro da Europa começava o verdadeiro brilho do Renascimento, em que a antiguidade renascia aos olhos de todos, ao occidente, um pequeno povo fazia aparecer aos olhos da Europa terras e mares desconhecidos até então.

Era este povo, o povo portuguez.

Já ha muito tempo que tinha expulso das suas fronteiras, os musulmanos; já não tinha os combates sanguinosos e constantes que os primeiros reis sustentaram; com o seu poderoso visinho terminára de vez as guerras depois de lhe dar uma Aljubarrota; e com as suas victorias que fizeram echo em toda a Europa tinha seguras as suas fronteiras porque certamente não havia na Europa quem se atrevesse a medir forças com este heroico povo que acabava de dar provas da sua valentia.

Porem, a paz não lhe agradava. E elle ahi vae combatter o Crescente que ainda se via tremular nas plagas africanas.

E Ceuta, quando menos o esperava viu-se in-

vadida por um grande exercito portuguez que a tomou e saqueou.[1]

«Parar em Ceuta era pouco»[2] e começa então a circumdar a Africa, em busca da India.

Acerca das viagens maritimas dos portuguezes; sabe-se que já em tempo de Affonso IV alguns aventureiros se abalançáram ao mar e está hoje averiguado que foram estes que primeiro descubriram a Madeira, as Canarias e algumas ilhas dos Açores.

Só com D. Henrique, no seculo XV é que começa o verdadeiro periodo dos descubrimentos; e dobrados os cabos Não e Bojador, as duas balisas terriveis da Edade-media, começam os navegadores a explorar toda a costa africana, até que Bartholomeu Dias vae pela primeira vez perturbar o gigante Adamastor que apezar do que dizem muitos homens de sciencia contemporaneos, era a primeira vez que via o seu territorio sulcado por navios.

Sete annos depois é que Vasco da Gama realisa a immortal emprêsa que abriu as portas da India á Europa que attentamente e admirada seguia as nossas viagens.[3]

Começa então com esta viagem, um novo periodo: o periodo das aventuras na India, não inferiores ás maritimas.

---

(1) a 21 de agosto de 1415

(2) Latino Coelho: Vasco da Gama, I, 31.

(3) a 20 de maio de 1498.

A viagem de Vasco da Gama é, inegavelmente, a mais extraordinaria aventura maritima dos tempos modernos; se a compararmos com a de Colombo, como já tenho visto, havemos de lhe achar grande diferença. Porque, como sempre se tem dito, Colombo descobriu o continente americano, o que não é verdade.

Gama descobriu realmente o caminho para as Indias e Colombo já sabia o caminho para a America, porque navegadores mais ousados do que elle o tinham já descoberto.

Já trinta annos antes Gaspar Corte-Real tinha descoberto a Terra Nova, descoberta que os francezes dizem que foi feita por Cabot muitos annos depois!

E, segundo o testemunho de muitos escriptores, entre elles um hespanhol chamado Garcilasso de la Vega, foram portuguezes provavelmente dos Açores ou da Madeira que primeiro abordáram ao continente americano.

Hoje, sabe-se que Colombo, quando residiu nos Açores, tomou conhecimento com varios pilotos portuguezes, chegando a casar com a filha de um d'elles chamado Perestrello que lhe deixou muitas cartas e estudos geographicos e cosmographicos. Um outro piloto, Affonso Sanches, tambem das relações de Colombo, confiou-lhe o segredo de que n'uma das suas viagens para o occidente, encontrára um continente desconhecido, de vegetação luxuriante, com animaes diferentes dos da Europa, dando-lhe,

quando morreu, o Roteiro da mesma viagem. Tinha pois Colombo a certeza da existência de uma terra para o occidente que talvez julgasse, como parece que julgou, que era a India.

Partiu, pois, para a Europa convencido do exito da emprêza que pretendia realisar. Offereceu os seus serviços a Portugal que os recusou; partiu para a Italia e Inglaterra que o receberam da mesma maneira. Só na Hespanha, em Fernando e Izabel encontra o desejado auxilio; e tão convencido estava do que ia fazer que não duvida, em pleno seculo XV sahir a uma sexta-feira de agosto, do porto de Palos para descobrir novos mundos!

Alem disto, um notavel geographo brasileiro, descobriu um testamento dum portuguez, feito em 1515, no qual declara achar-se em S. Paulo (Brasil) desde 1420, quatro annos antes da primeira viagem de Colombo.

Hoje, estes argumentos, demonstrando a prioridade das viagens portuguezas á America, não apenas acceites em Portugal; no extrangeiro ainda Colombo é um homem extraordinario e a descoberta da America muito superior á viagem de Vasco da Gama. Mas parece-me que os factos que citei são bastantes para fazer baixar muito a gloria superficial de Christovão Colombo.

Voltando a Portugal, vemos depois do feito de Vasco da Gama, começarem as aventuras guerreiras no Malabar, tendo como vulto mais saliente a

Duarte Pacheco; vemos a grande ideia do imperio portuguez na Asia em Albuquerque e D. Francisco d'Almeida; vemos resistencias heroicas como a de Antonio da Silveira em Diu; e outros feitos epicos de que as nossas chronicas estão cheias.

Foram pois os descobrimentos portuguezes uma poderosa causa para o desenvolvimento da Renascença.

D. Henrique fundára em Sagres um observatorio e uma escola onde se estudava geographia e cosmographia; e, dando impulso á navegação começou-se a estudar as terras descobertas, as plantas, a fauna, e fizeram-se cartas, etc. Foi neste tempo, tambem, que foi aperfeiçoada a bussula, instrumento já usado pelos arabes.

Depois, com a abertura do caminho das Indias, a industria teve os elementos necessarios para o seu aperfeiçoamento; e as riquezas que vinham do oriente, desembarcando em Lisboa, vinham trazer elementos doutras civilisações e em breve esta cidade se tornou uma das mais esplendidas da Europa, tirando a palma a Veneza e rivalizando com a phenicia Tyro.

Para a botanica e zoologia, as descobertas abriram largo campo para ellas se enriquecerem, apresentando novos fructos, uma fauna completamente nova, com que estas sciencias foram successivamente augmentadas.

Foram tambem a causa da existencia dos nossos grandes chronistas João de Barros, Diogo do

Couto e Gaspar Correia, e do maior epico dos tempos modernos — o immortal Camões.

Tambem influenciou bastante no movimento da Renascença a descoberta da polvora.

Como seus descobridores citam-se tres nomes: Rogerio Bacon (1220) Alberto o Grande (1280) e Schwartz (1320). Parece, porem, que já alguns seculos antes de Christo era conhecida na China e usada tambem pelos arabes.

Esta descoberta alterou muito a arte da guerra; acabou com os combates corpo a corpo para começar com outra disposição e outro modo de combater.

Foi tambem no seculo XIV que em Portugal se formou pela primeira vez o quadrado. Esta descoberta é devida a Nun'alvares e deu-lhe os melhores resultado nos Atoleiros contra a emplumada e brilhante cavallaria castelhana.

Em Portugal só foram conhecidas as primeiras peças d'artilheria, que então se chamavam trons, em Aljubarrota.

Uma outra causa importante da Renascença foi a creação das Universidades.

As mais antigas são as de Paris (1200) Montpelier, Bolonha e Salamanca. Foram, e comprehende-se bem, uma das causas do grande movimento.

Começou-se a estudar nellas o direito romano que era o guia para as leis de de muitos paizes. De-

P. Vath.
20

senvolveram muito as letras e estudaram attentamente a litteratura classica.

O numero das universidades na Europa depressa augmentou. Em Portugal foi creada uma em 1290 por D. Diniz. Começou com o nome de Estudos geraes e foi primeiramente fundada em Lisboa e depois de uma serie de mudanças fixou-se definitivamente em Coimbra, onde hoje existe.

A Italia tornou-se, desde o começo do seculo XIV o centro e o fóco de todo o movimento.

Com a protecção dos Pontifices e das casas reinantes, as lettras e as artes foram elevadas ao maior brilho. Como já disse, os sabios de Constantinopla espalharam e introduziram o gosto pela litteratura antiga e os escriptores gregos e latinos eram lidos com interesse.

Dos eruditos que se dedicaram ao estudo das litteraturas classicas distinguiram-se Macchiaveli e Sannazaro.

A poesia epica tem como representantes neste periodo a Tasso, Ariosto e Trissino, autores da «Jerusalemme» do «Orlando furioso» e da «Italia liberata.»

E' porem pelas artes que a Italia mais se distingue neste periodo. Creou-se então o estylo renascença que começou nos fins do seculo XV e que durou até ao seculo XVII. Foi então que floresceram os grandes artistas como Miguel Angelo, Raphael e Leonardo da Vinci.

Grandes protectores das artes eram os pontifices. Tornáram-se notaveis, alem doutros, Leão X, Julio II e Paulo III (o Papa que tardiamente estabeleceu a Inquisição em Portugal). Estes, vivendo «mais como fidalgos galantes do que como principes da Egreja»[1] ligavam muito mais attenção ao movimento artistico e litterario do que a qualquer questão ecclesiastica.

A pintura floresceu muito: são celebres os quadros «Juizo final», a «Virgem da cadeira» e a «Ceia do Senhor». A esculptura tambem floresceu: é deste tempo o celebre «Jupiter» de Miguel Angelo.

Formaram-se neste periodo, na Italia, cinco escolas de pintura: a florentina de Miguel Angelo; a lombarda de Leonardo de Vinci; a romana de Raphael; a veneziana de Tintoretto e Veronezio; e a de Bolonha de Carache. As tres primeiras são as principaes; as duas ultimas foram estabelecidas no fim do seculo XVI.

As scenas dos quadros da renascença italiana são geralmente tiradas á Historia sagrada ou á mythologia greco-romana; e geralmente, as figuras que entram nos quadros são representadas com fatos algumas vezes do tempo dos pintores.

A esculptura teve como principal representante a Miguel Angelo que alem de pintor e esculptor era tambem architecto. Foi elle quem pintou a capella sixtina da basilica de S. Pedro, templo renascença.

[1] Consiglieri Pedroso: Manual de Hist.ª universal, 283.

A Portugal, o movimento tambem chegou, ainda que tarde.

Na litteratura temos como principaes vultos Luis de Camões, Sá de Miranda e Antonio Ferreira.

Nas artes o movimento não é muito notavel. Portugal caminhou sempre atrazado; o estylo renascença só apparece no seculo XVI com D. Manuel que mandou vir artistas extrangeiros principalmente italianos.

Neste mesmo seculo, no XVI, apparece um outro estylo, o manoelino.

Dizia-se que este estylo era creação portugueza; porem hoje, o Snr. Joaquim de Vasconcellos demonstrou que o estylo manoelino era uma modificação do gothico, ou antes o gothico com uma outra ornamentação. Este estylo não é só caracteristico em Portugal: é o tambem em toda a peninsula.

Como exemplares do estylo renascença, em Portugal, citamos em Coimbra a fachada do mosteiro de S. Cruz, o pulpito do mesmo mosteiro, a fachada lateral da Sé Velha e o convento de S. Marcos em S. Silvestre.

No estylo manoelino, o principal monumento é o convento dos Jeronymos, em Belem; em Coimbra ha o palacio da Rua de Sub-ripas.

Quanto á pintura, não se sabe hoje, ao certo, o desenvolvimento que teve.

Ha em Vizeu uns quadros renascença, attribuidos a Grão-Vasco; e é hoje problema se existiu algum pintor com este nome ou se é nome que anda li-

gado á formação dos quadros.

Na litteratura, como principal monumento não só deste periodo, mas de toda a Renascença e dos tempos modernos, temos em Portugal a sublime epopeia de Camões, a epopeia nacional.

Os _Lusiadas_ são, bem o podemos dizer, e sem receio de errar, a maior epopeia das modernas edades.

«Não é esta epopeia como as outras, de assumpto escolhido na antiguidade e feito só com o fim de engrandecer o autor e sem caracter nacional e patriotico; a epopeia de Camões é a propria vida nacional na sua phase mais gloriosa e radiante» [1]

A _Eneida_ vae buscar o seu heroe ás paragens mythologicas e obscuras de Troia; a _Italia liberata_, ás guerras contra os barbaros na Italia, a Belisario; mas Camões tem por heroe o homem e o povo mais heroico que com as suas façanhas faz esquecer as da antiguidade. Camões cantou o grande Vasco da Gama e o pequeno povo que ousadamente descobriram quasi todo o mundo desconhecido, a nação que levou ás mais remotas paragens o estandarte das quinas tão ennobrecido já pelos seus antepassados e que já tinha em si o nome de Aljubarrota e Ourique.

A _Eneida_ e a _Italia_ de Trissino, celebram feitos estranhos ao tempo em que foram feitos; feitos uns obscuros e duvidosos, outros completamente independentes da epocha dos poetas.

---

(1) Latino Coelho: _Luis de Camões_, 277.

Com os _Lusiadas_, porem, nada disto succede. Camões cantou a sua patria, cantou um feito sem exemplo que ainda estava no espirito de todos os portuguezes; Camões enfim, era «a nação personificada.»[1]

Mas infelizmente os _Lusiadas_ foram como diz o escriptor Latino Coelho «o antecipado panegyrico "proferido nas obsequias solemnissimas dum heroe. "Era a commemoração das suas glorias no momento "em que ellas se iam acercando de volver-se em fumo "e illusões e ironias do futuro»[2]

Na França o movimento foi grande.

A litteratura floresceu com Montaigne, Rabellais, Ronsard e Marot.

Francisco I foi grande protector da Renascença e dava grande apreço ás lettras e sciencias.

Sua irmã Margarida de Navarra alem de ser tambem protectora das lettras era escriptora. Escreveu o _Heptameron_.

A pintura teve pouca importancia. Os mais notaveis pintores deste tempo são: Poussin, Lorrain, e Philipe de Champagne.

Na Hespanha começa a Renascença só no seculo XVII e apparece então o _D. Quixote_ de Cervantes que ficou sendo uma obra prima hespanhola.

---

(1) Latino Coelho: Obr. cit.ª, 277
(2) Obr. cit.ª - 258.

Na poesia distinguio-se Calderon, Lope de la Vega (na poesia dramatica) Gongora (o fundador da escola gongorica) e Quevedo.

A pintura, representada principalmente por Murillo, Velasquez e Ribeira, só aparece tambem no seculo XVII.

Nos Paizes-Baixos tornáram-se notaveis os pintores. Neste paiz crearam-se duas escolas: a hollandeza e a flamenga.

Esta ultima representa nos seus quadros quasi sempre scenas tiradas da religião christã ou da pagã; e como nos italianos, as figuras são geralmente vestidas á moda do tempo do pintor.

A hollandeza representa geralmente paysagens e scenas de familia.

O maior pintor da escola flamenga foi Rubens; e o da hollandeza foi Rembrandt.

A' Inglaterra só chegou o movimento do renascimento no fim do seculo XVI, distinguindo-se Schakspeare no drama e na tragedia.

No fim do seculo XVI, quando a Renascença estava no seu auge, aparece Luthero á frente de um partido, protestando contra os costumes da Egreja e em guerra declarada aos Papas.

Estes praticavam muitos abusos e não ligavam a importancia devida ás questões da Egreja e d'aqui

veio a causa de Luthero começar, com a Reforma, uma grande guerra aos Papas.

Ha escriptores que são da opinião que a Reforma contribuiu para a Renascença.

Isto, porem, não parece muito exato. A Renascença estava já no seu auge e as causas determinantes já efectuadas. Depois, em um paiz onde haja guerras, e guerras sanguinarias e de exterminio como eram estas, comprehende-se facilmente que os estudos litterarios e artisticos não podiam progredir.

Tudo nos leva a crer, pois, que a Reforma não auxiliou a Renascença, mas até, talvez, servisse para apressar, em alguns paizes, a sua decadencia.

Fica pois exposto, em resumo, o que foi a Renascença e suas causas principaes, uma das quaes é devida aos portuguezes que souberam conquistar logar brilhante no desenvolvimento de um dos periodos mais notavel da Europa nos tempos modernos.

Coimbra = 8 de abril de 1897

Camões

E' ainda hoje incerto o anno e incerta a terra em que nasceu Luis de Camões.

O anno do nascimento é, segundo o licenciado Manuel Corrêa, o de 1517; e segundo Faria e Sousa o de 1524. Este ultimo funda-se num registo da Casa da India, que elle encontrou, e em que estavam inscriptos os soldados que iam servir para a India. Porem o anno de 1524 não é ainda muito certo.

Apontam-se quatro terras como sendo a patria do grande epico: Lisboa, Coimbra, Santarem e Alemquér. Os biographos que dizem que foi em Coimbra ou em Santarem ou em Alemquér fundam-se em referencias de Camões nos Lusiadas ou nalguns sonetos e canções, referencias todas vagas e pelas quaes nada se póde tomar como positivo.

Faria e Sousa diz, e é a opinião mais seguida que foi em Lisboa que Camões nasceu.

Camões era filho de Simão Vaz de Camões e de D.

P. Valh.
21

Anna de Sá e Macedo. Descendia do trovador gallegiano Vasco Pires de Camões.

Quanto aos seus estudos, tudo é vago e incerto. Diz-se que estudou na Universidade de Coimbra, fundando-se na erudição que mostra nos <u>Lusiadas</u> e nas outras composições. Porem nada ha de positivo acerca destes estudos na Universidade.

Que elle esteve em Coimbra uma parte da sua mocidade é certo e é tambem certo que tinha grandes estudos e conhecimentos de todos os ramos de sciencia e literatura contemporaneas; mas que esses conhecimentos fossem adquiridos na Universidade ou no mosteiro de Santa Cruz não se póde afirmar como certo.

Alem disto, Camões, com o seu genio aventureiro e indisciplinado não se domava facilmente á disciplina e methodo d'uma carreira regular. Assim como Bocage era um «espirito impetuoso, sedento d'amor e d'aventuras»[1] e indisciplinavel.

Depois da sua residencia em Coimbra, onde parece que teve amores com uma donzella cujo nome se ignora, Camões foi para Lisboa, onde pelas suas poesias e boa figura, começou a ser estimado pela côrte principalmente pela «hermosura, porque fue muy estimado e favorecido pelas damas» como diz Faria y Sousa.

Foi então que se apaixonou pela dama D. Catharina de Athayde, amores que, segundo um soneto

---

(1) Latino Coelho: <u>Luis de Camões</u>, 48

sem, começáram em sexta-feira de paixão, numa egreja. Quiz o acaso que houvesse nesse tempo tres damas da rainha com o nome de Catharina de Athayde; de modo que hoje não se sabe ao certo qual dellas era a Natercia. Uma, era filha de D. Antonio de Lima; outra de D. Alvaro de Sousa; e a terceira de D. Francisco da Gama, almirante das Indias.

Faria y Sousa inclina-se mais para a filha de D. Antonio de Lima não afirmando, contudo.

O que se sabe é que foi uma dama deste nome que lhe inspirou quasi todas as suas melhores poesias e parece que a causa do seu desterro para Santarem.

Voltando daqui para a côrte, o seu genio aventureiro leva-o a ir militar em Africa. Faria y Sousa diz que Camões tivera o pae por companheiro durante as guerras: « dizen las relaciones que el poeta peleava al lado de su padre. » Foi aqui, em Africa, que perdeu o olho direito num combate com os mussulmanos.

Em 1549 voltou Camões a Lisboa, tencionando alistar-se como soldado para a India e partir na armada de D. Affonso de Noronha em 1550, mas só partiu tres annos depois. Não se sabe o motivo da demora assim como se ignora a vida do poeta durante esse periodo.

Apenas se sabe que num dia de procissão de "Corpo de Deus" se envolveu numa desordem e que feriu Gonçalo Borges da casa real. Camões foi preso e só foi posto em liberdade por carta regia de 7 de março

de 1553. Livre, resolveu ir-se para a India, para onde partiu na náu S. Bento que fazia parte da armada de Fernão Alvares Cabral.

Entrou em Goa depois de uma viagem penosima e trabalhosa, em principios de setembro do mesmo anno.

Camões encontrou a India em grande decadencia. Os nomes de Albuquerque, Almeida e Castro já ha muito tinham desapparecido. «Já ninguem dava dois pardáus pelas barbas do vice-rei» diz um escriptor contemporaneo[1], e assim era.

Camões lançou-se a satyrisar os governadores e os costumes; Francisco Barretto que governava então não gostando das suas satyras e querendo condemnal-o, mas tendo em consideração a sua fama de poeta, desterrou-o para Macau, para exercer o cargo de provedor dos bens de defuntos e ausentes.

Entre as suas satyras ficou celebre a intitulada Disparates na India em que se dirige directamente ao governador.

Na volta de Macáu, para a India, naufragou nas costas de Camboja, perto da foz do Mei-Kong, onde teve em perigo a vida e os Lusiadas. Chegando á India parece que continuou a soffrer as injustiças de Barreto, até que, quando veio o successor D. Constantino de Bragança, foi posto em liberdade.

Mas não acabam ainda aqui as suas desgraças: quando o soltáram veio um certo Miguel Rodri-

---

[1] Latino Coelho: Obr. citª. – 258

guês, por alcunha o Fios seccos que lhe embargou a partida, dizendo que Camões lhe devia, mas alcançando o perdão da divida conseguiu ser solto.

Durante a sua residencia na India, tomou parte em muitos ~~trabalhos~~ combates. Resolvendo vir para a patria embarcou-se numa náo que partira para a metropole; mas em Moçambique esteve para ser outra vez preso porque Pedro Barretto dizia que elle lhe devia 200 cruzados. Valeram-lhe então alguns amigos entre elles Heitor da Silveira que lhe pagaram a divida e o poeta poude continuar o seu caminho para a patria onde chegou em abril de 1569, 16 annos depois da partida.

Quando Camões chegou, Lisboa ardia em peste. A' sua recepção eram os dobres dos sinos e os acompanhamentos funebres. Ao avistar a terra, perdera o seu grande amigo Heitor da Silveira que o salvara em Moçambique. Tudo era triste á sua chegada; D. Catharina d'Athayde já ha muito que tinha morrido e Camões apenas encontrou uma velhinha, a sua mãe para o consolar durante o resto da sua vida.

D. Sebastião tinha começado a reinar; e tres annos depois, em 1572, Camões conseguiu publicar a primeira edição da sua epopeia.

Foi grande o espanto que ella causou entre os contemporaneos. Conta-se que Pedro da Costa Perestrello que tentara fazer um poema O descobrimento de Vasco da Gama o rasgára lendo a immortal epopeia.

Porem Camões, só recebia palavras de louvôr. A

na miseria continuou até morrer. O rei D. Sebastião dava-lhe uma tença de quinze mil reis annuaes!

Depois de nove annos de pobreza morreu o maior poeta portuguez, a 10 de junho de 1580 tendo apenas por amigo um escravo.

Diz-se que, quando estava a morrer e sabendo que o duque de Alba vinha sobre Lisboa e sabendo a decisão das cortes, dissera que «morria com a patria.»

E assim morreu victima da ingratidão dos seus companheiros e das injustiças da sorte, o maior epico dos tempos modernos sem ninguem a consolal-o nos seus derradeiros momentos.

Depois de morto é que começaram a avaliar-lhe o merito e o grande talento; em vida não.

Assim tem acontecido com quasi todos os grandes vultos.

Camões, alem dos Lusiadas escreveu sonetos, eclogas, elegias, canções, odes, um pequeno poema epico Sta Ursula (acerca do martyrio das onze mil virgens) grande poração de redondilhas, e tres autos: Filodemo, Amphitriões, e o d'El-rei Seleuco.

Os Lusiadas cantam o immortal feito de Vasco da Gama, a extraordinaria aventura portugueza.

Camões, começando a descrever a viagem, aproveita em Melinde occasião de, pela bocca de Vasco da Gama, engrandecer os seus antepassados, cantando as batalhas mais importantes, os feitos mais grandio-

sos dos reis portuguezes; de mostrar a grandeza d'animo dos seus ~~antepassados~~ compatriotas quando ousaram desobedecer ao gigante do Cabo Tormentoso, que lhes promettia vinganças, mortes e destruições. Na volta de Vasco da Gama elle imagina a "Ilha dos Amores" onde é revelado ao Gama o que ha de acontecer ao imperio portuguez oriental; engrandece os heroes da India e Portugal e pela bocca do velho do Restello prophetiza qual o destino que hão de ter os trabalhos e esforços dos portuguezes para chegar á India.

Comparado com os poemas epicos modernos podemos dizer que é o melhor de qualquer delles.

A epopeia de Camões não é, como o poema de Trissino, um «poema de convenção»[1]; como a Jerusalem que vae buscar o assumpto a factos independentes da epocha do autor. Os *Lusiadas* cantam um feito ainda recente, um feito puramente nacional; cantam a historia portugueza, os seus heroes, os seus feitos grandiosos, e extraordinarios, as suas scenas «mais tocantes do amor e da desventura.»[2] Luis de Camões como diz o escriptor Latino Coelho[3] «é a propria nação personificada que pela bocca do guerreiro e do rapsode, fazia retumbar em toda a terra a epica harmonia dos seus cantos, como outr'hora, com os seus feitos, accordara em todo o orbe os echos immortaes da sua

---

(1) Latino Coelho: Obr. cit.º — 261

(2) Roteiro Illustrado do viajante em Coimbra, 13

(3) Latino Coelho: Obr. citad.ª — 277

"gloria.» Camões nos *Lusiadas* mostrava a sua vasta erudição quér sobre antiguidade classica quér sobre ramos de sciencias contemporaneas. Conhecia a fundo a mythologia greco-romana, a historia de toda a antiguidade e mostrava que era marinheiro e soldado experimentado, conhecedor da sociedade em que vivia e que muitas vezes criticava.

O maravilhoso dos *Lusiadas* é tirado da mythologia greco-romana. O deus protector dos lusitanos é o féro Marte, querendo assim mostrar as profissões guerreiras do seu povo. Venus tambem aparece tentando divertir e dar um momento de repouso aos navegantes na "Ilha dos Amores". Contra nós se levantava Bacho e alguns outros mas cujo impeto era abrandado por Jupiter que presidia aos destinos do mundo.

O maravilhoso pagão é o mais proprio, o que melhor se presta á acção epica; e Camões, educado no tempo em que a Renascença estava brilhante, resentiu-se muito deste movimento sendo talvez esta a causa principal de ter escolhido o maravilhoso pagão para a sua epopeia.

No seu poema revela-se Camões marinheiro experimentado.

Alexandre de Humboldt diz: «Camões é, no "proprio sentido da palavra, um grande pintor mari-"timo.»(1)

---

(1) *Cosmos*, II, 65 – Apud Almeida d'Eça: *Luis de Camões marinheiro*, nota 1.

Mostra tambem que era soldado e conhecedor do que era um combate; elle proprio o diz no muito citado verso:

«Para servir-vos, braço ás armas feito.»

Camões, pelo tom triste e melancholico que ha em quasi todas as suas composições mostra bem quanto foi penosa e amargurada a sua vida. Nos sonetos quasi que se vê sempre as lamentações acerca do seu malaventurado amor. Não é só nos sonetos que isto acontece; mesmo nas elegias e canções a tristeza e o desespero revelam-se a cada verso.

E não era só do amor que elle se lastimava; tambem se queixava dos seus contemporaneos, da sua patria, que tão mál lhe pagava o ter escripto com letras d'oiro as suas mais puras glorias e a sua mais extraordinaria aventura maritima. E deixou-o morrer «á mingua e sem conforto...» (1)

Coimbra = 9 de maio de 1897.

---

(1) Garrett: Camões.

Nota = Este exercicio é tambem ampliação dum outro que tem a data de 10 de maio de 1896.

P. Vell.
22

Origens e carácter da escola provençal. Sua introdução em Portugal e desenvolvimento no reinado de D. Diniz, especialmente.

A poesia provençal teve origem na região ao sul do Loire, na Provença, Aquitânia, Auvergne e Tolosa. Foi nesta zona que ella se começou a desenvolver e donde partiu, depois, para tôdas as nações da Europa.

O seu desenvolvimento começa com a primeira cruzada (1095); até então os cantos populares nacionaes eram prohibidos, assim como eram mal vistos os "menestreis" ou "jograes" que os cantavam; mas com a cruzada pregada por Pedro, o Ermita, a nobreza, a classe então dominante, abalou para a defesa do Santo Sepulchro, ficando em liberdade a classe popular assim como os seus antigos costumes.

O seu periodo de esplendor dura até á ultima cruzada (1268) e decahe com a guerra que o sul da França teve de sustentar contra o norte.

Innocencio III, Papa, prégou uma cruzada contra

os herejes de Albi e com a prespectiva dum rico despojo não faltaram nobres e soldados para se alistarem debaixo do estandarte de Simão de Monfort.

A brilhante civilisação da Provença foi aniquilada completamente e os trovadores que pertenciam á classe popular, fugindo, começaram então a espalhar-se pelos paizes mais proximos.

A poesia provençal tem geralmente, o caracter amoroso; algumas vezes satyrico e guerreiro.

Em Portugal, parece que já no seculo XII se cultivava a poesia provençal. Um dos factos que primeiro contribuiram para a sua introdução no reino foi a vinda dos cruzados. Propagou-se depois por intermedio da Italia; e depois, com a vinda de alguns fidalgos com D. Affonso III, toma um novo caracter principalmente no reinado de D. Diniz.

A primeira vez que a poesia provençal aparece em Portugal é no seculo XII, como disse, por intermedio dos cruzados que traziam comsigo alguns trovadores.

E' communicada depois por intermedio da Italia com o casamento de D. Affonso Henriques. Este rei casou com D. Mafalda, princeza da Mauritania e Saboya que na sua comitiva havia de trazer naturalmente, alguns trovadores, porque nesse tempo, na Italia, a poesia provençal era muito cultivada.

Alem disto, as Universidades italianas eram muito frequentadas por estudantes portuguezes e para as nos-

sas armadas eram chamados muitos marinheiros genovezes e d'outros pontos de Italia.

Um dos factos que fazem com que a poesia provençal seja propagada e cultivada em Portugal é a vinda de França do infante D. Affonso para assumir o governo portuguez. Este infante tinha sahido do reino para acompanhar sua irmã D. Leonor que ia casar com o principe Waldemar da Dinamarca. Percorreu depois parte da Europa indo residir na côrte franceza onde então reinava Luiz IX, casando então com a condessa de Bolonha, D. Mathilde.

Quando voltou ao reino para tomar conta do governo de Portugal depois da deposição de D. Sancho, trouxe comsigo grande numero de fidalgos portuguezes que estavam com elle e que foram um dos melhores meios da poesia provençal ser transmittida ao reino; sendo talvez o melhor e mais activo.

D. Affonso III acceitou o throno que lhe offereceram mas com certas condições impostas principalmente pelo clero que tinha deposto D. Sancho; porem, depois de se achar a governar não cumpriu as promessas como o clero desejava e para não ser exposto ás queixas e supplicas que lhe faziam, D. Affonso III recolheu-se á cama dizendo-se paralytico e assim se conservou durante quatorze annos. Portanto tornou-se a poesia como que "um passa-tempo" e assim se foi desenvolvendo.

É então que ella começa a entrar no seu periodo brilhante ao mesmo tempo que na Provença decahia.

Um dos grandes cultivadores do lyrismo provençal foi D. Diniz. Educado esmeradamente por mestres francezes entre os quaes se cita Aymeric d'Ebrard, um dos homens mais eruditos do seu tempo, tinha grande gosto pelas lettras, principalmente pela poesia. Quando seu pae lhe deu casa, entre os fidalgos do seu serviço havia trez trovadores: João Velho, Martim Peres e D. João de Aboim. Mais tarde os seus dois filhos bastardos D. Pedro e D. Affonso Sanches tambem foram notaveis cultivadores da citada poesia e a sua côrte tornou-se um centro poetico onde vinham muitos trovadores de Castella, Leão e Aragão.

Nas poesias de D. Diniz notam-se duas phases caracteristicas: na primeira prevalece o verso endecasyllabo; na segunda é o verso de sete syllabas. As poesias da primeira phase são caracterisado pelo sentimento vago e dirigidas ao objecto amado; as da segunda são inspiradas nas formas populares (cantares d'amigo.)

Com a morte deste rei começa a decahir a poesia provençal e no reinado de D. Affonso IV decahe muito e começa a ser substituida pelos poemas de cavallaria do cyclo bretão ou da "Tavola redonda." O genio de Affonso IV não era muito inclinado á poesia; era mais guerreiro do que poetico; e não gostaria muito da poesia provençal por ser ella uma das causas da sympathia que havia entre D. Diniz e seu filho bastardo D. Affonso Sanches, causa de algumas luctas entre pae e filho.

Alem disto, as luctas que houve com D. Pedro I,

por causa da morte de Ignez de Castro, e as guerras com Castella, foram motivos sufficientes para a decadencia da poesia lyrica.

Os monumentos que existem deste periodo são os cancioneiros onde estavam compiladas as poesias dos trovadores desse tempo.

Os principaes são: o do conde de Barcellos D. Pedro ou o Livro das cantigas; o da Ajuda; o de Colocci-Brancuti; o da Bibliotheca do Vaticano; e o Livro das trovas d'el-rey D. Diniz.

O Livro das cantigas foi deixado em testamento por D. Pedro a Affonso XI de Castella para cuja corte elle se retirára para evitar entrigas entre os seus compatriotas. Das suas poesias (de D. Pedro) conhecem-se dez canções algumas.

O Cancioneiro da Ajuda ou dos Nobres, foi achado na livraria do real Collegio dos Nobres; contem 313 poesias e julga-se ser anterior a D. Diniz pelo pergaminho em que estão escriptas as poesias e tambem pelos caracteres italo-gothicos e por não nenhuma canção de D. Diniz. Foi impresso pela primeira vez em 1823 pelo lord Carlos Stuart, em Londres.

O cancioneiro Colocci-Brancuti achado na bibliotheca do conde Brancuti di Cagli, foi publicado juntamente com o Cancioneiro da Bibliotheca do Vaticano em 1880. Foi deste ultimo que se extrahiu o Cancioneiro de D. Diniz com 128 canções. O de Brancuti tem 1148 tendo algumas communs com o dos No-

cuti; o do Vaticano tem 1233 communs com os outros cancioneiros e 56 que não são communs.

Todos estes cancioneiros mostram uma grande actividade poetica neste periodo. A corte de D. Diniz tinha grande numero de fidalgos trovadores entre os quaes D. Affonso Sanches que aparece nos cancioneiros com vinte trovas.

Depois da morte de D. Diniz decahe muito a poesia provençal com o reinado de D. Affonso IV, indo quasi todos os trovadores recolher-se á corte do rei de Castella Affonso XI onde era bastante cultivada ainda; entrando o proprio rei no numero dos trovadores.

Coimbra = 23 de maio de 1897.

O Padre António Vieira e as suas obras.

O padre António Vieira nasceu em Lisboa a 6 de Fevereiro de 1608. Era filho de Christovão Vieira Ravasco e de D. Maria de Azevedo.

Ainda novo, embarcou com a familia para a Bahia. Foi nesta cidade que começou a frequentar as aulas do collegio dos jesuitas que no Brazil eram um verdadeiro potentado e apoderando-se do ensino seduziam os estudantes para entrarem para a Companhia.

Succedeu isto com o padre António Vieira; seduzido pelos outros padres que o admiravam pelas qualidades que mostrava desde pequeno, tomou a roupeta da Companhia aos quinze annos fugindo para isso da casa dos paes a 5 de maio de 1623. Elles instaram com elle para que sahisse da companhia mas todos os seus esforços foram baldados porque António Vieira lá continuou.

Depois de fazer os primeiros votos e das provas do noviciado, passou á classe dos escholares. Foi depois

reger a cadeira de rethorica do collegio de Olinda e depois Philosophia dialetica no mesmo collegio.

Em 1635 disse a primeira missa depois de passar ao grão de coadjutor espiritual e alguns annos depois entrou no grão de professo tendo percorrido primeiro durante muito tempo as povoações da provincia da Bahia prégando e convertendo.

A noticia da revolução de 1640 em que D. João foi acclamado rei, quando chegou á Bahia, foi recebida com enthusiasmo.

D. Jorge de Mascarenhas, 1º vice-rei governava então aquella provincia ha alguns mezes(1); e declarando-se pela independencia reconheceu como rei D. João IV; e resolveu enviar seu filho D. Fernando cumprimentar el-rei pelo glorioso movimento do 1º de dezembro.

D. Fernando partiu effectivamente(2) levando como companheiro e protector o padre Antonio Vieira e um outro jesuita Simão de Vasconcellos.

Apparece-nos pois, aqui, Vieira como influente nos negocios do vice-rei e vel-o-hemos depois mandar á ser influente directo nos negocios do reino e da côrte.

Depois de embaixada ter chegado a Lisboa(3) conseguio Vieira fallar ao monarcha dois dias depois expondo-lhe lógo varias reformas no Brazil como as creações de companhias de commercio e reforma nas leis

---

(1) desde 5 de junho de 1640
(2) a 27 de fevereiro de 1641
(3) a 28 de abril de 1641

Rec. velhos
23

da Inquisição ácerca do confisco dos bens dos condemnados.

E' então que começa o periodo em que Vieira domina completamente a côrte, a aristocracia e o animo de D. João IV, animo *pusillanimemente* como lhe chama o Sr. Theophilo Braga.

No primeiro dia do anno de 1642 apresenta-se pela primeira vez no pulpito, na egreja de S. Roque, em Lisboa; e tal foi o effeito que causou a sua eloquencia e talento que era com vaidade que, depois, se diziam que tinham ouvido o padre Antonio Vieira. Tão bem o grande jesuita soube captar o animo do rei que este não duvidou dar-lhe a cifra secreta com que escrevia aos seus embaixadores; nomeou-o tambem prégador da casa real e alem disto entregou-lhe a educação de D. Theodosio, o seu primogenito e successor, que, segundo disse depois Vieira num sermão das exequias do mesmo principe, só se divertia com os religiosos da Companhia, lia nos livros d'elles, a elles se confessava; enfim, era um jesuita perfeito.

D. João IV ordenou tambem que as decisões dos juizes e dos ministros, fossem primeiro apresentadas ao padre Vieira e que este désse o seu parecer acerca d'ellas. Tudo isto mostra o grande poder e influencia que elle exercia no paço, influencia e poder que não eram muito bem vistos pela Companhia que, segundo o costume, trabalhando sempre mais a occultas e subterraneamente não gostava de ver Antonio Vieira tanto ás claras apoderar-se da côrte e dos espiritos.

Tambem era mal visto pela Inquisição não só pela proposta que fez ao rei acerca do confisco dos bens dos condemnados pelo terrivel tribunal, mas tambem pelo odio que havia entre jesuitas e dominicanos donde eram tirados quasi sempre os inquisidores.

Mas apesar disto o valimento do padre jesuita continuou se não augmentou, na côrte e em D. João IV, porque, pouco depois este rei mandou-o tratar no extrangeiro de negocios importantes como vamos ver.

Por este tempo, como andassemos em guerra com a Hespanha, propôz o padre Vieira ao monarcha que se désse Bahia e Pernambuco aos hollandeses, com quem então andavamos em guerra no Brazil, como condição para a páz e que se tratasse então da guerra com a Hespanha. Esta opinião, porem, não foi bem aceite e voltaram-se então para outro negocio não inferior ao antecedente: a annexação de Portugal á Hespanha ou a qualquer outro paiz como dote da princeza que casasse com D. Theodosio, successor de D. João IV.

A primeira ideia teve no Brazil grandes resistencias; á frente deste movimento estavam André Vidal de Negreiros e João Fernandes Vieira que conseguiram repellir similhante tentativa. Depois de algumas pequenas luctas o valente Fernandes Vieira ganhou a batalha de Tabócas a 3 de agosto de 1645 contra os hollandezes; tomou depois Pernambuco a 17 d'agosto de 1645 que depois foi tomado outra vez pelos inimigos

até que por fim, a 26 de janeiro de 1654 se assignou uma capitulação em que os hollandeses abandonáram de vez a praça.

Vendo que não fazia nada por este lado, D. João IV. tratou do casamento de seu filho. Enviou Antonio Vieira a tratar o casamento com a duqueza de Longeville; partiu em 1546 mas a tentativa não produziu o effeito desejado: a duqueza de Longeville já estava casada. Voltou portanto Antonio Vieira a Portugal em 1647; e foi enviado dois annos depois a Roma tratar com o embaixador hespanhol Gonçalves de Mendonza, o casamento com a filha de Carlos II de Hespanha; tambem não produziu effeito esta segunda tentativa: Carlos II não queria ter tratados com um «rebelde!» Tentou depois ainda o casamento de D. João d'Austria com D. Catharina, infanta, ficando D. João IV, rei do Brasil ou como queria o rei de Hespanha, rei dos Açores! Mas nesta terceira tentativa conseguio o mesmo do que anteriormente.

E' para notar a falta de patriotismo que o padre Antonio Vieira mostrou nestes negocios, mas explica-se até certo ponto; era jesuita e alem disto nasceu durante o dominio hespanhol; contudo estas razões não são sufficientes para o seu procedimento.

A um jesuita, tanto importava que Portugal estivesse independente ou anexo á Hespanha ou a outro paiz qualquer; desde que elle podesse imperar sobre os animos e mandar, tudo estava bem; não era a elle que importava que se perdesse o Brazil

ou a Índia; lá estavam os padres da Companhia para continuar no seu mister, independentes do governo. Contudo, não parece muito correto o procedimento do grande orador nestes negocios.

No de D. João IV não se falla; ainda que tenha o titulo de "restaurador".

A Companhia, desde 1644, dava-lhe ordens (a Vieira) para voltar para o Brazil o que só fez em 1652[1] dirigindo-se ao Maranhão.

Foi aqui que, poucos meses depois recebeu a nova da morte do seu discipulo D. Theodosio que tinha morrido a 15 de maio de 1653. Vieira querendo, em vista da morte de D. Theodosio, conhecer o infante que lhe devia succeder, partiu em 1655 para Lisboa, donde voltou n'esse mesmo anno.[2]

Vendo que a côrte e a politica que ella tinha seguido não lhe eram favoraveis, voltou-se para o trabalho das missões até que depois de uma pequena revolta contra os jesuitas, veio, com outros padres, desterrado para Lisboa onde encontrou já D. Affonso VI a governar[3], numa côrte devassa, principiando pelo mesmo rei que de noite, e talvez de dia, corria as ruas da capital praticando as maiores proezas.

Já então havia a conspiração para dar o throno a D. Pedro, infante e julgando-se que o padre Antonio

---

(1) a 22 de novembro
(2) a 16 de abril
(3) desde 6 de novembro de 1656.

Vieira andava mettido nella, ou receiando-se o seu génio e caracter desterráram-no para o Porto, em 1662 de onde foi para Coimbra no anno seguinte.

Nesta cidade é que a Inquisição lhe poude lançar as garras que ha muito desejava lançar-lhe; foi accusado de defender dos judeus quanto á confiscação dos seus bens e quanto a serem queimados vivos e de ser contrario ás ordens religiosas; e por estas rasões foi encerrado nalguma das escuras cellas d'onde geralmente se sahia só para os tratos do pôtro ou para algum auto de fé. Depois de um enorme processo que durou vinte sete mezes e durante os quaes Vieira não cedeu aos inquisidores nas suas exigencias, foi-lhe dada a sentença [1] que o condemnava a « perder vóz activa e passiva e a recolher-se a um collegio de noviços. » No anno seguinte esta sentença foi annulada.

Em 1668 partiu ainda para Roma onde, pela sua eloquencia e saber admirou todos os que o ouviam, sendo-lhe dada pelo Papa a exempção da jurisdição do Santo Officio. Depois de sete annos de triumpho regressou a Portugal e depois ao Brazil [2] onde se recolheu a uma quinta.

Apesar de estar velho, ainda não termináram aqui os seus trabalhos e desgostos porque foi mettido em dois processos sendo um da propria Companhia. A sentença que o declarava innocente só apareceu depois da sua

---

[1] a 23 de dezembro de 1667
[2] a 27 de janeiro de 1681

morte! E depois de noventa annos, quasi, d'uma vida muito activa, morreu o grande orador sagrado a 18 de julho de 1697, no Brazil.

Os primeiros trabalhos do padre Antonio Vieira são apostillas escolares e algumas traducções para as linguas selvagens da Bahia, de cathecismos. Estes trabalhos foram feitos ainda, quando novo, quando estava no segundo grão da Companhia, aos dezeseis annos, pouco mais ou menos. As suas obras principaes são os sermões; são composições muito notaveis, mostrando a grande eloquencia de que era dotado, a elevação das ideias, a facilidade com que manejava a palavra. Ainda que eivados do defeito da epocha — do gongorismo — são a melhor obra, no seu genero que ha na litteratura portugueza. Vieira é «o typo mais completo do orador do seculo XVII» como diz o Snr. Theophilo Braga.

Deixou tambem grande numero de cartas, notaveis tambem pela belleza da forma e naturalidade da expressão. Escreveu tambem o *Quinto Imperio*, acerca da vinda de D. Sebastião, livro que, com o *Clavis Prophetarum* foi a causa da prisão feita pela Inquisição.

Corre sob o nome delle um livro critico muito notavel, *A arte de furtar*, mas ~~que~~ não ha a certeza de ser seu. Deixou alem disto, muitas outras obras menores.

Coimbra = 25 de maio de 1897.

Origens do theatro portuguez — Gil Vicente.

Foi em Gil Vicente que o theatro portuguez teve, verdadeiramente, a sua origem.

Até ao seculo XVI só apareceem representações de caracter religioso, chamadas autos; havia tambem os momos e intermezes representados geralmente na côrte por "jograes, menestreis e trejeitadores" mas sem forma dialogada; eram apenas umas danças e côros.

Os autos eram peças dramaticas em verso quasi sempre de sete syllabas e não constava de mais de nove pessoas, fóra os personagens mudos. Havia-os sagrados e profanos; os primeiros eram os mais usados e representados nas egrejas pelas solemnidades religiosas, principalmente pelo natal, reis, paschoa e corpo de Deus.

Destas peças dá-nos o grande historiador Alexandre Herculano, uma descripção no seu romancesinho A Abobada, contido num volume das Lendas

e narrativas: Era num dia de Reis, no começo do seculo XV;[1] na egreja da Batalha estava-se preparando um auto solemne de adoração dos magos a que havia de assistir o Mestre de Aviz. Perto da capella do fundador estava armado um tablado perto dum presepio para o qual haviam de subir os personagens do auto. Depois de tudo preparado aparecem-nos primeiro seis figuras que representam mais ou menos a Fé, a Esperança, a Caridade, a Idolatria, a Soberba e o Diabo (que nestas peças era elemento indispensavel.) Segue-se então uma grave questão entre ellas em que a Fé se queixa da Idolatria, a Caridade da Soberba, e a Esperança, do Diabo; e depois de acalorada discussão em que qualquer das personagens faz uns grandes discursos, o Diabo e as duas companheiras, apupadas pelo povo, fogem pela egreja emquanto que os outros tres eram levados ao céu, isto é, á sacristia em virtude «de uma daquellas liberdades scenicas que ainda hoje se admittem» como disia o citado historiador.[2] Depois disto veem os tres reis magos adorar o presepio; o primeiro, o velho Balthazar, ajoelhando deante do menino Jesus offerece-lhe os presentes que trazia; segue-se Belchior que não acabou o seu arrazoado porque o architecto da salla do capitulo vendo a abobada prestes a desabar veio para o meio da egreja berrando como um possesso, ou um endemoinhado, como dizia o Herculano

---

(1) a 6 de janeiro de 1402

(2) Romance cit.º [nas Lendas e narrativas, 1.º vol.], cap. III

Pec. ...
24

do prior dos monges de Santa Maria da Victoria.

O assumpto de todos estes autos era sempre religioso, terminando pelo triumpho da virtude sobre o vicio e em que o Diabo era obrigado a fugir fazendo grandes visagens ao publico, com o que este muito se divertia.

É tambem Alexandre Herculano que nos faz uma descripção dos momos que se faziam na côrte do Mestre d'Aviz, no seu romance O Monge de Cistér; dizendo neste mesmo romance que no tempo de Affonso V as festas deste genero que se faziam no paço admiravam os extrangeiros que visitavam Lisboa pela sua sumptuosidade e magnificencia. Porem, estes mômos, como já disse, não tinham fórma dialogada.

No seculo XVI é que começa verdadeiramente o theatro nacional com os autos de Gil Vicente.

A sua primeira peça foi o Monologo do Vaqueiro representado na camara da rainha. Começa então a agradar e durante trinta e quatro annos é elle que faz as delicias da côrte de D. Manuel e D. João III.

Trataremos agora, um pouco, da vida ainda obscura do poeta dramatico mais notavel de Portugal que, como diz um escriptor moderno «seria o Lope "de Vega portuguez se tivesse a fortuna de haver nasci" do em outro seculo e em outras circumstancias;»[1] e que teve a honra de Erasmo, o grande erudito da Renascença aprender de proposito o portuguez para traduzir as suas obras.

(1)

Como aconteceu com Camões, não se sabe o anno e a terra em que nasceu Gil Vicente.

Julga-se que foi em 1470 ou em 1460, sendo a primeira data a mais approvada e seguida. O escriptor Pinho Leal na sua obra "Portugal antigo e moderno" diz[1] que foi em 1475 sendo hoje esta opinião muito abandonada.

As mesmas duvidas ha quanto á terra em que nasceu; uns querem que fosse em Lisboa, outros em Barcellos e outros em Guimarães, não se sabendo nada de certo. Tambem já li num livro que o poeta nasceu na villa de Pederneira!

Gil Vicente teve dois filhos segundo uns e tres segundo outros. A opinião mais seguida é que teve só dois filhos: Luis e Paula Vicente; porem Faria y Sousa e Diogo Barbosa Machado dizem que o poeta teve outro filho Gil, que morreu na India combattendo — porque tendo muita habilidade para a poesia e chegando a compôr um auto, seu pae teve inveja e o mandou para a India onde se mostrou tão bom soldado como em Portugal se mostrou poeta.[2]

Mas não é esta a opinião ~~a~~ mais seguida hoje e parece que a verdade é que teve só os dois filhos citados.

Ha tempos levantou-se uma grande questão entre dois grandes vultos da nossa litteratura contemporanea acerca do grande dramatico: um dizia que o Gil.

---

[1] No vol. I, 330. — [2] Ibidem: I, 331

Vicente poeta era o Gil Vicente ourives, autor de muitas obras d'arte, entre ellas a celebre custodia dos Jeronymos; o outro dizia que não, que o poeta era um e o ourives era outro.

Estes vultos da litteratura eram os srs. Theophilo Braga e Camillo Castello Branco.

O primeiro sustentou com documentos a sua opinião, como por exemplo um alvará de D. Manuel em que diz que Gil Vicente era ourives da rainha D. Leonor, ou o testamento da mesma rainha (de 7 d'abril de 1517) em que se falla de Gil Vicente autor de dois calix que estão no mosteiro dos Jeronymos, ou o testamento de D. Manuel que se refere á custodia e cruz do mesmo mosteiro e outros documentos que, contudo, não foram sufficientes para convencer o grande romancista que sustentou que era falso o que o snr. Theophilo Braga dizia e demonstrou que o poeta e o ourives eram duas entidades diferentes.

Esta é a opinião mais acceite e hoje dada como a verdadeira.

A primeira obra de Gil Vicente e tambem, como diz o citado Snr. Theophilo Braga(1), a primeira de Portugal, foi o <u>Monologo do Vaqueiro</u> <u>ou da</u> <u>Visitação</u>. Foi em 1502, no dia 8 de junho, quando a esposa de D. Manuel deu á luz aquelle que havia de ser o fanatico D. João III «fanatico sincero» como lhe chama Alexandre Herculano no seu valioso estudo ácerca da <u>Origem</u> <u>e estabeleci-</u>

---

(1)

mento da Inquisição.[1] A entrada do poeta na côrte e principalmente na camara da rainha (e naquella occasião) revela que elle era de alto nascimento. Assistiu ao auto D. Manuel, sua mulher D. Maria, D. Leonor, sua irmã a rainha viuva, D. Beatriz e mais outras pessoas da côrte.

O assumpto do auto é pouco mais ou menos isto: apparece um vaqueiro da serra da Estrella que finje entrar casualmente naquelle quarto; admira-se de tudo o que vê, louva e felicita a rainha pelo nascimento de seu filho e ao terminar entram uns poucos de homens que veem offerecer presentes ao novo principe. No mesmo logo diz-se que estes eram em numero de trinta mas é de suppôr que não e que esses « companheiros »[2] (como elle lhes chama) eram fidalgos do paço que cultivavam a poesia e que apparecem no *Cancioneiro geral*.

A ex-rainha D. Leonor, gostando muito deste monologo, pediu a Gil Vicente para lhe compôr um outro para o proximo natal.

Effectivamente compôz o auto a que chamou *Auto pastoril castelhano*, como o antecedente na lingua castelhana, o que naturalmente era para agradar á rainha. D. Leonor, admirada com o talento de Gil Vicente que alem de autor era tambem actor, pediu-lhe um outro auto para o dia de Reis proximo, que foi o *Auto dos reis magos*.

Começa então o periodo em que Gil Vicente todos

---

(1) . . . .

os annos, quasi, compôz um auto ou mais, que repre-
sentava deante da côrte ora em Lisboa, ora em Coimbra
ora em Evora, ora em Almeirim e outras terras onde ia
a familia real.

Adeante daremos a lista completa dos autos.

Agora a sua vida resume-se a compôr os autos e a
fazer rir a côrte com os ditos engraçados e cheios de alu-
sões satyricas aos poetas contemporaneos ou as factos
passados ha pouco.

O seu ultimo auto foi a Floresta dos enganos que
foi representada em Evora deante de D. João III, no anno
de 1536.

Foi neste anno que o grande poeta morreu, igno-
rando-se em que dia. Esta data é a mais seguida e é a
que parece mais provavel; o escriptor Pinho Leal na sua
citada obra a seguindo o seu systema de errar diz que o
poeta morreu em 1557: diferença apenas de 21 annos![1]

Coincidiu a sua morte ser no anno em que a In-
quisição foi estabelecida em Portugal[2] a que elle se op-
pôz bastante junto de D. João III.

As suas obras são, pela ordem chronologica:

Monologo do Vaqueiro, já citado — 1502

Auto pastoril castelhano, representado parece que em
Lisboa — 1502.

Auto dos Reis magos, representado no mesmo sitio — 1503.

---

[1] Portugal antigo e moderno, I, art.º Barcellos.
[2] Bulla de 7 d'abril de 1536 (Herculano: Hist.ª da origem, etc. II)

Auto da Sybilla Cassandra — ainda na mesma cidade, em 1503

Auto da Fé — representado em Almeirim — 1504

Auto de S. Martinho — nas Caldas — 1504

Quem tem farellos? (farça) — representado em Lisboa. — 1505.

Auto dos quatro tempos — tambem em Lisboa — 1505.

Sermaõ em verso — representado em Abrantes — 1506

Auto da Alma — representado em Lisboa — 1508

Auto da Fama — representado em Santos-o-Velho, 1510

O velho da Horta — julga-se que foi representado em Lisboa — 1512

Exhortação de guerra — representado em Lisboa — a 15 de agosto de 1513.

Comedia do Viuvo — 1514

Auto das Fadas — 1516

Auto da Barca do Inferno — representado em Lisboa. — 1517.

Auto da Barca do Purgatorio — tambem em Lisboa — 1518

Farça dos Physicos — 1519

Auto da India — representado em Almada — 1519

Auto da Barca da Gloria — em Almeirim — 1519

Farça dos Ciganos — em Evora — 1521

Cortes de Jupiter — em Lisboa, — 1521

Comedia de Rubena — em Evora (?) — 1521

Auto Pastoril — em Evora — 1523 (25 dezembro)

Ignez Pereira — em Thomar — 1523.

Juiz da Beira — em Almeirim — 1525

Fragoa de Amor — em Evora — 1525

Templo de Apollo — em Lisboa (?) — 1526

Farsa dos almocreves — em Coimbra — 1526

O Clerigo da Beira — em Almeirim — 1526

História de Deus — em Almeirim — 1527

Diálogo sobre a Ressurreição — farsa que não foi representado — feito em 1527.

Comedia sobre a divisa da cidade de Coimbra — representada em Coimbra, 1527, quando havia peste em Lisboa.

Tragi-comedia Pastoril da serra da Estrella — Em Coimbra — 1527 (15 de outubro)

Náu de amores — em Lisboa, 1527.

Auto da Feira — em Lisboa — 1527

Triumpho do Inverno — em Lisboa — 1530

Auto da Lusitania — em Alvito — 1532

Romagem dos Agravados — em Evora — 1533

Dom Duardos — não se sabe o anno nem o sitio em que foi representada.

Amadis de Gaula — em Evora — 1533.

Auto da Mofina Mendes — em Evora — 1534.

Auto da Cananêa — em Odivellas — 1534

Floresta dos Enganos — em Evora — 1536.

São ao todo quarenta e quatro. Como se vê foi grande o trabalho poetico de Gil Vicente.

Geralmente satyrico, não poupava ninguem, principalmente os poetas seus inimigos e que reagiam contra o theatro medieval como Sá de Miranda e outros,

Gil Vicente teve, depois de sua morte alguns con-

tinuadores, dos quaes os mais notaveis são:

Affonso Alvares — que fez os autos de S. Barbara, de S. Thiago, apostolo, de S. Vicente e o de S. Antonio. O primeiro que ainda ha annos se representava pelas aldeias é o unico que nos resta deste poeta; os outros perderam-se.

Ribeiro Chiado — auctor dos autos da Natural Invenção, do das Regateiras, do da pratica dos Compadres e o da pratica de oito figuras.

Antonio Prestes — auctor dos autos da Avé-Maria, dos Cantarinhos, do Procurador, o do Desembargador, o dos dois irmãos, o da Ciosa, e o do Mouro Encantado e outros mais.

Balthazar Dias — auctor dos autos de S. Catharina, e o de S. Aleixo. O de S. Catharina subsiste ainda no theatro popular. Ha annos publicou-se no Diario Illustrado um folhetim escripto pelo snr. Luis Augusto Palmeirim em que descrevia a representação deste auto na aldeia de S. Christovam de Mafamude — o que mostra que não perdeu de moda, no povo, estas representações.

Luis de Camões — seguiu tambem nas suas composições dramaticas a eschola de Gil Vicente. Escreveu tres autos: o de Filodemo, o de El-rei Seleuco e o dos Amphytriões. Este, o primeiro que compôz, é de assumpto tirado da antiguidade; já tinha sido tratado por Epicharmo, na Grécia, e depois por Plauto; foi publicado pela primeira vez em 1587 juntamente com alguns de Antonio Prestes, por Affonso Lopes. O de El-rei Seleuco é tambem tirado da historia antiga; parece

que faz alusão aos amores que deram em resultado o casamento de D. Manuel e de Leonor(?) esposa de seu filho, D. João III que parece não ter gostado muito da partida. O auto do Filodemo foi representado na Índia a Francisco Barretto; assim como os antecedentes este auto foi publicado na mesma edição de Affonso Lopes.

Aqui fica exposto em resumo e pouco mais ou menos a origem do theatro portuguez, a vida de Gil Vicente, os seus autos e os seus continuadores.

Coimbra = 30 de maio de 1897.

Caracter dos seis primeiros periodos da litteratura portugueza.

Seguindo a divisão feita pelo compendio de litteratura,[1] o primeiro periodo da historia da litteratura portugueza comprehende os cinco primeiros reinados: de Affonso Henriques a Affonso III.

Este periodo é verdadeiramente caracterisado pela falta de litteratura; e effectivamente sendo estes primeiros reinados perturbados por luctas constantes quer com os arabes, quer com Castella e Leão, quer civis, não podiam ser proficios á cultura da litteratura.

Temos a caracterisal-o principalmente o desenvolvimento da poesia provençal que entrou em Portugal primeiramente por meio das cruzadas que vinham auxiliar os nossos primeiros monarchas nas luctas continuas que sustentavam com os musulmanos; depois por intermedio da Italia, com D. Mafalda, que

---

[1] Era de Delphim Maria d'Oliveira Maia.

veio casar com D. Affonso Henriques, na comitiva da qual vinham alguns trovadores.

O maior brilho da poesia provençal foi porem, no reinado de Affonso III. Este monarcha, depois da deposição de seu irmão, vindo de França, onde tinha estado, governar Portugal, trouxe comsigo grande numero de fidalgos portuguezes, que para elle tinham fugido e que em França tinham tomado o gosto pela poesia provençal.

Depois, com a fingida doença que elle dizia ter — para não aturar o clero que queria que elle cumprisse á risca o que lhe jurára e o que elle parecia não estar resolvido — a poesia desenvolveu-se muito na côrte, tornando-se mesmo um «passatempo forçado.»(1)

Os escriptores em prosa desta epocha são, ainda que poucos, quasi todos em latim, como chronicas de mosteiros, vidas de santos, etc.

O segundo periodo que decorre desde o começo do reinado de D. Diniz até ao fim do reinado de D. Fernando, tem a caracterisal-o a nova feição do lyrismo provençal dada por D. Diniz e a sua côrte.

Este monarcha cultivou muito este genero de poesia tornando-se a sua côrte um centro de actividade poetica da peninsula e talvez da Europa.

No reinado de Affonso IV cahiu o provençalismo sendo substituido pelas novellas de cavallaria ou da tavola redonda; é desta epocha o celebre Amadis

---

de Gaula que tanto barulho fez no tempo.

A lingua latina começou então a ser menos usada.

O terceiro periodo — comprehende quasi o seculo XV porque começa com o reinado de D. João I e acaba no de D. João II.

Já não existe neste periodo a poesia provençal mas predomina, no principio, a poesia castelhana de Juan de Mena principalmente com D. Pedro, duque de Coimbra, que foi distincto poeta.

Continuam, á imitação do Amadis, as novellas da tavola-redonda; e a historia com Fernão Lopes, Ruy de Pina, e Azurára toma grande desenvolvimento sendo estes chronistas muito notaveis, principalmente Fernão Lopes.

O quarto periodo — que corresponde ao seculo XVI é conhecido com o nome de periodo dos quinhentistas.

Começam então as grandes navegações e aventuras maritimas e os grandes feitos na Asia; e a litteratura é «simultanea»[1] com elles.

A poesia lyrica tem as duas formas: a medieval ou da medida velha e a italiana ou da renascença, introduzida por Sá de Miranda.

Apparece então com Gil Vicente, o theatro nacional; e a poesia epica apparece na forma de oitava-rima no esplendido e «grandiloquo» poema de Camões.

---

(1)

Publica-se pela primeira vez uma grammatica de Fernão de Oliveira seguindo-se outra de João de Barros.

Seguindo o Snr. Theophilo Braga, dissémos que este periodo está representado por tres grandes vultos: Sá de Miranda, Gil Vicente e Camões. O primeiro, cultivador das formas italianas; o segundo o representante das formas medievaes; o terceiro o conciliador destas duas correntes. E' destas tres entidades que deriva toda a litteratura do seculo XVI.

A história continuou com João de Barros, Castanheda, Damião de Goes; e começa então o predominio do ensino dos jesuitas.

Quinto periodo comprehende o seculo XVII. Tem pouca importancia.

Predomina o máu gosto do gongorismo que chegou a quasi todos os escriptores da epocha e uma accentuada decadencia que continua mesmo depois da revolução de 1640.

A poesia ainda tem como representantes Francisco Manuel de Mello e Rodrigues Lobo.

E' deste periodo o maior orador sagrado portuguez o jesuita Antonio Vieira, de que já falámos num exercicio passado.

Sexto periodo — comprehendendo o seculo XVIII, torna-se notavel e tem a caracterisal-o o predominio da litteratura franceza e a decadencia da portugueza.

Tem ainda grandes vultos como Bocage, Filinto

Elysio, Diniz, Tolentino e Garção que mais ou menos se inspiraram nos escriptores quinhentistas sem comtudo deixar de soffrer a influencia franceza.

A sciencia teve illustres representantes como Correia da Serra, Brotero, Duque de Lafões, que tentaram pôr Portugal em relação com o extrangeiro.

Fundou-se tambem a Academia real das Sciencias em Lisboa.

Coimbra = 3 de junho de 1897.

Caracter da escola romantica e sua introducção em Portugal. Garrett, Herculano e Castilho.

Ao mesmo tempo que a Europa quasi inteira experimentava a influencia da grande Revolução franceza, a litteratura sofria um notavel movimento que se chamou depois "o romantismo" e que acompanhou sempre, mais ou menos, as modificações politicas.

Nascido nos paizes do norte, o romantismo foi a reacção contra a litteratura do seculo XVII que apresentando ideias grandiosas e boas, mostrava somente uma grande decadencia e empregando e abusando muito da rethorica, neologismos, e phrases pomposas para apenas exprimirem uma ideia frivola e sem valor. Durante este periodo a historia tinha sido desprezada assim como a litteratura antiga que tão brilhantemente foi cultivada durante o notavel movimento da Renascença; e os espiritos, viciados por esta grande decadencia, tendiam mais ou menos ao ~~e~~ dominio da

ntologia » ajudando efficazmente a continuação do decahimento cada vez mais accentuado no campo litterario.

Alem disto, a corrente destruidora da antiga religião christã soltada pela pena revolucionaria e athea de Voltaire e dos Encyclopedistas, tinham feito decahir muito o espirito religioso da epocha, tendendo para o materialismo.

Começa pois a reacção: na Allemanha Schiller e Goethe combatem o espirito destruidor do seu tempo e dão começo á nova corrente ao mesmo tempo que Chateaubriand em França, Silvio Pellico na Italia e Walter Scott na Inglaterra, trabalham no mesmo sentido. O espirito religioso volta outra vez com os escriptos destes grandes vultos; e fundando-se, como diz o Snr. Theophilo Braga[1] « na intima connexão entre o mundo greco-romano e a era feudal » o romantismo implanta-se então com o seculo que começava.

O romantismo é, como diz o mesmo escriptor[2], « a idealisação da Edade-media » e realmente essa epocha tão tumultuosa e barbara apparece-nos neste tempo quasi, como a Antiguidade durante o periodo do Renascimento.

Varias correntes houve, do romantismo: uma com Schiller, Goethe e Byron cantava a Edade media nos tempos tumultuosos das invasões; outra com Klopstock

---

(1) . . . .
(2) . . . .
. . . .

Pac. ...
25

Chateaubriand e Lamartine era religiosa e sentimentalista; a outra, com Victor Hugo e ~~xxx~~ Scott tinha o seu fundamento na Edade-média feudal, no tempo em que dominávam os senhores feudaes.

Não foi só na litteratura que houve movimento: as artes tambem algum movimento tiveram; o estylo gothico ou ogival foi de novo estabelecido; e o estudo da historia da Edade-média por meio de grandes investigações e o das linguas romanicas e do direito, tudo isto, concorreu para o brilhantismo do novo movimento que caracterisou notavelmente a litteratura deste seculo.

Lançou-se tambem as bases para o estudo da resolução do grande problema social: o melhoramento da classe serva, do proletario, que durante toda a vida trabalha para sustentar o alheio sem achar um premio de todo o seu esforço. Estudou-se, trabalhou-se; mas nada fizeram: hoje é ainda o povo que sustenta esta sociedade tão decadente e mal organisada que, como muitos querem é o melhor a que se póde chegar, mas que está muito e muito longe de ser uma perfeição.

A felicidade do proletario pretende o anarchista fazer, cuja doutrina hoje tão mal vista e despresada me parece ser antes a doutrina do bem e verdadeira, do que «interesseira e egoista»[1] como lhe chama um distincto escriptor contemporaneo.

Foi este pouco mais ou menos o movimento que

---

[1] Antº da Serpa Pimentel; O Anarchismo, 13.

se deu no extrangeiro. Passaremos a ver como elle se introdusiu e desenvolveu em Portugal.

Em Portugal, as ideias liberaes e revolucionarias espalhadas pela Revolução franceza, foram uma das causas proximas dos movimentos liberaes que se deram entre 1820 e 34.

Portugal, servo da Inglaterra, estava sujeito a uma regencia de Beresford cujo despotismo atroz e cruel foi tambem uma das causas da revolução de 1820.

As luctas e perseguições que se seguiram ao dia 24 de agosto de 1820, obrigáram muitos homens de idéias revolucionarias ou liberaes, a expatriar-se. Entre estes expatriados contam-se os dois introdutores do romantismo em Portugal — Herculano e Garrett.

Estes, estando ora em França ora em Inglaterra, estavam em contacto direto com o movimento que se dava nestes paizes e voltando do desterro para a patria começáram a cultival-o até o elevarem a um gráu de esplendor relativo com o Monasticon, e o Arco de Sant' Anna.

Os tres homens que mais notavelmente cultiváram o romantismo, foram: Garrett, Herculano e Castilho; e visto fallarmos nelles iremos dar alguns traços biographicos de cada um.

João Baptista da Silva Leitão d'Almeida-Garrett nasceu a 4 de fevereiro de 1799, no Porto; era filho de Antonio Bernardo da Silva Almeida Garrett e de D.

Anna Augusta Leitão. Passando alguma parte da sua infancia nos Açores, donde seus paes eram naturaes, Garrett veio para Coimbra em 1814 frequentar a Universidade onde entre os estudantes havia as revolucionarias ideias proclamadas pela Revolução franceza, e pelas quaes elle se viu bastante influenciado, estando sempre mais ou menos em lucta com os lentes.

Foi nesta cidade que elle compoz a tragedia Merope e começou a outra chamada Catão.

Em 1822 foi processado pelo padre José Agostinho de Macedo, o padre Lagosta por causa do poema O Retrato de Venus e em 1823, em julho, teve de fugir para França porque, sendo considerado como perigoso e revolucionario poderia soffrer alguma cousa em Portugal.

No seu desterro em Paris compoz o poema Camões que, segundo elle proprio diz, começou a 13 de maio de 1824.

Voltando á patria no meiado de 1826 por deligencias da esposa que ficára em Portugal, teve a infelicidade de ser encarcerado no anno seguinte por liberdade de imprensa; e com a chegada de D. Miguel a quem foi confiada a regencia, a 22 de fevereiro de 1828, e começando o regimen absolutista do cacete, das mortes e dos confiscos sem julgamento e summariamente, Garrett resolveu fugir segunda vez e refugiar-se em Inglaterra onde « soffreu os apertos da indigencia » como diz o Snr. Theophilo Braga. (1)

(1)

Foi então que compilou algumas poesias suas com o nome de Lyrica de João Minimo e que, conhecendo mais o que era o romantismo, começou a lembrar-se de Portugal onde esta escola era ainda desconhecida e onde elle a podia introduzir.

Em 1832 partindo de ~~[illegible]~~ Bellisle junto com os emigrados liberaes que foram levar reforço á expedição que D. Pedro IV organisava na ilha Terceira, deixou a Inglaterra e entrou no cerco do Porto, onde, apesar de continuos combates, da fome e das epidemias que grassavam entre os sitiados, compoz parte do seu Arco de Sant'Anna fundando-se numa lenda e na tendencia para a liberdade da velha cidade do Douro.

Foi depois nomeado embaixador em Bruxellas de onde voltou por ocasião da revolta de setembro trabalhando então para fundar um theatro nacional; e escrevendo em um mez de 1838 o drama Um auto de Gil Vicente deu impulso ao theatro portuguez que estava abandonado desde Gil Vicente.

Garrett auxiliou José Liberato Freire de Carvalho, José Lopes Monteiro, Leonel Tavares Cabral, e José da Silva Passos, em 1838, na redação da constituição do mesmo anno.

Em 1841 escreveu o Alfageme de Santarem fundando-se na lenda que diz que um armeiro de Santarem prophetisára ao jovem condestavel D. Nuno, que a sua espada seria invencivel; em 1848 é que elle completa o notabilissimo drama Frei Luis de Sousa que é o drama unico na historia de todas as litteraturas

dramaticas conhecidas.»[1] Envolvido mais ou menos nas luctas politicas que se seguiram, Garrett ainda publicou o seu volume de poesias Folhas cahidas que são referentes a amores com uma dama qualquer de Lisboa.

Depois, a 25 de junho de 1851 foi elevado á dignidade de visconde; e em 1852 foi elevado ao ministerio ficando com a pasta dos negocios extrangeiros; e finalmente morreu a 9 de dezembro de 1854, em Lisboa.

Garrett abrangeu quasi todos os ramos da litteratura: assim o mostrou com o Camões, o Fr. Luis de Sousa, as Folhas cahidas, com as Viagens na minha terra e o Arco de Sant'Anna e outras mais obras.

O grande poeta é como diz o distincto escriptor Sr. Alberto de Oliveira, «o pae e a mãe da litteratura d'
"esta seculo em Portugal. Sem elle ainda estariamos
"no Castilho e ficariamos, bisnetos d'arcades, a fazer
"odes pelo methodo de Horacio».[2]

Outro grande vulto que se distinguio no romantismo, foi Alexandre Herculano.

O seu nome completo é Alexandre Herculano de Carvalho e Araujo. Nasceu a 28 de março de 1810, em Lisboa.

Começou os seus estudos no collegio de S. Felipe Nery e em breve se evidenciou como homem supe

---

[1] Th. Braga: As modernas ideias na litterat.ª portugueza, I, 40
[2] Palavras loucas, cap. IV: O tio Garrett.

rior. Estudou depois varias linguas como o allemão, o inglez e o francez e frequentou em 1830-31 a aula de Diplomatica tendo como professor o desembargador Francisco Ribeiro Guimarães.

Herculano, como era liberal, teve a 21 de agosto de 1831, de fugir da revolta que se fizera em Lisboa, para bordo de uma fragata franceza Melpomene e depois, embarcando num paquete inglez partiu para a Inglaterra passando por Falmouth e Plymouth; e depois de estar algum tempo em Jersey partiu para Granville e depois para Rennes onde estava grande numero de emigrados como elle.

Desta viagem de Jersey a Granville deixou-nos uma descripção num dos romancesinhos que estão na collecção das Lendas e narrativas.

Em Rennes dedicou-se ao estudo e escreveu algumas poesias e partiu em 1832 para Belleisle onde, como Garrett partiu no reforço á expedição de D. Pedro IV na Terceira. e, tambem como Garrett, pertenceu ao bravo batalhão que desembarcou no Mindello para ir soccorrer o Porto onde heroicamente se batia pela liberdade.

No cerco desta cidade foi um dos mais valentes e disciplinados soldados liberaes; sempre na frente, na primeira linha, abandonava os seus trabalhos na bibliotheca episcopal quando sentia ou sabia que algum combate se estava dando nas linhas de defeza.

A 17 de julho de 1833 foi nomeado segundo bibliothecário da bibliotheca do Porto, e em 1839 foi nomeado

por D. Fernando para seu ~~secretario~~ bibliothecário, passando depois ás bibliothecas da Ajuda e Necessidades.

A 6 de maio de 1837 publicou-se o 1.º numero do Panorama de que Herculano tomou a direcção e onde, alem de valiosos artigos publicou pela primeira vez o romance "O Bobo" referente á revolta de D. Affonso Henriques contra sua mãe e o Arrhias por João de Regrabal no qual, fundando-se na chronica de Fernão Lopes, descreve os tumultos em Lisboa contra o casamento de D. Fernando e Leonor Telles, e a recusa do infante D. Diniz a beijar-lhe a mão.

Em 1838 publicou o 1.º volume da sua collecção de poesias A Harpa do Crente, da qual algumas poesias se podem considerar como «as predecessoras da poesia socialista em Portugal.» [1] E' neste livro que vem o verso notavel

«Creio que Deus é Deus, e os homens livres!» [2]

Em 1840 publicou o Monge de Cister e depois o Eurico que no campo romantico são as obras primas do grande historiador.

Em 1846 poude, depois de muitos trabalhos e fadigas publicar o 1.º tomo da Historia de Portugal, obra monumental que teve de tirar do fundo das bibliothecas e dos archivos. Em 1849 publicou o 2.º tomo e em 1853, o 3.º. E' esta obra que lhe dá a principal gloria porque a

---

(1) . . . .

(2) Poesia Semana santa, no vol.º Poesias, p. 8 (6.ª ed.ª)

historia da Edade-media em Portugal era quasi comple-
tamente desconhecida e afogada e perdida em lendas e
erros abundantes que Herculano conseguio afugentar
para pôr a descoberto sòmente a verdadeira historia.

Este trabalho infelizmente ficou só no 3º volume, no
reinado de Affonso III; desgostoso pela guerra que lhe mo-
veu o clero recolheu-se á sua quinta em Val-de-Lobos,
e deixou-se quasi de estudos litterarios para se entregar á
agricultura. «A conjuração dos sotainas — diz o Sn. Oli-
" veira Martins — venceu, por isso que não tinha dean-
" te de si por inimigo mais do que um stoico.»[1] E assim
era.

Herculano, depois de bastantes annos passados na sua
quinta, morreu a 13 de setembro de 1878.

Como historiador tem tambem a notabilisal-o a
Historia da origem e estabelecimento da Inquisição em
Portugal, obra em tres volumes, onde descreve a socieda-
de corrupta de D. João III e a côrte pontificia não menos
corrupta.

- Segundo diz um distincto academico hespanhol[2],
«Camões e Herculano são as maiores figuras da lit-
" teratura portugueza. São ambos successivamente e no
" mais alto grão, personificações augustas dos renasci-
" mentos litterarios da sua patria: o primeiro do classico
" o segundo, do romantico. Os Lusiadas são o monu-
" mento principal do seculo XVI; a Historia de Portugal

-(1). . . .

(2) Sanchez Moguel, numa conferencia que fez em Madrid, a

Per. velhos
27

"o do seculo XX." Herculano foi grande; e como diz o pouco comprehendido poeta Anthero do Quental «ha glorias mais brilhantes e ruidosas; mas nenhuma pó-de haver mais pura.»[1]

Para falarmos dos tres corypheus do romantismo em Portugal fallá-nos falar de Antonio Feliciano de Castilho.

Este poeta nasceu a 26 de janeiro de 1800.

Em 1806, com uma doença que teve, cegou, sem comtudo abandonar os estudos porque conseguiu formar-se na Universidade de Coimbra.

Uma das suas primeiras obras foi Cartas de Echo e Narciso que publicou em 1821; no anno seguinte publicou o poemeto Primavera e Amor e melancholia. Depois da sua formatura em direito, em 1826, recolheu-se a casa de um seu irmão ecclesiastico onde começou a traduzir as Metamorphoses de Ovidio. Escreveu tambem a Noite do Castello e Ciumes do Bardo. Em 1838 publicou os Quadros historicos.

Traduziu tambem os Fastos e Amores de Ovidio e as odes de Anachreonte, e as Georgicas de Virgilio e outras obras.

Teve uma vida bastante atribulada porque o tempo em que viveu era completamente perturbado pelas revoltas e guerras civis; e morreu a 17 de junho de 1875.

---

31 de maio de 1896

[1] Na revista "Os dois mundos, I, nº2

Nos seus escriptos tornou-se notavel pelo purismo, ás vezes exaggerado; e como traductor inegualavel.

Como diz o escriptor Oliveira Martins comparando-o com Garrett: « Castilho era um poeta antigo; Garrett era um escriptor moderno » (1) mas que nenhum excedia o autor do _Monge de Cister_.

São pois Garrett, Herculano e Castilho a celebre trindade do romantismo em Portugal: Garrett creou o theatro nacional e começou o estudo da tradição nacional; Herculano escreveu a historia como ninguem e o seu lyrismo, como o de Klopstock é religioso e sentimental; Castilho traduziu as obras da antiguidade seguindo o estylo _elmanista_.

Mas, como quasi sempre acontece, os admiradores e continuadores destes iniciadores da escola romantica, cahiram na "degeneração ultra-romantica" (2) e esta nova modificação do romantismo teve como cultores principaes Soares Passos — na poesia, quasi sempre melancholica — e Rebello da Silva — no romance historico.

Neste genero tambem podemos citar Mendes Leal e Oliveira Marreca.

Rebello da Silva tem como melhores obras litterarias os romances _Mocidade de D. João V_ e a _Ultima cor-_

---

(1) . . . . . .
(2) . . . . . .

rida de touros em Salvatérra e uma História de Portugal, tendo alem destas muitas outras obras.

E' isto, pouco mais ou menos, e em resumo, a descripção da introducção e desenvolvimento da escola romantica em Portugal.

Coimbra = 6 de junho de 1897.

Romantismo. Caracter da escola e sua introdução em Portugal.

(Ponto que sahiu no exame de litteratura para o exercicio escripto.)

No fim do seculo passado, emquanto a Europa quasi inteira experimentava os effeitos da grande revolução franceza, a litteratura sofria um notavel movimento que, tendo como origem a reação contra a litteratura do periodo anterior, rapidamente se introduziu nos paizes que mais notavelmente acompanhavam o progresso litterario.

O periodo litterario anterior tinha sido de uma accentuada decadencia: e a nova escola, tendo como principal fonte d'inspiração a epocha barbara e tumultuosa dos tempos medievaes ou, como diz o Snr. Theophilo Braga, a «idealisação da Edade-media» tentou destruir quasi o espirito decadente que ameaçava apoderar-se de todas as obras litterarias e que, com a nova corrente das ideias revolucionarias e

atheias soltadas por Voltaire e pelos encyclopedistas, abandonavam muitissimo as ideias religiosas para cahir nas materialistas.

Foi no fim do seculo passado e começo do actual que a nova escola foi implantada. Em quasi todas as nações da Europa teve por introductores e cultivadores os homens mais imminentes do tempo.

Esta escola tomou varias direcções: uma, com Klopstock na Allemanha, e Lamartine e Chateaubriand em França, foi sentimentalista e religiosa; outra com Victor Hugo na França, Schiller, Goethe e Uhland na Allemanha, teve por objecto os movimentos politicos e a vida feudal da Edade-média. Alem destas outras correntes houve mas que não tiveram tanta importancia.

Nascida na Allemanha, e acompanhando sempre as modificações politicas da Europa, que estava no periodo de transição do governo absoluto para o de liberdade, passou primeiramente á França; na Italia teve como principal cultor Silvio Pellico autor das Minhas Prisões e na Inglaterra Walter Scott um dos primeiros introductores do romance historico — que depois foi tão bem cultivado por Herculano em Portugal.

Neste paiz a introducção do romantismo data das primeiras viagens de Herculano e Garrett á França e Inglaterra. Portugal desde a revolução de agosto de 1820, experimentou a influencia da tendencia que as outras nações mostravam para a liberdade; e durante estas luctas civis foram obrigados a sahir do reino varios homens que pelas suas ideias avançadas eram consi-

derados perigosos para o paiz. Entre estes homens contam-se Herculano e Garrett que na sua residencia no estrangeiro e pelo contacto que tinham com o ~~estrangei~~ movimento que ahi havia, viram-se influenciados por elle e de volta á patria começaram com as suas obras a implantação da nova escola em Portugal.

Herculano, no genero romantico e seguindo Klopstock escreveu as poesias collecionadas no volume _A Harpa do Crente_ e inspirando-se em Scott escreveu os seus tres romances _O Monge_, o _Bobo_ e o _Eurico_.

Garrett escrevendo o _Camões_ e _O Arco de Sant'Anna_ collocou-se tambem a par dos grandes romanticos.

Esta escola depois, com Castilho, tomou um novo caracter e com o tempo começou a decahir até ao _ultra-romantismo_ que teve como principaes cultores Rebello da Silva e Soares Passos.

Lyceu de Coimbra = 3 de julho de 1897.

VI

Jornalismo e polémica

[illegible]
28

Analyse critica do artigo "A Guerra de Cuba do Snr. M. D. (Moirah)" (1)

O Snr. M. D. (Moirah) publicou no numero primeiro deste jornal um artigo acerca da guerra de Cuba, artigo que vamos analysar e criticar. Este artigo (só depois de minucioso estudo é que conseguimos sabel-o) é defendendo os cubanos.

Dizemos primeiramente ao illustre escriptor que o seu artigo nos parece um amphyguri; nada percebemos d'elle.

Mas analysemos o artigo que não deixa de ser interessante.

Logo no principio vemos: « A Hespanha trabalha e "lucta com todas as suas forças para manter a sua au"tonomia na ilha de Cuba. » Ora o Snr. M. D. se fosse ver um diccionario, na palavra autonomia, não a

---

(1) Foi escripto para o nº 2 do "Um jornal", de 15 de novembro de 1896. O "snr. M. D." é o meu amigo condiscipulo Mario Duque.

empregaria aqui. Se abrirmos, por exemplo, o Diccionario do Povo, vemos:

Autonomia, s.f. Direito de se governar por leis proprias; independencia.

No de Moraes, vemos um grande sermão acerca da palavra; mas quanto á significação que o Snr. M. D. lhe quer dar, nada e nada! não se encontra nada! Comprehendemos o que o Snr. M. D. quiz dizer: direito, governo, mando, etc. Quiz dizer amar mas não lhe veio á lingua.

Vemos lógo a seguir: « O exercito hespanhol é aguerrido " e bem disciplinado mas com certeza impotente contra as " forças insurrectas. » Não concordamos. Então o exercito hespanhol que na ilha de Cuba se compõe de 200:000 homens é impotente contra os insurrectos, apenas 80:000 sem munições, sem disciplina, sem um bom commandante? Diga antes, senhor, que os hespanhoes não teem um general capáz de abatêr a insurreição, porque as forças hespanhólas são effectivamente fortes e aguerridas. Não dê tanto vôo ao seu enthusiasmo, Snr. M. D.

Diz depois que os insurrectos teem infligido serias derrotas nos hespanhoes. E o inverso?... Não?

Depois, fallando da protecção da America, a Cuba, diz: « não fica bem a tão grande povo, a sua estrategia subterranea. » A sua estrategia subterranea! Oh snr. M. D.! Por amor de Deus! Não diga tal! Isso é peccado!

Adeante: os flibusteiros são instigados, pelo que parece, " pelo Japão que dos Estados-Unidos teem aprendido tudo: desde a disciplina militar até ás insidias diplomaticas »

Não sabiamos que o Snr. M. D. sabia tanto disto.

Mais adeante, falando das Philippinas diz: « os flibusteiros são incansaveis. Tentaram perturbar a metropole com a revolta de Valencia. E' muito ousar: <u>vir dentro da propria Hespanha</u>[1] intrigar contra a sua integridade, é ser temerario; sair illeso é ser bemaventurado. Foram d'ali para as Philippinas e levantaram uma sublevação separatista. Agora receia-se em Porto-Rico. »

Isto não commentâmos. Não percebemos.

Ainda mais adeante: « a sympathia que a causa cubana desperta na America do Norte, longe de diminuir, não tem cessado de crescer. » Este trocadilho final, não é mal arranjado, não senhor.

Finalmente, vem no fim o seguinte: « Os cubanos, só pelo afinco com que luctam pela sua independencia são dignos da nossa sympathia: por isso a nossa inteira adhesão aos cubanos. » Hão-de ganhar muito, os cubanos, com a adhesão inteira do Snr. M. D.! Faz lembrar a historia do « Sebastião e mulher adherem »

E por fim num arranco de ... de ... enthusiasmo diz: Hurrah por Cuba livre!

Extranhamos muito que o Snr. M. D. que se diz defensor da lingua portugueza e que protesta contra os extrangeirismos, venha empregar um termo inglez!

E' o enthusiasmo juvenil que ainda lhe corre nas

---

[1] O griphado é do proprio artigo. E' conveniente notar que esta <u>analyse critica</u> estava muito coherente com a minha maneira de pensar acerca do Mario Duque. (Nota a 2-I-910)

neias e que ainda não deu logar ao enthusiasmo sensato e logico.

Perdoemos pois o ingenuo enthusiasmo do joven academico.

L. Bessa.

Coimbra = novembro (1-15) de 1896.

Leitores:

(artigo de apresentação do jornal copiografado "A Ribeira", de Ribeira Branca, Torres Novas)

Aos vossos olhos curiosos e avidos de novidades, pomos agora mais um jornal; mais um combatente que vem unir-se à essa já tão grande phalange que se chama a imprensa! Mais um que vae a campo para tambem dizer as mesmas cousas que todos dizem nos primeiros numeros: crença no futuro que nos ha-de remir, fé numa proxima regeneração! e outras cousas bonitas que nunca fazem nem hão-de fazer.

Nós tambem dizemos isso mesmo: somos os homens do futuro!!! somos os homens de sciencia perante quem o mundo ha-de curvar-se!.

Mas por'ora, emquanto não chega esse momento, limitar-nos-hemos a dar algumas noticiasinhas da nossa terra, a publicar alguns contos e versos e... mais nada! O Futuro, esse... ainda vem longe e, crede-nos, amigos leitores, quando nós chegarmos ao futu-

ro, ou quando o futuro chegar até nós, as cousas hão-de mudar e não haverá quem diga apenas.

Demais, as columnas estão abertas a quem dellas necessitar e as nossas pennas promptas a correr em defesa de quem é fraco.

E' esta a verdade.

A redacção.[1]

Coimbra = agosto (primeiros dias) de 1899.

---

[1] Este artigo de fundo e de apresentação mereceu uma tareia grande do José Ferrão, num jornal tambem calligraphado "O Jornal de Villa-Chã", julgando-se que era do Mario Duque. Respondi-lhe com a carta que se segue, em folheto calligraphado.

Cartas a um amigo

(critica e controversia)

«Uma cousa vos confessarei eu, Snr. Leonardo (disse ... D. Julio) que os portuguezes são homens de muita lingua...»
Rodrigues Lobo: Corte na aldeia, I

«... o que largamente se estende a muito mal razoar d'outrem, bem dá a entender a todos que .... malquerança o faz demover a esto...»
F. Lopes: Chron. de D. João I, 2ª P.

«Os animaes contentam-se com tão pouco, só o homem nunca está contente!»
Rodrigues de Bastos: Meditações, cap. I.

Carta I:

Meu caro: Com muita e muita razão dizia Rodrigues Lobo que os portuguezes são homens de muita lingua para tudo o que seja util como para o que o não seja. Realmente, em elles ~~falando~~ começando a falar e a dizer mal — é um louvar a Deus! — não ha quem os faça calar! São palavras seguidas umas atraz das outras, sem sciencia nem consciencia e muitas

Res. mellos
29

vezes... quantas asneiras! E é facto, meu caro; hoje critica-se uma obra, um artigo, com a maior semcerimonia, sem escrupulo nenhum; e depois... vão la falar!...

Vem-nos lógo com citações, com regras, com o diabo, tomando posições magistraes, dizendo-se encobertos pela lei pois o artigo 362 do Codigo civil lá diz que o pensamento do homem é inviolavel e o seguinte que o direito de expressão é livre e mais não sei quantos artigos de quantos codigos existem... e nós — coitadinhos — temos de nos encolher, agachar, deixar passar essa tempestade de erudição para depois respirar tranquilamente e refazer do susto que nos metteu tál arremettida...

Tu bem o sabes, meu caro; dos criticos de agora é fugir, mas fugir a bom fugir, porque segundo dizem...

Olha, o melhor é mandal-os ter com Herculano ou Camillo que elles bem souberam lidar com tál classé...

Eu, ainda ha pouco tempo, bem deves estar lembrado, referindo-me a essa classe social lhes citava Quintiliano e outros velhos.[1] Ora é claro que me saltaram lógo: Quintiliano! Velharias! Latinorios! Nós estamos no seculo das luzes! Nós não queremos retrocessos! E por ahi alem...

---

[1] Num estudo meu Luis de Camões e o padre José Agostinho de Macedo

Já vês que não sabem o que dizem... Tu bem conheces as minhas ideias, tu bem sabes os meus projectos futuros e dirás se sou retrogrado...

Citei Quintiliano porque Quintiliano ensina-nos a não irmos nem mais nem menos contra qualquer obra litteraria como hoje se faz; ensina-nos, sim, a ir com a moderação devida ao seu merecimento como aos seus autores, etc. Dei-lhes tambem varios exemplos dalguns nossos portuguezes, como por exemplo: «devemos receiar a imperfeição das nossas ideias» como disse o cardeal Saraiva;[1] «uma das perfeições do homem é conhecer a sua imperfeição» como disse Heitor Pinto; e «outras muitas cousas que não fazem mingua de se aqui escreverem...»[2] Mas elles não se calaram e contra isso, bem vês, é encher-nos de paciencia, de resignação christã, e cruzando as mãos, clamar tambem, como Christo, da cruz para os altos ceus: Perdoae-lhes, Senhor, que elles não sabem o que fazem!

Ou então, meu caro, pôr preconceitos de lado, e «pôr a vergonha á parte» como disse D. João de Castro[3] e responder, mas responder lizamente!

A verdade não conhece periphrases! disse-o Guerra Junqueiro;[4] e pol-a a descoberto, sem receio nenhum — pois perante a verdade hão-de curvar-se os zoilos — é o que devemos fazer. E' enganar esse lisongei-

---

(1) Apologia de Camões.
(2) F. Lopes: Chronica de D. João I — Parte 2ª, I.
(3) Roteiro de Goa a Diu — Dedicatoria
(4) Morte de D. João — Prefacio (2ª edᵃᵒ).

na esperança de triumpho que os animou, quando julgaram que as suas palavras sahiriam graves, pesadas, derrotando compassadamente com o bico da penna os adversarios que tremulos empaliariam de medo ao ver, ao saber e — que direi eu? — ao calcular que poderia vir sobre as suas pobres cabeças tal vendaval de erudição e de palavras!

Mas... «qual é a esperança que não mente?»[1] pergunto eu tambem... Mas é que os zoilos, os criticos, correndo atraz duma fama hypothetica não se lembraram, — coitados — d'aquella phrase celebre dos triumphos romanos, não se lembraram de nada...

Bem dizia a freira de Beja: «sem consultar a razão se vae após a vontade»[2] e é bem certo; «os desejos são sem termo»[3] afirmava Sá de Miranda e mais certo é...

Ora tu que és bastante positivo, dirás: tu queixaste dos zoilos, elles criticam-te, pois deves fazer como Bocage: pôr-lhes duro freio...[4] faze-os calar!

Não meu caro: deixo-os falar, porque bem vês, o Codigo civil consente... Só a ti te escrevo e mesmo assim, caçoando, rindo, porque a rir se castigam os custumes como dizia Horacio; e Horacio, bem o sabes, lá tinha suas razões...

E olha, meu amigo: no fim de contas a verdade

---

[1] Anthero: Sonetos
[2] Cartas de uma religiosa portugueza, VI
[3] Carta a Pero Carvalho
[4] Soneto 195, (edᵃᵒ 1875)

é esta: o homem é um asno! Ficamos mettidos na conta mas não faz mal nenhum; acceito o qualificativo e olha que já ha dois seculos houve quem dissésse que entre todos os animaes, o mais tolo era certamente o homem [1] e quem ~~o~~ o disse — estava nas mesmas condições de Horacio — bem tinha as suas razões...

E devemos concordar que ainda fomos benevolos... Se eu lhes chamasse o que lhes chamou Bocage ou o Padre José Agostinho... cruzes! Então é que os juristas teriam de abrir e folhear o Codigo penal!

Mas ouve meu caro: os criticos falam mas sem saberem de quê; criticam sem perceberem o que lêem; descomfoem sem saberem a quem; é ao acaso! á aventura! Assim como vem a ideia assim sahe, á luz e sem mais nada, e sem saberem que para se criticar é necessario aprender muito, estudar muito, para depois merecer credito e para que os sigam; «o homem se aprende é para ensinar melhor.» [2] Mas elles nem querem saber se aprendem nem se ensinam; vão vivendo na eterna rotineira, encostando-se uns aos outros, coçando-se, e assim se passa uma epocha! Bem dizia Oliveira Martins: só são claramente equilibrados os "periodos de mediania pacifica.» [3]

E' a eterna rotineira das secretarias e redações!...

Falta agora aqui o padre Macedo para dizer já todo

---

[1] Boileau: Satyre sur l'homme
[2] Alberto d'Oliveira: Palavras loucas, cap. I.
[3] Portugal nos mares – Introdução

zangado, emperbigando a sua abbacial estatura, e com os olhos de devasso a brilhar: «nenhum genio se illustra se não rompe os limites do seu seculo!»[1]

Os zoilos que os rompam!...

Ora com franqueza tu já deves estar admirado de tudo isto, porque afinal tu não sabes do que se trata. É o caso que escrevendo eu, a pedido, um artigo de apresentação e um folhetim para um jornal A Ribeira de uma aldeia ao pé de Torres Novas, um illustre critico goiarense num Jornal de Villa-Chã lembrou-se — teve essa triste ideia! — de descompôr esses dois artigos julgando-os do director do jornal que é um dos meus poucos amigos (e que sem elogio é um rapaz intelligente) prevendo tambem que este não responderia.

Eis ahi portanto a marotéira e eu, como o verdadeiro autor é que devia responder-lhe, mas não quero; escrevo-te pois a ti para desabafar pois sei que és um dos meus leaes amigos.

Até breve, muito breve. Teu

Bernardino[2]

Carta II

Meu caro: Ha poucos dias, estando eu a ler pacatamente o Sermão da sexagesima do nosso grande Padre Vieira deparei com uma passagem curiosa e que

---

[1] O Oriente – dedicatoria.

[2] Esta carta teve resposta num folheto manuscripto. O Ferrão

muito bem se póde applicar ao critico de que te falei ha tempos, na minha ultima carta e cujas respostas tu desejavas conhecer.

Fallava o padre jesuita referindo-se aos prégadores contemporaneos, censurando-os acremente, aconselhando-lhes a irem pelo bom caminho que lhes indicava; e referindo-se depois a alguns de vontade endurecida e de intelligencia duvidosa, dizia: « contra vontades endurecidas nenhuma cousa aproveita a agudeza, antes damna mais porque, quanto as settas são mais agudas, tanto mais facilmente se despontam na pedra! A vara de Moysés abrandou as pedras e não pôde abrandar uma vontade endurecida! » (1)

E' esta uma das muitas verdades que aquelle grande prégador nos lançou do pulpito; mas não vás tu julgar que com esta citação me quero dar como um talento, com essa *agudeza* de que elle fala, nem que eu quero chamar ao tal illustre como desconhecido critico um bruto ou um estupido de *vontade endurecida*.

Não, está claro...

Apezar de muito amigo é bem de ver que o podias julgar mas retira já disso o pensamento que essa tua ideia se a tiveres é nem mais nem menos que uma aleivosia. E mesmo, bem vês, eu não era capaz de chamar bruto a ninguem... credo! E demais a mais ao tal critico d'aldeia, a esse homemsinho tam

---

foi descaroavel. Está o folheto na *Coll. Cartas*, I, ...

(1) Prégado a 19 de fevereiro de 1655, na Bahia.

formado á ultima hora em critico... Talvez que fosse até muita honra para o homem...

E, nota bem, elle era muito capaz de o fazer, e dizer muito mais contra mim; mas eu, bem vês, não sou violento, não... enfim, sou algum tanto delicado... Digo como não sei que escriptor: quando dou uma bofetada, calço primeiro uma luva. (Bofetada moral, é bem de ver)

Portanto, meu caro, essa tirada do padre prégador é verdadeiramente... nem sei bem como o diga... E' uma figura de rethorica, cousa que elle, é certo, não sabe o que é...

Lá que elle, a falar a verdade, é terrivel para as descompusturas... mas, coitado! é caso para dizer como Herculano: oh malfeliz! malfeliz!...(1)

Mas, afinal, o tal critico feito homem, se ler isto ha-de se rir, assim como se ha-de rir de todas as nossas cartas. Não faças caso que a ignorancia é sempre atrevida! e lá dizem as Escripturas: «o homem prudente
"tudo faz com conselho: mas o que é insensato descobre
"a sua loucura.» (2)

Até breve. Teu

Bernardino (3)

---

(1) Parocho d'aldeia – IV.
(2) De Oseas, VIII, 7.
(3) Com esta carta terminara a polemica.

VII

Cartas antigas.

Pec. velh.
30

Coimbra = 15 - VII - 1898

Meu caro Costa Ferreira:

Desde hontem, 14 de julho, anniversário da tomada da Bastilha, estou, para todos os effeitos, <u>mostro</u> de mathematica, promptto para ir defender a patria dentro dos seus soberbos vasos de guerra!

Com effeito, hontem fiz "Philosophia" sendo o Vasconcellos presidente, como sabia, e examinadores o Fortunato e o Carlos de Mesquita. Foram para lá com as melhores intenções, isto é não reprovarem ninguem e realmente assim o teem feito e ... ás vezes com escandalo.

Enfim, antes assim; e como vê, estou como o meu amigo, bacharel ... formado pelo Lyceu nacional central etc. de Coimbra, com estas impressões dos meus dois ultimos professores: uns verdadeiros malandros! uns

leaes servidores de Ignacio de Loyolla! uns refinadissimos tratantes! Etc....

O meu amigo tem feito falta por cá e o seu desapparecimento tem causado surpreza no nosso grande centro intellectual França Amado e em todas as arterias da nossa civilisação.

O Alves de Sousa já fez acto e agora a sua vida resume-se em estar mettido na cama, a dormir, e se sahe á rua, anda a cahir com somno; o Cassiano está atrapalhado com um acto pratico que tem que fazer; o João Cid já está promptto: falta-lhe só o allemão e queria que eu lhe ensinásse alguma cousa!... O Manuel d'Arruda andava noutro dia com uma grande taxada; o José Julio anda agora sempre á <u>fabrica</u> com um grande chapeu desabado ás tres pancadas; etc, etc. mil outras cousas que o meu amigo nessa agradavel praia não aprecia.

Todos esses rapazes por ahi me perguntam sempre:

— Então esse Costa Ferreira?

— Então esse doutor?

— O chapeu alto rômbaria o Costa-Ferreira?

— Seria o Costa-Ferreira que rapou a sobrecasaca?

Etc, etc, perguntas a que eu respondo como a Via-Lactea do <u>Carapuls</u> encolhendo os

hombros e fechando os olhos como para ver se serei capaz de alcançar a explicação de tão notavel phenomeno.

Enfim, resumindo: a sua sahida de Coimbra, causou os mesmos effeitos e produziu os mesmos phenomenos que a sahida do Sol ou da Lua do nosso systema planetario.

Teve a significação d'uma grande catastrophe!...

Seu amigo etc.

Belizário

×

Figueira = 23 - IX - 1898

Meu caro Costa Ferreira:

Estava agora mesmo absorvido na leitura da poesia d'Herculano "A Semana Santa", quando me bateram á porta do quarto e eu vi estendido pela porta entre-aberta um braço magro e descarnado com uma carta tarjada de preto, segura nas pontas dos dedos.

Tive um sobre-salto... Quasi mysteriosamente, aquella carta apareceu-me pela abertura da porta, de negro, a annunciar morte, a recordar caveiras e cemiterios...

Enfim, agarrei nella, olhei para a lettra do

sobrescripto e conheci lógo que era sua. Abri-o: e não faz ideia do meu espanto quando dei com a cruz negra ao cimo, com uma caveira, uma tumba, uns ciprestes, desenhados certamente sob uma grande impressão nervosa, e talvez de medo.[1]

Li-a lógo do principio ao fim e recordei-me immediatamente d'uma scena identica á que se passou nesse dia do fallecimento de sua tia: foi o dia da morte de meu avô materno, um bom velho, de barbas brancas á Garrett, cabello tambem branco, muito branco, com oculos d'ouro, a quem nós em pequenos trepávamos pelas pernas, saltavamos aos braços e aos hombros, tirávamos os oculos e a quem tiravamos das algibeiras do casaco alguns rebuçados com que sempre andava fornecido.

Elle era um bom velho, e esses eram bons tempos! Elle tão bom, tão paciente, com os oculos d'ouro e os cabellos tão brancos!...

Um bello dia, tambem, já ha muito morreu, deixando os tres netos, ainda pequenos, sem o amiguinho que lhes dava rebuçados, charutos de chocolate e outros brinquedos e algumas vezes moedas novas de cinco reis!...

Bons, muito bons tempos!

---

[1] A carta a que me refiro está na Collecção de cartas, I, com o nº 5.

E afinal lá morreu, lá foi para o cemiterio onde o seu jazigo só tinha dois moradores...

Eu lia a sua carta e lembrava-me bem d'esse dia identico em que por toda a casa cheirava a desinfectantes, e se ouvia descer as escadas nos bicos dos pés, fallando-se baixinho, mysteriosamente, como para não despertar os espiritos maus que passeassem pela casa, ás soltas... E depois as pessoas da familia a olharem-se, como que a interrogarem o que acontecera, se sempre seria verdade o que o medico dissera...

Recordo-me perfeitamente de tudo, das casas fechadas, escuras, com o cheiro a quarto de dormir e minha avó, lá em cima, no quarto andar, estendida numa cama, com um ataque cerebral; depois, as visitas, gravemente, vestidas de preto, com a massada do costume, e os carros lá fóra, rodando, á espera, e o povo juntando-se para ver sahir a procissão com o caixão no fim, forrado de negro, com uma cruz dourada no centro, levado por seis corujas porcos, se-bentos, cheirando a vinho. Depois o som do orgão; que vinha da egreja, ao pé; o echo das vozes fanhosas cantando o officio dos mortos; e por fim o estalar das portas d'uma vintena de carros que se fecham e que lá seguiram para a bandada em lenta procissão.

Mas o meu amigo na sua carta pedia alguma cousa para rir e eu fallo-lhe nisto... E

~~com~~ franqueza: quer alguma cousa para rir e vem ter comigo? Commigo, que faço o mesmo, a mesmissima cousa?!...

. . . .

Tudo isto, meu amigo, faz-me dôres de cabe-ça; sinto-me mal dos nervos com a approxima-ção d'uma trovoada que vejo vir do sul.

E tudo isto contrasta com o riso descarado e imbecil de duas prostitutas que vão na rua entendendo com os transeuntes. Não as vejo porque estou sentado á mesa a escrever-lhe, mas adivinho-as: caras estragadas pelas conti-nuas orgias e pelo vinho, olhos embaciados, os cabellos curtos e soltos, o <u>chaile</u> deitado para as costas, a bocca aberta mostrando uma fileira de dentes brancos pelo uso da broa, cheirando a re-fogado, com as chinellas no bico dos pés calça-dos em meias pretas naturalmente rôtas no calcanhar. E lá vão rua acima alegres e can-tando... Algum sapateiro ali adeante dirige-lhes alguma injuria e ri-se da graça; mais alem algum engraxador dá-lhes um pontapé e ellas indefezas, riem-se... riem-se mostrando os dentes brancos pelo uso da broa, e quem sa-be se sem almoço ainda, com fome, andam a procurar quem lhes dê algum dinheiro para com-prar uma duzia de sardinhas!...

E ainda as oiço, alegres, a rir e a cantar, por essa rua alem!

. . . .

E o meu amigo queria uma cousa para rir e para se alegrar!

Bem aviado está!...

Já chóra: a trovoada ronca. Um abraço do
seu amigo
Belizário

×

Ao Mario Duque:

Coimbra = 2 - VIII - 1899.

Amico! Accada!

Si vales, bene est: ego valeo! assim começava Cicero as suas cartas e assim começo eu... Não me quero comparar com Cicero, bem entendido; honny soit qui mal y pense... Um degenerado do seculo XIX que vae entrar nas partes e que usa cabelleira, não póde comparar-se, é evidente, com o celebre romano que afinal não foi mais do que o repositorio das mais celebres phrases dos deputados modernos... mas bem vês, sempre é bom começar por onde os outros começáram... e além disso livramo-nos da responsabilidade do começo d'uma carta que é sempre uma cousa difficil e algumas vezes com-

P. velho
31

prometteddora; bem diz o povo: o peior é começar, e bem sabes que o que o povo diz é sempre certo e ás vezes certo de mais.

Mas, realmente, depois de começar, é tudo um mar de rosas livre e luminoso? Bem vês que o continuar tambem é obra, tambem é alguma cousa... Eu tinha vontade de escrever, de escrever, para compensar a ausencia de palavras de que nós fazemos agora severa abstinencia; mas escrever o quê?... cousas sem nexo e sem sentido? Claro que não! e demais o que tinhamos a dizer, dissemol-o ante-hontem, quando tomámos fraternalmente aquelle sorvete de despedida no *Lusitano*; e de ante-hontem até hoje nada mudou, mesmo nada, e eu a escrever, é bem de ver que ha de ser cousa differente e novidade para ti, e não como essas epistolas safadas e banalissimas que correm aos milheiros por essas ambulancias de Sua Magestade Fidelissima (e Ta!...).

A minha primeira ideia foi escrever-te uma verdadeira *epistola* em quintilhas, como as de Tolentino, mas isso graça teria se tu me respondesses na mesma moeda; mas tu, um jurista, não dás essa importancia ás musas, não lhes admittes que te venham perturbar nas tuas *elocubrações* (como diz o brasileiro Alencar) sobre os commentarios do José Dias e a retro-actividade das leis!

Vade retro Satan! dizia o Hermano... Vade retro Musae! dirás tu... e não te zangues porque tens razão. A poesia não serve para nada... isto é... enfim, cala-te bocca!...

Esta decantada epistola ficará para outro dia em que eu esteja menos obcecado pelas impressões de ante-hontem e em que esteja mais lucido o meu pobre cerebro para poder fazer versos que é cousa que já não faço ha dous mezes: vê tu onde chega a decadencia! vê tu onde chega a indifferença d'um homem (digo d'um homem porque qualquer dia vou á inspecção) por todo o mundo a ponto de não fazer umas linhas rimadas para acrescentar ás que já estão naquellas celebres gavetas que tu — (oh gloria!...) — conheces e tens visto.

Por aqui vês tu que na intelligencia, assim como no codigo ~~[illegible]~~ civil se pode admittir a retro-actividade cuja causa neste caso tu creio que sabes.

Ubi effectus ubi causa diziam os latinos, que afinal não eram nenhuns brutos.

Afinal estou para aqui a dizer asneiras, a citar latim e já vou no fim da terceira pagina! Ando maluco de certo... e por ter ido ver o mar, o mar... Enfim, sempre hei-de arranjar alguma solução a este problema que afinal de contas é difficil; tanto hei-de matutar, tantos soccos hei-de dar na cabeça que hei-de arranjar alguma

cousa que satisfaça ao meu desejo. E' questão da vontade e bem diz o nosso Camillo que o amor é tão engenhoso como a natureza... e crê que tenho grande confiança nisto, mas não confiança cega, porque essa — se dermos credito a Shakespeare é a maior inimiga dos homens.

Paciencia e prudencia diz toda gente e dizia Cicero (hoje estou com a bossa para o latim...) consensus omnium gentium lex naturæ est. (Não faças caso se vae mal...)

Bom, penso que esta já chega. E dá uma duzia d'abraços no teu irmão, o grão Raul Soares Duque (gloria in excelsis Deo!...) até que o rebentes e recebe outra duzia d'elles do

Teu amigo, N., M.
Belizário.

×

Ao Costa-Ferreira:

Coimbra = 27 - IX - 1899

Amigo:

. . . .

Também vim para Coimbra e hoje finalmente lhe escrevo esta, á pressa, alguns tem-

to excitado porque venho ~~excitado~~ da inspecção no quartel.

Espectaculo unico! O Antonio Cid e o Cassiano, entráram commigo, na mesma léva. Era de ver nós tres, todos nús, tal como Nosso Senhor nos deitou ao mundo, em frente uns dos outros, num quarto acanhado, quente, abafadiço!... O Antonio Cid, com a sua fleugma habitual, fazia considerações philosophicas acerca da nudez d'alguns lubricas que comnosco entráram; o Cassiano, algo negro, praguejava contra o estar de pés nús no meio do chão... Era de ver! Curiosissimo...

E eu, com algumas colicas, olhava para a musculatura das pernas, dos braços e do peito, e pensava se o descaramento do exercito chegaria a ponto de me isentárem ainda por um anno! É provavel porque ainda não sei da decisão.

. . . .

Um abraço do

Belizário.

Post-scriptum = Já sei da decisão: fiquei "esperado", mas o presidente recorreu para Vizeu e fiquei sub-custodia no quartel onde durmo para amanhã partir para Vizeu.

Que vergonha!

B.

Ao Costa-Ferreira:

Coimbra: 17-X-1899

Meu caro doutor:

Escrevo-lhe sob a impressão das ultimas noticias vindas do Transvaal, dessa guerra bestialmente injusta, contraria a todos os principios modernos de liberdade, guerra que ha-de sempre mostrar o que vale a força e a cubiça das grandes nações que dizem empunhar o pendão na vanguarda da civilisação moderna.

Mais uma vez a Inglaterra, avida de dinheiro e de poder, ha-de mostrar o que póde a força e a organisação das suas esquadras e exercitos e a riqueza dos seus cofres repletos d'ouro. Mais uma vez ~~[illegible]~~ ha-de mostrar ao mundo que no craneo inglez a ideia fixa é a ganancia e a ambição, não olhando siquer a um principio de equidade; e o mundo cruza, certamente, os braços, como cousa muito natural para ver de que lado pende a victoria para depois ir beijar vilmente os pés ao vencedor.

A Inglaterra ha-de esmagar de certo esse povo heroico que não receia a lucta desegualissima nem teme a ideia de uma derrota; ha-de esmagal-o com o peso da sua força e com a

força das suas riquezas: e mais um povo que geme depois acorrentado ao seu carro triumphal hoje brilhante, muito brilhante, mas talvez amanhã um pouco baço e — quem sabe? — se em breve extincto de todo!

A Inglaterra vence! é certo e bem certo; é enorme o exercito e poderosas as esquadras: mas os vencidos é que serão os vencedores — que no futuro, quando se passar por aquella pagina da historia do seculo XIX ha-de se admirar este povo que morreu esmagado, asphyxiado, numa enorme hecatombe por não querer deixar atar aos seus pulsos vigorosos a grilheta dos escravos, ha-de se sempre lastimar a sorte daquella nação nascente e amaldiçoar ao mesmo tempo a força brutal e estupida da nação orgulhosa cujo poder, hoje, afinal não representa mais que uma fraqueza.

A Inglaterra, de grande que é não se póde mexer... e se um dia corre, cahe, tem uma apoplexia e morre...

Ha pouco tempo ainda, a Europa toda se levantou prompta para aniquilar esse velho paiz, a Grécia, essa nação tão patriotica, tão avida de liberdade, e afinal agrilhoada como muitas.

Depois, essa condemnação monstruosa d'um homem, d'um militar accusado de crime d'alta-traição, como é o vender o modo

lo d'um instrumento de morte... Morte lenta, como sabiam fazer os inquisidores do seculo XVI!...

O anno passado ainda, essa victoria vã e tola do povo norte-americano, o povo inventor por excellencia, sobre a velha e cavalheiresca Hespanha, que, ainda com uns restos da sua velha e decrepita alma de cavalleiro andante, com umas reminiscencias dos seus bons tempos do Cid e Affonso VI quiz fazer face á invasão poderosa desse povo tão brutal como o que lhe deu origem.

E como se isto não chegasse ahi temos nós hoje mais um povo anniquilado, mais uma nação que vae gemer presa e escrava, mas que ha-de morrer de pé, ha-de morrer quando não tiver um cartucho, quando não tiver braços para pegar numa espingarda. Cahindo, ha-de ficar de pé!

E aqui está, meu caro amigo, o final do seculo XIX, desse seculo brilhante, tão cheio de manchas escuras...

Dizia-se quando se tratou de Dreyfus que seria uma vergonha para a Europa o terminar o seculo com a condemnação d'um innocente; e embora a victoria não fosse completa, como devia ser, foi quasi e a justiça, até certo ponto, triumphou.

Mas no caso actual o que se poderá di-

zer? A justiça triumphará? Perguntem á avida e brutal Inglaterra se abandona tão lucrativa emprêza!...

Ella bem sabe quantas minas d'ouro por lá ha e bem sabe que por ali se vae tambem ao Egypto e... Lourenço Marques não é má pousada para repousar de tão longa viagem...

E ahi tem, caro doutor e amigo o que se faz no fim deste seculo em que viveram Proudhon e Bakounine e em que rebentou a Commune. No começo do seculo Bonaparte avassalava brutalmente o mundo debaixo das suas aguias; a Inglaterra quer acabar o seculo proximo talvez da mesma maneira. E veja que, emquanto os operarios esfomeados alcançavam o que queriam em Creusot, vencendo os preconceitos capitalistas; emquanto se propaga immensamente as ideias liberaes revolucionarias e aniquiladoras da sociedade tão mal organisada; a Inglaterra, abafando o grito dos seus operarios esfomeados que pédem pão, dirige e mobilisa as suas gigantescas esquadras, cheias de canhões que permittem combatter a leguas de distancia!

Que contraste!...

E qual será maior victoria: a Inglaterra vencendo o Transwal ou os esfomeados de Creusot vencendo a força do capital que os roubava?...

E hoje, quando todas as nações deviam amigavelmente depôr as armas e coadjuvarem-se

inteiramente para a realisação dessa grande apotheóse do progresso humano, como de certo ha-de ser a exposição de 1900, confraternisarem-se perante essa grandiosa obra que ficará talvez como baliza entre dois campos — são precisamente as grandes nações, as potencias mais fortes que se guerreiam, que questionam, que querem desfazer-se para se apossarem do melhor bocado, querem enfim que se note bem este contraste: as gréves operarias e a dynamite triumpham, mas tambem triumpha o direito da força.

E' um contraste humilhante; e veremos — talvez — que o seculo em logar de morrer entre os doirados e galas d'uma festiva exposição, talvez que morra com o barulho insurdecedor dos tiros dos canhões dessas machinas de guerra.

Enfim, os jornaes nos darão depois noticias largas de tudo...

. . . .

Povo de navegadores! povo de navegadores!... Esperas indifferentemente o destino que has-de ter!...

Que é feito do sangue portuguez que se não sente pulsar em coração algum? Que é feito desses braços que manejavam o montante como hoje se move uma vergasta? Que é feito dessas caravellas que iam por esse mar fóra, em busca do desconhecido? O que foi feito d'es-

ça fé robusta que levava esses poderes espiritos á conquista do mundo, que os levava a combater, a batalhar, a navegar, para depois, debaixo do estamanha de monge esconder a imperfeição do seu ser?...

Já lá vão, já morreram, como tudo morreu para nós...

Direi como o Antonio Nobre: ai do Lusiada, coitado!... Tudo morreu.

Seu certo e dedic.^o amigo
Belizário.

×

Ao Costa Ferreira:

Coimbra = 30 - X - 99 (10h da noite).

Meu caro doutor:

Recebi agora mesmo o seu bilhete postal que muito me admirou e ao mesmo tempo me deu prazer.

Fiquei contente por saber que a junta o encontrou bem e apto para servir o paiz como seu soldado, como homem que expõe a vida em defeza da terra onde nasceu.

Eu tambem estou nas mesmas condições do meu amigo: tambem sou soldado e creia que de

boa vontade iria servir numa campanha...
Já jurei sobre os Evangelhos que havia de sempre defender a patria, o inimigos internos e externos e ... e ... (e o rei)...

Jurei tudo isso, embora esse juramento para mim não tenho valor algum...

Em breve vestirei uma farda: em breve deitarei abaixo esta minha cabelleira artista e bonita, segundo a opinião das raparigas; dentro de pouco tempo terei de deixar os meus habitos de pensador e de poeta (!!) para tomar outros bem diferentes como são os de soldado ainda que com uma estrella dourada na manga...

Em breve deixarei esta minha vida despreocupada e algo bohemia de rapaz para ter que olhar d'uma outra maneira bem diversa o meu futuro, a minha vida, que não é já a mesma que tenho tido.

Até aqui nada me prendia: capa rasgada ao hombro, cabelleira solta, gravata com as pontas de fóra, despreocupado, cábula, repontão, indisciplinavel... E agora, o futuro? A capa e batina é substituida pela farda com botões dourados, brilhantes, chamando a attenção das raparigas (como diz o Antonio Cid, com tôda a philosophia...). O gorro preto, comprido, dos estudantes antigos é trocado pelo pequeno bonnet redondo, numerado, com um numero dourado, todo brilhante; e a cabelleira, esta peça que tanto

trabalho que dá ao levantar da cama, que tanta zanga causa aos cabelleireiros, ha-de ser deitada a baixo, á thesourada, impunemente por algum barbeiro fallador! E depois, se algum cabello crescido tiver, que se acolha para dentro do bonnet por causa d'algum tenente-ajudante rezingão.

E é esta a mudança da minha vida! Se tenho pressa em chegar a uma, tenho saudades em deixar a outra... Quando vestir a farda, hei-de-me lembrar da capa e da batina... Quando no serviço do quartel eu estiver fazendo alguma guarda, alta noite, em noite de luar, hei-de me recordar muito bem que áquella mesma hora, em Coimbra, com a capa traçada, empunhando uma guitarra, muitas vezes eu ia tocar debaixo de certas e determinadas janellas...

E assim se muda de vida!...

Bem diz D. Francisco Manuel naquelle livro bem nosso conhecido: qualquér mudança causa estranheza...

Mas deixemos estas recordações da vida de rapaz; eu não hei-de ser sempre rapáz e alguma vez havia de pensar a sério na minha vida e encarar o futuro frente a frente, tal qual elle se me apresenta.

Agora é nella que eu devo pensar, porque é nella que estão todos os meus projectos, as minhas aspirações. E' olhar só para ella que o que lá vae, lá vae: aguas passadas não movem moi-

nhos. Deixar as saudades que as saudades... as saudades... não são cousa boa. O que é preciso é crer nalguma cousa, ter fé nalguma ideia, para que se caminhe a direito pelo deserto da vida fora... E depois, então, se essa ideia se torna real se essa luz se conseguir agarrar, então, devemos dar-nos por satisfeito.

No entanto, apesar de ~~deixe~~ termos seguir um certo caminho, apesar de precisarmos de um bocado de utopia para viver, a vida deve ser encarada pelo seu lado positivo...

E senão vejamos: a vida militar, por exemplo, não é hoje nada do que era antigamente; hoje vamos para uma guerra, não espontaneamente como outr'hora, com a fé em Deus, esperando morrer santamente, para poder ir para o céu, em busca de melhor vida... hoje marcha-se para uma guerra por uma ordem superior, tocrática, imperativa.

E depois, o que é hoje uma guerra?

Um bom atirador mata um ser similhante sem remorso nenhum a centenas de metros. Um canhão Krupp destroe uma fortaleza, compassadamente, a leguas de distancia. E assim successivamente!

E as causas das guerras?...

Cruzes! Olhe para o Transwal, para essa grande infamia dum povo que é forte, e que quér espoliar um outro que é mais pequeno! Olhe para

todas essas guerras do seculo XIX e admire! Pode mesmo até chorar que não é vergonha nenhuma.

Diz o meu amigo no seu bilhete, que talvez um dia nos encontremos n'alguma trincheira, entre nuvens de fumo, e pingos de polvora, combattendo... E' possivel e, com franqueza, até o desejava mas não servindo interesses dessas poderosas nações avidas de dinheiro e poderio mas sim defendendo a minha terra, como o fizeram os meus antepassados, defendendo-a como agora o estão fazendo esses valentes boers lá ao fundo dessa Africa enorme — ou então no alto d'alguma barricada combattendo pela justiça e pela razão contra o despotismo d'algum poderoso retrogrado...

E eu — portuguez! — como lastimo o não ser como esses nossos velhos, cujos feitos vem por todas essas chronicas e relançoens! Não poder eu, sofrear o montante como sofreávam esses valentes da Ala dos namorados! Não poder ser o cavalleiro famoso que era o conde d'Avranches! Não poder ir com esses visionarios, nas lindas caravellas do Infante ajudar a procurar esse lendário Prestes-Johan... a ir combatter essa moirama pelas terras d'Africa e ser armado cavalleiro em pleno campo de batalha ... e depois, em campo ou estacada, ir de elmo emplumado e escudo de variadas cores, combatter por alguma linda donzella!...

Bellos tempos, esses da cavallaria! Bellos tempos os das navegações em busca do desconhecido!

E hoje tão fracos que somos! Ha dois seculos não se fugia duma forte columna d'abacambas, como se fez em Diu: hoje foge-se deante de meia duzia de garotos afadrejadores, como aconteceu em Santo Antonio dos Olivaes...

Bons velhinhos guerreiros do seculo XVI: muito mau fructo deu a vossa geração!

É pois preciso meu amigo, robustecermo-nos physica e moralmente, mostrar que ha ainda alguem que alguma cousa vale; é preciso não esquecer que os nossos avós combatteram em Diu, em Ceuta, em Mazagão, que foram á America e que foram armar cavalleiros no Sinaï!...

Demais, caro doutor, um abraço do seu

amigo e camarada
Belizário.

×

Ao Costa-Ferreira:

Coimbra = 10 - XI - 99

Meu querido doutor:

Mal imagina a impressão sob que estou escrevendo esta carta; mal imagina como estou hoje debaixo duma certa excitação nervosa que me fez tocar no piano, ainda ha pouco, umas musi-

cas funebres . . . Fiz hoje uma cousa que para outro qualquer não teria importancia alguma mas que para mim teve-a e teve-a com bem fundadas razões : cortei o cabello, á militar!... deitei abaixo a minha cabelleira que eu trazia ha perto de cinco annos, sempre crescida e redondona! ... transformei a minha cabeça de intellectual em uma cabeça de soldado de infanteria nº 23, da 1ª companhia, do 1º batalhão!...

Já é forte a transformação!

A cada tesourada que o nosso amigo Henrique rico me ia dando no cabello, mais um castello dos que eu formei na minha fertil como engenhosa fantasia que ia desapparecendo e sumindo-se; mais um desengano que se succedia a um engano...

Está consummada a obra!

Podem rir-se esses idiotas, esses imbecis, esses parvos que por ahi rastejam embrulhados n'uma capa e numa batina...

. . . .

...isto vem a proposito de eu ter cortado a cabelleira, caso celebre na minha vida como nos annaes da historia das cabelleiras se tal historia e taes annaes existem.

E creia, fóra de brincadeira, que me custou e custou muito; andei excitado todo o dia, tendo medo de chegar á noite que tinha destinada para tal acontecimento; andava encommodado, não

sabia o que tinha; fui ao photographo e tirei o retrato, o ultimo, o da despedida... e á noite, então, como quem vae assistir á morte d'alguem, entrei no cabelleireiro...

Quando de lá sahi trazia o cabello quasi todo, e alguns punhados d'elle nos bolsos da batina...

E foi assim que eu fiquei com cára de militar, com cára de recruta, ou de galucho que em breve andará com uma espingarda ás costas, com um fato de linho a dizer

— Um! dois! tres!...

e com umas botas muito grandes, nos pés... fantasias!

E eu sempre a fantasiar!

E' já costume antigo esse, o de formar castellos no ar, paraisos encantados, futuros extraordinariamente felizes! E' já muito velho em mim esse maldito habito!

Mas depois a queda...

O meu amigo bem no sabe, como tostamente muda, impassivel, com todo o ar de quem tem a vida traçada; e eu... eu, pareço que estou numa encruzilhada donde partem dezenas de caminhos e fico-me a olhar sem saber qual tome emquanto que o meu amigo lá vae seguindo uma estrada qualquer, em linha recta, apesar das pedras e dos cardos...

O meu amigo já me viu tomar varios: todos elles levávam a uns lindos castellos encantados

mas bem via que alguns dava alguns passos, es-
ses castellos se desfaziam deixando ver alguas as
ruinas d'um velho pardieiro...

E' que eu via tudo com os olhos da Illusão, via
por um prisma bem diverso. Mas, começava...
e acabava...

Agora estou militar. Tomei essa estrada com
animo, com modos de quem está resolvido a lu-
ctar embora se desfaçam os lindos castellos encan-
tados construidos no ar...

Com o positivismo rude e grosseiro da vida,
já eu conto e com fundadas razões; mas estou
disposto a luctar.

Vestindo uma farda e empunhando uma es-
pada ou uma espingarda sou um defensor da
patria e por ella hei-de combatter de vontade; sen-
do soldado tambem o posso ser um dia da justi-
ça e da liberdade quando a força ou a iniquida-
de nos quizerem ligar a consciencia. Quereria,
como soldado morrer n'um reduto ou n'uma bar-
ricada sempre defendendo a causa justa e a cau-
sa mais nobre; morrer como se morria no secu-
lo XIV e XV, contente por ter feito alguma cou-
sa e por se ter sido util á ideia que se reputava
justa e sã.

Enfim, meu caro amigo, para me resguar-
dar do positivismo de todo este mundo, irei
procurando agasalho no meu velho Fernão Lopes,
nos Lusiadas, no Frei Luis de Sousa, no Barros,

no Azurára... Ahi se devia aprender antes de ser soldado da Patria; ahi se devia ir buscar as melhores aspirações que póde haver; ahi se deveria buscar conforto contra todo este mundo tão mal pensado... ali se deveria aprender a ser portuguez antes de ser soldado; a ser soldado antes de combater, a combater antes de se expôr á morte e a expôr-se á morte e a morrer como se morreu em Diu, como se morreu em Aljubarrota.

E depois de aprender tudo isto, então, procurar o Eldorado, á aventura, mar desconhecido em fóra!...

E' meia-noite. Vou-me deitar a ler um sermão do Padre Vieira. Muito boas noites.

Um abraço do seu amigo

Belizário

×

Ao Costa-Ferreira:

Coimbra = 3 de dezembro de 1899

Meu caro doutor:

Tenho andado bastante occupado ultimamente num novo trabalho historico que ha uns dias emprehendi. Mais uma vez me vou encafuar

na bibliotheca, entre livros velhos e poeirentos, que o Bento me dá de muito má vontade, emquanto que cá fóra, em dias bonitos, o sol quente de inverno, aquecendo esses campos que vão mudando de côr, toda a gente passeia, satisfeita da sua vida, chamando parvo a quem se cança... A vida é curta, dizem elles, e afinal, concordemos, teem razão.

Mas o meu amigo bem sabe quanto me enthusiasmo pelas nossas passadas façanhas, pelas nossas maiores glorias, por esses tempos em que merecia a pena viver, porque então sabia-se viver, diga-se de passagem; sabe o quanto amo o ir procurar nos velhos chronistas massadores, as datas, todas as particularidades desconhecidas desses factos; desligar as verdades, das lendas que com elles andam misturadas; sabe tudo isso e com certeza não se admirou quando leu que ando emprehendendo um novo trabalho historico—feito á luz das chronicas.

E eis o facto: D. Estevam da Gama, segundo filho de Vasco da Gama, é nomeado governador da India em 1540 pouco depois daquelle estrondoso[?] cerco de Diu defendido por Antonio da Silveira, para mim, um dos nossos maiores homens. Os <u>rumes</u>, os que atacaram Diu e os turcos, tinham ido desbaratados recolher-se ao mar Vermelho, ficando uma grande quantidade de navios em Suez para se prepararem para novamente voltar á India. D. Estevam, porem, não lhes consentiu tal; quiz ir em pessoa destruir esses navios, inutilisar-lhes o seu principal meio de ataque, ensinal-os de vez.

A armada preparou-se e eil-a ahi vae, em demanda do estreito, com uma grande armada, onde iam os principaes fidalgos d'então, todos elles illustres, nobres e já conhecidos pelos seus feitos, fidalgos de que a India, diz Andrade na sua Chronica andava bem provida então.

Entram no estreito, vão mar Vermelho em fóra, de victoria em victoria, de combate em combate, levam soccorro ao Preste João da Ethiopia, queimam as galés turcas, entram em Suez e em Tôro; e então, gloriosos, envaidecidos por serem os primeiros europeus que entráram naquellas regiões em som de guerra, marcham guiados por uns religiosos do convento de S. Catherina para o monte Sinai, para esse monte tão celebre por andar ligado a elle tanta lenda da historia sagrada, por ser nelle que Moysés recebeu do Creador as taboas da lei — e ahi, em presença dos frades aterrados e confundidos, ante a admiração dos naturaes e o medo dos turcos, D. Estevam da Gama arma cavalleiros varios nobres como o glorioso D. Alvaro de Castro, filho de D. João de Castro, o celebre D. Luis d'Athayde, o futuro valente Vice-rei e outros mais que o acompanharam nesta audaciosa como extraordinaria ~~[illegible]~~ façanha.

Estava pois tudo acabado; a acção acaba aqui; armou-se cavalleiros no Sinai: estava tudo prompto; só restava voltar. E voltaram á India nas mesmas fustas e galeões...

Houve certamente emprezas de maior vulto, de

maior engrandecimento, de maior valor do que esta, na India; mas o que não houve, digo e affirmo, foi emprezas com a significação desta; a scena de armar cavalleiros no monte Sinai, perto da terra da Promissão não tem precedentes na historia; é um facto que resume em si uma das ~~ee~~ feições do espirito portuguez da epocha; tem um alto valor para quem vê a historia não como a successão logica dos factos mas sim apreciando-os debaixo dos seus varios aspectos e estudando mesmo a sua importancia psychologica e moral.

Eram esses bellos tempos em que se armavam cavalleiros no Sinai e se resistia em Diu a milhares de turcos assaltantes dentro dumas muros esboroados, cahidos, durante alguns mezes, á fome e á chuva... Bellos tempos esses em que, como dizia um rei de Cambaia (segundo refere Diogo do Couto) os portuguezes faziam a India farta e poderosa com tres cousas que levavam de Portugal: verdade, espadas largas e portuguezas de oiro fino; quando isto começou a faltar, começou a India a decahir.

Bellos tempos esses em que, quando era preciso defender a bandeira da patria, quando era necessario atacar uma fortaleza, uma armada, todos se juntavam, unidos, como um só e assim se conservavam fortes, indomaveis, invenciveis.

Para não recuar e não fugir, D. Lourenço, de vinte annos, filho de D. Francisco d'Almeida, deixou esmagar e vencer a sua esquadra, morrendo com

quasi todos os seus companheiros na barra de Chaul ;. Para não se entregarem, em Diu, dois homens, só dois homens, com uma das muralhas do baluarte do Mar por terra, fazem face durante duas horas á uma chusma de atacantes incarniçados pela resistencia; morreram... No cerco de Columbo, um punhado de homens, os unicos sobreviventes da fortaleza (isto foi já no sec. XVII) resistindo ao ultimo ataque, morrem cantando uns versos de Camões, como derradeira consolação... No segundo cerco de Diu, o vigario João Coelho troca rapidamente a cruz e o missal pela espada e pelo escudo de combate... Diogo Botelho Pereira vem numa fusta pequenissima de Diu a Lisboa, annunciar a D. Manuel que aquella fortaleza tinha sido começada por Nuno da Cunha... e assim enumeraria muitos e muitos casos desses de que as nossas chronicas velhas estão cheias; e para final de tudo, de tanta audacia, de tanto valor, de tanto heroismo, D. Estevão da Gama vae armar cavalleiros no monte Sinai...

Era só o que faltava.

Ao menos, meu caro doutor, consolemo-nos com isto, porque hoje... os portuguezes, bem o previa Camões, estão como vê, roidos pela syphilis e corrompidos pelo vinho, em geral; não valem hoje, ainda que valentes, um decimo do que valiam; não comprehendem como é que se foi á India, como é que se combateu em Diu, como é que se morreu em Columbo...

E' que não tornam a ir para a India, bem n'o di-

zia o rei de Cambaia, verdade, espadas largas e portuguezes de ouro fino...

Conhecendo, creio que razoavelmente o meu feitio, bem comprehende como eu gósto de me entregar a estes estudos, onde vejo com aquella simplicidade rude de linguagem dos nossos velhos chronistas, narrados esses factos gloriosos e consoladores para aquelles que, como eu, sentem em si e nos mais a decadencia da raça e que sentem inda mais o pesar de não poder fazer renascel-a á altura a que se chegou ha tres seculos.

Recordar é consolar, diz um proverbio e eu cá vou indo todos os dias, caminho da bibliotheca, embrulhado na capa, com o cabelo cortado, estudar, ler, investigar esses pequenos pormenores dos grandes factos importantes. E' uma consolação... é o que nos resta... e nem uma esperança, ao menos, nos é licito ter...

Depois dos cavalleiros do Sinai seguir-se-hão outros: o de Salvador Ribeiro de Sousa que foi rei do Pegú; Martim Affonso de Sousa; Antonio da Silveira; Ceylão portugueza, etc, etc, e muitos outros que irei descobrindo nas minhas leituras de livros velhos e d'antigas e desvairadas linguagens.»

Ao menos aprendamos com estes exemplos a ser alguma cousa; aprendamos a ser portuguezes como elles foram; a combater como elles combateram; a morrer como elles morreram; digamos aos anarchistas que esperem algum bocado, e reunamo-nos todos para combatter ao lado de Portugal, para que elle não seja riscado do mappa das nações, para que elle conti-

Pac. velhos
36

me a existir, mas mais vigoroso e mais forte; aprendamos, enfim, na escola que tem como livro principal adoptado os Lusiadas, como professores aquelles que foram á India, que combatteram em Diu e que foram armar cavalleiros no monte Sinai...

Um abraço do seu amigo de S.
Belizário.

x

Ao Costa-Ferreira:

Coimbra = 19 de dezembro de 1899

Meu caro doutor:

Recebi a sua carta: ha uns dias já que esperava noticias suas e quando me levantava ia logo ver ao correio se vinha alguma carta para mim, se vinha alguma coisa desse Costa-Ferreira, o desejado que parece que só quer aparecer como o D. Sebastião, rodeado d'uma lenda... que parece que ficou preso a esse Porto monotono, pesado, granitico, escuro, cheirando a sebo e a tamancos:.. que parece que se não lembra que neste abençoado torrão portuguez ha entes humanos que vão imaginando uma lenda, um desaparecimento mysterioso do amigo, mas que contudo esperam que elle venha numa manhã de nevoa... no caminho de ferro

da Companhia do Norte... O principal, porem, é que recebi a almejada carta....

...Lembra-se certamente muito bem dos conselhos, que me dava, e a sua carta veio avivar-nos, mas que quér?... os theoremas d'algebra e geometria descriptiva são bem mais positivos e bem mais (sem comparação) amargos...

Tenho, como bem sabe, a negação terrivel aos estudos obrigados, ao passo que sou capaz de me dedicar dias e dias, como tambem o sabe, a outras cousas, simplesmente por devoção. Bem o attestam o padre José Agostinho de Macedo, a descoberta da Madeira e e os "cavalleiros do Sinai", assim como tambem são capazes de o attestar o Henrique de Figueiredo e o nosso Sousa Gomes...

E é esta (e com mais algumas variantes...) a minha vida! Assim vivo, tendo vontade, mas sem esta ter força. Bem dizia eu naquelle pittaresco prologo que fiz á "descoberta da Madeira" que a minha vontade é tão fraca, tão doente, que necessita por si de algum caridoso amparo para ir a algum fim e sem desdouro. Disse-o, e é facto. Quantas cousas tenho emprehendido e morrem ao começo! Quantas cousas tenho pensado e morrem no proprio pensamento! Quantas cousas tenho desejado ardentemente e com sinceridade, mas sem fazer um qualquer esforço para as alcançar!

E' que a vontade de ferro, a vontade dominadora dos mundos dos nossos antepassados enfraque-

cem, como tudo o que delles provem ... essa vontade que subjugava os mares com as suas tempestades, que subjugava os homens cujas tempestades eram ás vezes muito peores que as do mar, foi-se dividindo, enfraquecendo, até ao que se vê ... Tornou-se de leão indomavel e feroz que era em gato caseiro, pobre diabo, dorminhoco e pacato: e comtudo a raça é a mesma...

Tudo isto veio a proposito de eu querer fazer das suas cartas um estimulo para a minha vontade, que rendo recordar os seus accessits, os premios, queren do mostral-o como homem que está onde está simplesmente porque quiz, como homem que traçou o seu caminho ha muito e que não se desviou d'elle; mas as lições... as lições...

Estar quatro, cinco, seis horas sentado a uma meza para no fim de tanto tempo se saber que a + b é egual a c e que um plano é perpendicular a outro quando o é (o Burra não diria melhor) deve concordar que é algo importante... Não é que eu não goste das mathematicas, pelo contrario; mas... não gosto dellas como coisa obrigatoria...

Em resumo: é a falta de vontade...

Eu, que ando sempre atraz dos meus pensamentos sem nunca os realisar, eu que ando sempre commettendo ousados emprehendimentos sem muitas vezes os começar, eu que, tudo quanto tenho querido, tudo me tem falhado!

Isto são queixas, afinal, lamentações de um ho-

meu a quem falhou a mocidade ... a quem falhou a parte da vida que nunca deve falhar, e que está hoje indifferente a tudo, descrente em tudo, deste e do outro mundo...

Queixas, ao menos, e lamentações... (Que diriam os homens d'Aljubarrota se ouvissem uns descendentes assim?)

E francamente: quem não acredita neste mundo e quem não acredita no outro, o que é que deve fazer? E' um problema cuja solução é facil em vista do nosso grande e adeantadissimo estado de civilisação... E senão, veja: devemos esperar na edade futura, no ideal puro da liberdade? Devemos, mas não hei-de ser eu, embora morra velho que o hei-de ver. Na vida presente? Oh! essa, como eu a julgava era uma grande tolice! Falhou-me, como tudo... Resta-nos a vida passada... o Portugal velho, d'Aljubarrota e da Asia, com uma cruz vermelha de Christo na bandeira! Devemos crer nelle?... Os homens d'agora, dirão com certeza: não! Mas eu digo e sempre: devemos! Devemos crer na nossa vida passada e na vida futura, a da liberdade, e para ella devemos concorrer, mas na vida presente... não, mil vezes não!...

Ora pois, meu amigo: descrente, indifferente a tudo o que existe por esse mundo de Christo, não deverei ir consolar-me com os meus classicos e chronistas que nos contam como eram os nossos antepassados, como elles combatiam, como elles

morriam, como elles falavam, e até muitas vezes, como elles comiam? Não deverei antes ir saborear esses velhos discursos arrazoados dos guerreiros da Azia em logar de ler esses livros modernos que são bem uma amostra do que se é hoje? Não deverei abrigar-me á sombra desses grandes vultos huma:nos, desses homens extraordinarios, contra as troças, contra os risos alvares dos civilisados d'agora? Devo-o, com certeza. E é o unico abrigo...

Coração feminino não o ha onde me recolha, nem eu encontro um sufficientemente grande para que possa servir-me de abrigo contra tudo isto...

Que me resta?... Os amigos? Os amigos são homens... e chegamos á conclusão (veja o que é o mundo) que os mortos, e mortos de ha seculos, é que podem consolar um desgraçado do seculo XIX!...

Como o mundo é!...

Um abraço do seu amigo etc. etc.

Belizário

×

Ao Tio José Pimenta:

Meu querido Tio:

Diz com razão D. Francisco Manuel de Mello na sua Carta de guia que qualquer mudança causa extranheza. E é bem verdade!

Lembrou-me esta phrase por calcular o seu espanto ao ver esta minha carta, tão seguida a uma outra; o que de certo lhe deve causar extranheza e com bastante razão, mas enfim, o papel é um dos nossos maiores amigos — disse-o não sei quem — e não tendo aqui á mão com quem falar nestas cousas todas, escrevo-as aqui sem ordem, quasi, desordenadas, como a maior parte das ideias que giram no cerebro deste seu sobrinho...

Faço deste papel de linho nacional, o repositario de muita cousa em que penso e em que medito e ahi lhe mando tudo pelo correio, todo esse conjuncto heterogeneo de pensamentos, ideias e modos de ver...

Estou agora assim, numa periodo de aborrecimento e de... colicas. Tenha pois, paciencia e se não estiver para ler tudo o que lhe mando, metta ao menos estes papeis numa gaveta para quando eu já não fôr rapaz e olhar com olhos um pouco mais sceticos este mundo todo, poder ler estas cousas que escrevi numa epocha melhor... ou peior, e poder assim recordar-me dos meus desanove annos (desanove annos! estou velho!) e da minha vida de Coimbra.

Quero então saborear esse gosto amargo dos infelizes a que Garrett deu o nome de saudade que é tambem o pungir delicioso de acerbo espinho, e que enfim é muito cousa mais que se não poderá exprimir, por maior cerebro que se tenha, por maior alma que se possua, mas que ha-de ser sempre —

para quem a comprehenda — um tormento e um verdadeiro tormento. Quero então ter remorsos de ter querido encobrir debaixo de uma austeridade apparente e até certo ponto hypocrita, uma verdadeira alma de rapaz, cheia de imagens e phantasias dos seus gloriosos antepassados: os que andavam no mar e os que combatiam em terra em prol da sua patria — e cheia tambem dessas modernas ideias todas, d'esse vendaval enorme destruidor dos antigos preconceitos e crenças. Quero enfim chorar (milagre!) esta minha mocidade que eu passei entre livros (não os das aulas) a ler, a escrever, a rabiscar, para no fim de meses de trabalho ter quasi a certeza de que a Madeira foi descoberta em 1420 por Zarco e Vaz Teixeira, para saber que Vasco da Gama não partiu de Lisboa a 8 de julho, etc, etc.!

E foi para isto e mais para saber quantos reis houve em Portugal, quantas cabeças quebrou o Albuquerque, quantos castelhanos esfolou D. Nuno Alvares que eu consumi a melhor edade!

Quero ler depois isto tudo, com vagar, quando fôr velho e usar oculos e admirar estas prophecias que faço, com a sciencia de um verdadeiro astrologo...

. . . .

Mas guarde, guarde tudo isto, que sempre são recordações da mocidade e mais por deante sempre é bom irmos recordando este tempo.

Quero-me tambem lembrar da minha capa d'es

tudante que já está tão velhinha, da minha batina, da minha cabelleira... e lembrar-me desse tempo em que se anda — como diz o Antonio Nobre — vestido de lucto (e quem sabe se lucto antecipado por deixar a vida de rapaz!...) mas apesar de tudo, lucto exterior; e recordar-me mais da minha terra, desta encantada Coimbra, afogada em choupos e salgueiraes, a terra das tricanas, das cantigas tristes, a terra d'amores, como dizem os poetas.

Enfim — por essa vida adeante, se eu fôr vivendo — hei-de me recordar de tudo isto e de muito mais e hei-de concordar que não ha cousa como ser rapaz...

. . . .

Um abraço, etc, etc, do

Belizário

Esta carta tinha apenas para attestar a epocha em que foi escripta, o anno de 1899; não sei porquê parece-me que devia ter sido feita em dezembro; e pelo que nella se diz parece ter sido a primeira d'uma projectada serie de cartas a meu Tio José Pimenta e que felizmente eu não escrevi.

Este meu Tio nunca deu uma grande importancia ás minhas cartas... litterarias e talvez por isso eu não continuasse. A cartas assim nunca respondeu, de modo que parecia-me desanimava quando a minha litteratura desembestava contra elle...

=17-V-910.=

×

Pec. velhos
35

Ao Costa-Ferreira:

Mafra = 11 de novembro de 1902

Meu caro Costa:

Agora que já sou capáz de contár successivamente o que hontem se passou na minha viagem para um convento, vou vêr se lhe dou uma ideia. Uma ideia, sómente...

Tudo foi triste: a partida, a viagem, a chegada.

Tudo triste e bem triste. O dia tinha amanhecido máo; um nevoeiro pesado, humido e frio envolvia Lisboa; quando me levantei e cheguei á janella e a abri, vi lá em cima as ruinas do Carmo como que encobertas por um tenue véo, aparecendo principalmente como uma mancha escura as trepadeiras que sobem pelas velhas paredes do mosteiro de Nun' alvares. A torre do campanário aparecia só no seu contôrno e se olhava para o passadiço do elevador de Sta Justa, via-sempre alguem que passava apressado, a fugir da humidade, encolhido e curvado.

Carros subiam e desciam a rua do Carmo; gente passava para os seus trabalhos diarios; um petiz cégo berrava ha meia-hora: « cá está o 35! » todo roto e miseravel. Uma sopeira em frente sacudia um tapete e eu pensava no que seria Mafra, esse desterro para onde nos mandávam, esse sertão onde tinhamos

de passar uns dez mezes! E ia abotoando a minha nova farda, pensando em que... iamos para um convento!...

Fui almoçar e francamente almocei bem. Fiz as malas e pela uma hora, a estação do Rocio estava cheia de aspirantes.

— Vamos para um convento! diziamos nós uns aos outros, rindo.

E as familias despediam-se; abraços, adeuses e os «até breve!» repetiam-se.

Alegres, mais ou menos, os rapazes enchiam as portinholas e fallavam para a gáre; e eu, mettido ao fundo da carruagem, sem ninguem de quem me despedir, pensava no tempo de tirocinio, no que seria Mafra, se me deixariam ir á bibliothéca, em que passaria o tempo, o que faria, enfim!

E o comboio partiu, com bastante pena minha.

Depois do tunel, emquanto o comboio ia atravessando os logares conhecidos de Bemfica e Porcalhota, conhecidos dos trabalhos de campo do nosso tempo da Escola, dos dias passados alegremente pelos campos, fugindo ao capitão professor, nós iamos recordando as partidas que por ali fizemos, os jantares que comemos, os sitios em que nos escondiamos.

— Lá está o retiro do Fadista! dizia o pandego do Garjão de Moura, apontando para um sitio coberto de grandes arvores e com mesas de pedra, ao lado da linha.

— Estava eu ali a bater o fado, quando apparece

o capitão, dizia a rir o barão do Cacem. Foi um bocado bom...

— Foi uma boa piada, accrescentou o Helder.

E o comboio seguia. Queluz apareceu com a enorme matta real. Para o sul a serra do Alfragide onde tivémos um combate simulado e numa curva da linha vimos como uma grande mancha escura, recortada, a serra de Cintra, com os seus picaros curiosos. A' passagem por Barcarena rogámos pragas á fabrica da polvora: é que a fabrica veio lembrar-nos a aula de Explosivos, do Oliveira Simões.

E a chuva sempre a cahir, miudinha, impertinente; eu ia repassado de tristeza e de frio, encolhido na carruagem, vendo com admiração a alegria dos outros. A chuva fustigava os vidros da carruagem, deixando pequeninos pontos brilhantes que desappareciam e o comboio parecia mais ronceiro, parecia mais vagaroso, mais massador. E eu via tudo lá fóra da mesma côr, tudo pardo, tudo coberto pela neblina e via como seria triste a nossa entrada em Mafra, assim, com um dia d'aquelles! Seria certamente uma entrada triste, assim como seria triste o tempo do tirocinio.

Quando o comboio chegou ao Cacem o Helder foi generoso: comprou 18 queijadas de Cintra! E, emquanto depois a machina se esforçava por subir a grande subida pára o Sabugo, assoprando, nós comemos tudo com a goluseima natural de quem sabe que em Mafra não vae encontrar doces.

Mais acima perguntei eu a um que ia á janella:

— Vê lá se vês o convento...

— Vê se avistas o carrilhão... acrescentou o barão de Cacem olhando por cima das lunetas com o olhar alegre e despreocupado de homem feliz.

E o carrilhão, o celebre carrilhão de Mafra, passou a ser o assumpto da conversa. Todos diziam que devia ser curioso el-rey D. João V a puxar pelas argolas dos badalos, n'um enthusiasmo beato, para conseguir tocar uma ladainha!...

O barão declarou lógo que queria ir ver no dia seguinte o quarto onde dormia o rei D. João V para ver se ainda cheirava a peccado!

— Por força que ha-de cheirar!... acrescentava.

E com a conversa o comboio chegou, sem eu dar por isso, á estação de Mafra.

Foi uma decepção!

Para o norte um cabeço enorme, arido, negro; ao lado um outro mais baixo, tambem arido, por entre os quaes a linha ferrea desapparecia. Ao poente a planicie coberta de chuva [1] e para o outro lado uma colina tapava o horisonte. O terreno escuro e cheio de pedra calcarea negra e a respeito de convento, de carrilhão... nada!

Nada que ver, alem d'uma estrada mac-adam,

---

(1) Aqui ha engano evidente: de certo a chuva cerrada que estava me deu a impressão da planicie... [Nota, 19-V-916].

aos zig-zagues, pelas colinas fóra, para os lados da villa.

Junto da estação havia muitos carros. Tipoias, char-á-bancs, landeaux, victórias, carroças e cavallos! Falta de meios de transporte não havia e eu e mais tres rapazes que tinhamos mandado ir um carro, tomámos logo conta delle e nelle collocámos as nossas malas. Era um carro descoberto; o ceu, eclarava-se mais, mas mesmo assim, era arriscado. No entanto... nós estavamos dispostos a tudo! Chuva, vento, trovoadas, que viesse tudo e nós supportariamos resignados, indiferentes!

Olhávamos uns para os outros com ar de quem se sentia condemnado; só o barão com a sua alegria communicativa, conseguia dar a nota alegre no meio daquella tristeza não menos communicativa.

D'ahi a pouco uma enorme fila de trens serpeava pela estrada, como numa festa, como numa romaria. Os bonnets vermelhos do nosso novo uniforme avistavam-se ao longe, em todos os carros. Ao longe pareceria uma festa alegre e afinal não era: tudo ia morno, pesado, macambuzio...:

Embrulhados nas nossas capas, olhavamos para os campos. Tudo tão frio! muita pedra negra e a terra molhada: tudo negro, pois. As arvores dos taludes, sem folhas, davam uma nota mais desagradável ainda, lembrávam-nos o inverno que chegava e o frio que tinhamos que rapar.

O carro seguia e os outros formávam bicha. Os raros camponezes que estavam pela estrada, cumprimentavam. E nós, transidos de frio, a ver a chuva recomeçar impertinente e fria, nem sequer arriscávamos palavra. Só de quando a quando perguntavamos ao cocheiro alguma cousa. .

— Ainda falta muito?

— Ainda é um boccado, snr. aspirante.

E dava-nos pormenores da villa, em voz baixa, onde havia bom vinho... como se faziam pandegas á Ericeira... Emfim, um bom rapaz, fallador e fazendo jús a uma boa gorgeta. !.

E quando a chuva começou a cahir com insistencia acabou a conversa. Com o capúz por sobre o bonnet, encolhidos, nós pareciamos mais uns velhos doentes que recolhiam ao hospital do que rapazes novos que iamos a um tirocinio proveitoso.

O Raul Loureiro, o mais bem disposto é que de quando em quando dizia uma cousa:

— Então ainda se não vê o carrilhão, oh cocheiro?

O cocheiro sorria. Isso de carrilhão era cousa muito fina! Até tocava musicas!... E custou bem boa massa!...

De repente aparece, deante de nós, um muro, e por detraz desse muro uma matta enorme, selvagem; era a celebre Tapada! Andavam lá javalis, veados, corças, antilopes, segundo a lenda... E eu tive vontade — ao ver aquellas arvores antigas que lembrávam as pandegas do snr. D. João V — de

dizer como o Theodorico da _Reliquia_, tirando reverentemente o meu képi vermelho:

— P'ra que viva!

Mas não, eu era um aspirante que ia fazer tirocinio e não uma romaria. Deixei ficar o capuz e olhei para a matta, indiferente; e emquanto o carro seguia por uma outra estrada ladeada de arvores e coberta de folhas seccas, o Raul Loureiro ia caçoando:

— O Snr. D. João V quando vinha caçar, mandava prender ás arvores os veados, não é verdade, oh cocheiro?...

O cocheiro, porem, não sabia historia; e como o _Via-lactea_ do _Cenaculo_ limitava-se a encolher os hombros. E a chuva continuava a cahir, a cahir, molhando os capotes, as capas, as malas que levávamos no carro. A entrada em Mafra era a coisa mais desanimadora que poderá haver neste mundo; encolhidos, com frio, molhados e com fóme! Era perfeitamente uma marcha para o azylo dos invalidos...

Nisto passámos uma grande porta toda coberta de musgo secular, certamente; um portão carunchoso, pintado de vermelho e por cima as armas reaes de D. João V. Sempre D. João V em toda a parte! Esta porta fechou-se mysteriosamente á nossa passagem e o carro continuou a rodar sobre as folhas seccas das arvores que o vento d'inverno fizera cahir.

Ouvi então o Loureiro que olhava para a esquerda dizer com um ar espantado:

— Ui! tão negro!...

Olhei tambem. Estavamos em presença do convento de Mafra, dessa enorme molle de pedra, d'essa cousa bestialmente grande — e finalmente, perto do carrilhão!

Passávamos junto da fachada norte, severa, pesada, sem architectura, com uns cinco[1] andares de altura e cada andar com uma boa porção de metros. Esperava admirar-me e não me admirei.

E' simplesmente grande, burricalmente grande mas não tem nada de bello.

Depois dobrámos o torreão norte, com a cantaria já negra, e encontramo-nos em presença da frontaria de 260 metros[2] de comprimento, muito conhecido pelas gravuras.

Um torreão de cada lado e ao centro a egreja, com duas torres altas; e lá em cima... o decantado carrilhão!

Como já disse, não me admirei; não gostei, mesmo e esperava outra cousa de mais bello, mais artistico. E a chuva continuava; o alto dos campanarios não se via, encobertos como estavam e eu arrepiei-me com a ideia do frio lá dentro. E quando o

---

(1) Foi outro engano de imaginação. O edificio naquelle ponto só tem dois andares, embora tenha de altura 27 metros.

(2) Outra illusão d'optica. O edificio tem no seu comprimento 220 metros.

Pec. velhos
36

carro dobrou o terreão sul, vimos outra face do edificio identica, senão egual á do norte.

Tudo escuro como não se tendo lavado ha seculo e meio; e quando saltámos do carro e nos encontrámos num atrio lageado, em uma porta alta a querer ser renascença, tivemos a triste visão do que seria aquillo...

—E o carrilhão? arriscou o Lencastre.

—Deixa-te d'isso! dizia o Loureiro. Isso é só aos domingos.

E foi assim que fizémos a nossa entrada triumphal em Mafra, na Escola Pratica. Foi assim...

As malas vieram e eu subi, para tomar posse do quarto. Atravessei corredores, subi escadas e fui dar ao quarto 35, um pequeno quarto com 3 camas uma enorme janella, um grande armário e com as paredes de 1,20 de espessura... Uma cella, uma prisão, um desterro.

Sahi então e fui jantar. Vadiei depois um quasi nada para fazer a digestão. Voltei ao quarto; e feitas as camas, arranjadas as malas, preparámo-nos para deitar, quando se ouviu qualquer coisa... Escutámos... era o carrilhão, o celebre carrilhão do rei beato! Oh que consolação!

Já não dormia a primeira noite em Mafra sem ter ouvido o carrilhão, que rompeu depois d'uns preludios com a marcha da Aida!

Foi uma amabilidade da alma do rei "magnifico"...

E deitando-me, enquanto os sinos atroavam os ares, eu ouvi, dum condiscipulo, a lenda do carrilhão, lenda que lhe contarei um dia, n'algum sitio em que não estiverem senhoras...

Ouvira enfim, tocar os carrilhões de Mafra!

Meu caro: desculpe a massada enorme. Etc, etc

— Belizário

×

Ao Costa-Ferreira:

Mafra = 28 de maio, 1903.

Meu caro:

Dentro deste grande convento d'El-rey D. João V, ás onze horas da noite, e ouvindo a Philarmónica da terra a ensaiar furiosamente a <u>Carmen</u> com grande profusão de dissonancias e fifias, eu estou a lembrar a minha viagem de Coimbra para aqui na terça-feira, por um dia de calor e poeira, num ronceiro comboio mixto.

E lembro-me por uma causa curiosa e que lhe vou contar enquanto a charanga vae martyrisando as 7 centenas de soldados que com certeza a esta hora querem dormir sem poder, estirados nas suas camas estreitas, de caserna.

Quando o comboio, dado o terceiro signal aba-

Em pela linha fóra, da estação de Coimbra, para o sul, eu perguntei a mim mesmo se me tinha esquecido d'alguma cousa.

Parecia-me que sim!... Não tinha a certeza, mas apalpava-me, percorria os bolsos, remexia a memoria mas... "que diabo! faltá-me qualquer cousa!..." mas não atinava.

Comecei a installar-me no compartimento, com as commodidades de quem faz uma viagem de 7 horas seguidas; contemplei com amor, ao passar da ponte, a minha terra em lindo amphytheatro, ao longe, inundada em luz; corri as cortinas do lado do sol e sentei-me tranquillamente, com o volume da Correspondencia de Fradique Mendes e comecei a pensar em varias cousas, ao mesmo tempo que, machinalmente, lia o aviso aos passageiros que ao chegar a Lisboa queiram desembaraçar-se dos volumes de mão. Depois, abri o livro e comecei a ler onde deixára um retrato da Cavaliére.

Fradique era natural dos Açores...

Nisto, assaltá-me outra vez a ideia de que me faltava qualquer cousa. Que diabo! torno a pensar e a repensar... A mala, a espada, a capa, o relogio, tudo ia commigo; e eu ia a sentir em mim um não sei quê que me dizia ter esquecido qualquer cousa... que me dizia ter deixado em casa o que devia trazer.

Procurei prender a attenção á figura typica de

Fradique Mendes emquanto o comboio passava ronceiro pelas lindas planicies do Mondego através de alas de salgueiraes e choupos verdes, e esquecer a ideia de que alguma cousa me faltava.

De quando a quando chegava á janella; lá estavam os extensos campos verdejantes; ao longe o Bussaco; e mais adeante o Caramulo cheio de pincaros agrestes. Depois, Monte-mór e as vinhas do Dr. Thomaz de Carvalho ... mas, quando me sentava com o livro, para ler, fixava sem querer o litreiro em frente, impresso a vermelho, annunciando a commodidade de ficarem com os embrulhos por um vintem, quantia modica ... O calor era grande e eu, sem querer, procurava a posição horisontal, quasi instinctivamente; e demais a mais favorecido pela vontade de dormir.

Depois, no compartimento, não ia ninguem. Se tivesse companheiros de viagem, sempre havia alguma cousa que fazer: analysal-os; examinal-os bem dos pés á cabeça; obrigal-os a olhar para nós, desconfiados; falar-lhes mesmo um bocado e mesmo até se preciso fosse, disputal-os ... Mas nem isso! ...

E novamente tentei a leitura. Fradique Mendes era um typo curioso, bem curioso. Procurava ver a intenção do Eça, ao escrever aquelle livro; invejava as viagens do seu heroe; invejava — como bom meridional — os seus amores, até os mais banaes; mas ao acompanhar Fradique, apostolando o "budhismo" pela Persia eu pensava:

— Mas que diabo foi que me esqueceu?

E apalpava os bolsos; tirei a carteira para ver se me tinha esquecido o bilhete; e nada! não me lembrava do que seria.

De novo voltei ao D. Fradique; chamei-lhe "felizão!" quando lia os seus amores romanticos com a russa Libuska e invejei-o, francamente... E quando a noite chegou e que eu deixei de ler, tinha completado quasi o livro e o comboio ainda ia nas alturas de Leiria! Divisei o castello, ao longe, no alto duma collina isolada, com os muros quasi derrocados, semelhando um esqueleto. Depois, seguiu o comboio por entre immensos pinheiraes sem fim, escuros e tristes.

Ao longe relampejava, deixando ver a extensão negra dos pinhaes antigos; e eu, encostado, lia pela centesima vez que os srs. passageiros que na estação do Rocio queiram desembaraçar-se dos volumes de mão... etc, etc. uma massada.

Puxei do relogio: 7 horas e meia! faltavam por consequencia 3 horas e meia para aquelle ronceiro comboio mixto chegar á estação de Mafra. E procurei pensar ao menos no Fradique Mendes para não pensar em qual seria a cousa que tinha esquecido em Coimbra que tanto me preoccupava e prendia a attenção.

O comboio lá foi descendo; nas Caldas tomei uma cerveja, servida por uma linda rapariga morena, d'olhos negros, e que não teve força para

abrir a garrafa com o sacca-rolhas. Fui em seu auxilio; puxei pelo sacca-rolhas; ouvi o estalo do costume e eu bebi a cerveja. A rapariga calçava um sapatinho de verniz, catita; e de novo me assaltou a ideia: que foi que me esqueceu?

E quando de novo na carruagem eu esperava pacientemente a chegada a Mafra, comecei a pensar, a pensar... Era ainda a ideia de que alguma cousa que me fazia falta me esquecera em Coimbra, sem querer... E o letreiro, em frente, fixava-me tenazmente.

Mas, enfim, o comboio chegou á estação; chovia, trovejava e fazia uma ventania enorme. Esperava-me um carro fechado; e ahi vou eu pela estrada quasi nua, ouvindo a chuva bater nos vidros e os cavallos a chapinhar na lama. Os relampagos succediam-se; o céu aparecia de varias côres como numa magica e eu ia-me deixando vencer pelo somno atravez das duas leguas do caminho, para o convento.

Dava meia-noite na torre norte quando passava junto do torreão; o carro parou á porta do quartel e a sentinella, somnolenta, lá abriu vagarosamente a porta. O official da guarda, um aspirante, passava nesse momento ronda ás sentinellas, embrulhado no capote; e quando, com uma malla em cada mão eu ia pelos corredores enormes e silenciosos para o meu quarto, senti uma luz no espirito!

Quasi dei um grito: "esqueceu-me mandar fazer umas botas de polimento!..."

... Aqui está porque os sapateiros, ás vezes, se teem tornado celebres neste mundo...

Desculpe a estopada.

Um abraço do seu amigo, etc.

B. [illegible]

VIII

Tentativa de um romance naturalista...

(na Escola do Exercito, no verão, em vesperas de exames... Que estudante e que romancista!...)

Pen. velhos
37

I

A campainha electrica da porta da entrada, tinha acabado de tocar devagarinho, já com pouca força. Alberto, que estava voltado para a janella, em pé, roendo as unhas segundo o costume habitual e olhando vagamente pelas rendas das cortinas para a rua, voltou-se para a mulher

— Deve ser o Eduardo, disse; coitado, nunca falta ao promettido.

O Eduardo tinha já entrado na salla e cumprimentava; pedia desculpa de vir tarde, demorára-se contra vontade, tivera que fazer na officina, e depois — concluia — estes operarios, estes operarios! Ganham um dinheirão e a gente é que faz o serviço por elles!

— Está tudo assim, está tudo assim, dizia D. Esther lá do canto, torcendo os dedos; e então as creadas?

— Ui, ui! não fale nisso! E eu tenho lá um homemsinho... Jesus! Foi o maroto do prior, o Henrique... não podia dizer que não... e lá está! — E concluia fazendo uma careta: tudo uma cavalha!

A casa em que estavam era uma salla, mais ou

menos acanhada, dessas casas vulgares de arrendamento que se veem por todas as ruas de Lisboa: uma janella de varanda coberta com umas rendas de _crochet_ e uns reposteiros de _reps_ escuro, deitava para a rua onde se ouvia o pregão de um gallego com um barril de agua ao hombro. Pelas paredes, forradas a papel viam-se armas gentilicas, lanças, dardos, arcos, settas; pratos das Caldas, umas sandalias do sultão de Zanzibar, uns diplomas da Sociedade de Geographia e do Instituto de Coimbra, umas oleographias baratas com moldurας douradas cobertas de pó na parte superior; uma ferradura com uns lacinhos de seda, uns retratos — e outras cousas em que se via bem o genio _curioso_ do dono da casa.

O Eduardo, entrando, via a sala completamente núa, sem nada da mobilia que a conhecera antecedentemente.

— Que era aquillo, que vinha a ser? perguntava.

Ora o que havia de ser! O tapete estava roto e ia pôr oleado nóvo, dizia o Alberto. Que o chamára para o ajudar nesse trabalhinho... hein? concluia sorrindo.

— Vamos a isso, vamos a isso! E o oleado era bonito, dizia o Eduardo, era mesmo _chic_, umas flores, umas folhas... muito bom gosto, sim senhor...

E repentinamente, mudando de conversa:

— Então o Brion, tem apparecido?

Não, que não; ha uns dias que não era visivel; tem um sobrinhito doente, coitado, não tem appareci-

do. Talvez logo venha á partida, desforrar-se dos 2:500 de noutro dia...

E riram-se. Os trabalhos começáram; o Eduardo despiu o pardessus escuro, tirou um lenço do grande bolso inferior e metteu-o no das calças. Alberto, fumando constantemente cigarros sobre cigarros e remoendo umas valsas por entre os dentes, começou a estender o oleado no chão e começáram a pregal-o cuidadosamente, prégo por prégo.

Os dois, acocorados, falávam pouco; de quando a quando diziam uma cousa banal, insulsa, para alguma cousa dizerem. Só se ouvia o batêr do martello sobre os preguitos pequenos amarellados e lá fóra a passagem dos carros para o hospital ou o trote das mulas que iam render-se á estação de incendios proxima. Uns canarios belgas cantavam alegremente numa gaiola pendurada num vão de uma janella proxima e o sol que dava de lado nos vidros vinha dar vida a uma sensitiva, posta num vaso, fraquinha, muito rachitica. O gallego da agua continuava a berrar, fazendo o seu pregão caracteristico e lá mais a baixo, no Intendente, sentia-se os apitos dos conductores d'americanos dando o signal da partida. E o trabalho continuava.

— Vi hontem teu sobrinho. Estava a fazer namoro a uma pequena... — E continuou apressadamente, aborrecido: é um rapagão, e bom rapaz... não ha duvida... Sim senhor, sahe ao Tio...

O Alberto sorrio-se maliciosamente; mas a mu-

lher, mais curiosa, perguntou quem era a pequena, onde morava, se era bonita...

O Eduardo não sabia tanto; que era uma rapariga nova, era; agora, se era bonita... e concluia encolhendo os hombros e distendendo o labio inferior: não sei!

E assim se entretiveram toda a tarde; quasi ás horas do jantar a campainha tocou novamente:

— E' o Bernardino, disseram todos.

E era verdade. A peixeira abriu a porta, e entrou um rapaz novo, com apparencia de vigoroso, fardado com o uniforme da Escola do Exercito, com a capa aos hombros, luva branca, barbeado. Cumprimentou todos correctamente

— Muito boas tardes, muito boas tardes... Sr. Eduardo, como está... E vendo aquella mudança na sala, a operação do oleado, riu-se: então fazem de operarios? economia, economia...

— Não ha remedio, não ha remedio, dizia o Eduardo; os tempos vão máos e o dinheiro é pouco...

— E' verdade, é, replicou Bernardino, lembrando-se que no ultimo pret tinha recebido uma bagatela — é verdade, o dinheiro é pouco... e depois — com um sorriso — os deveres são tantos!...

E ao mesmo tempo que punha a capa e o kepi sobre um sofá do quarto contiguo e tirava as luvas, ia olhando com ironia para os dois, acocorados no chão, pregando o oleado pacientemente.

— Então o que ha de novo? muito frio... e hoje

estéve um dia bonito, realmente. Se não fosse a queiceira ... era um dia de primavera.

E o Henrique, limpando o sangue dum dedo que ferira com um grégo, ia repetindo com um cigarro ao canto da bocca

— Sim senhor, sim senhor... um dia bonito...

O Bernardino ia olhando para tudo com um certo ar de curiosidade porque, dizia elle, queria fazer um romance naturalista baseado na observação dos factos que se davam e que elle via na sociedade que frequentava. Por isso olhava sempre para tudo com avidez e vontade e ia assim colligindo um certo numero de cousas que a dar credito nelle, eram o sufficiente para um grande romance á Eça de Queiroz, como elle pomposamente dizia. A verdade porem, é que nunca se resolveu a começar a sua obra e com um certo desdem via alguns volumes publicados com a mesma intenção litteraria. E respondia sempre com a sua formula habitual, com um encolher rapido de hombros

— Isso é uma léria!

Alberto levantou-se e disse triumphantemente: prompto! E o Eduardo confirmava, do lado

— E' verdade, promptinho!... Ficou mesmo um trabalhinho ao pintar da phanecca...

O Alberto é que queria explicar tudo; dizia elle:

— Se chamasse uns operários, levávam-me um dinheirão, estávam para ahi um ou dois dias e no fim ficava uma porcaria, mesmo uma porcaria. E

assim, olhem, — e passeava por cima do oleado — não faz nenhum fole, parece corrido a ferro...

— E' verdade, é verdade! confirmávam todos; e o Eduardo accrescentava: muito perfeito, muito perfeito! Cá este senhor é um faz tudo! elle faz gaiolas para canarios — e contava pelos dedos — elle fáz caixinhas para dominós, elle... eu sei lá! elle faz tudo e... muito bem feito.

E accrescentava com uma palmadinha nas costas:

— Seu Alberto! seu Alberto!...

Alberto deitára o cigarro fóra e disse

— Vamos ao jantar!

E foram todos pelo estreito corredor que conduzia á salla de mesa com essa vontade propria de quem ás 5 horas da tarde se sentia só com um almoço.

A sopa já estava na mesa, numa terrina, deitando fumo e um cheiro agradavel e quente; no centro, um grande ramo de rosas que viéra duma quinta que Alberto tinha no Seixal; e fazendo pendant duas travessas pequenas com crême, dávam um cheiro curioso, misturado ao da sôpa.

A mãe de D. Esther, a D. Paschoa servia os pratos, calada; e as pessoas em volta, ante-gosando o prazer de comer, permaneciam mudos, serios, nas suas cadeiras de nogueira talhada.

Conversou-se pouco; o Bernardino arriscava de quando a quando uma pergunta acerca das pessoas que lá iam passar a noite.

Elle bem sabia porque o perguntava...

— Estou a ver que fiz mal em não trazer o meu dolman rico...

— Não! Dizia a Tia — tudo gente de confiança. Vem a familia aqui do Snr. Eduardo, a do Margal, a Emilia Braga, a gente do costume. Estás muito bem assim, não são de cerimonias.

O jantar correu-se, á calada. E a campainha tocou novamente.

— O snr. Dr. Atilio! annunciou a creada.

O Atilio tinha entrado e ao ver o oleado novo disse lá do fundo do corredor:

— Bravo ao artista! bravo ao artista!

Mas o Eduardo reclamava a sua parte nos elogios e mal o dr. Atilio tinha chegado á porta, rindo exclamou logo:

— Diga antes: bravo aos artistas!

O doutor cumprimentava todos e sentou-se ao pé do Alberto.

— Então que vens tu cá fazer?

— Venho beber-te uma chavena de café. E voltando-se: então Snr.ª D. Paschoa, como tem passado?

— Assim, assim... Um pouco de azia, dôres de cabeça... é a velhice, snr. Doutor, é a velhice.

— Tem continuado com a agua das Lombadas? Olhe que são muito boas.

E depois para Bernardino:

— Isto hontem á noite, parece que falando em cousas serias...

Bernardino córou; bem sabia que elle o vira na rua dos Cavalleiros, falando para uma janella, na noite antecedente.

— Isso foi engano, snr. Dr.

— Vê, minha Senhora? eu não dizia? Minda depois lhe disse o mesmo... arriscou o Eduardo. Pois eu ainda digo mais: ouvi o que elles diziam!

— Isso é que não, snr. Eduardo!

— Olhe que eu digo...

— Diga, diga! disseram todos.

— Pois então ahi vae: o snr. voltado para cima estava a dizer: "então julgas que eu te esquecerei?" Ella respondeu: "o quê? então és capaz de casar commigo?" E aqui vae o final: "ora se sou! até de muito mais!" — Depois, como ia descendo, não ouvi o resto.

Todos se riram muito e nomearam o Eduardo para policia do Bernardino

— Policia secreta, dizia, satisfeito pela honra.

O Bernardino corou novamente porque aquillo era verdade. Elle dissera aquillo mesmo, na vespera, por debaixo da janella, embuçado na capa, emquanto o elevador da Graça subia e descia cheio de gente, os carros e carroças passavam e os soldados dos quarteis da Graça e Penha iam subindo, para o recolher, espantados por verem ali um aspirante a namorar!

— Mas quem virá a ser essa menina tão feliz? perguntava Esther.

Quem era, quem viria a ser! Que pergunta! Isso é curiosidade de mulher, uma das muitas maldades com que Eva sahiu do Paraiso. São cousas que não se perguntam — dizia o Abilio, ~~acabando~~ um calix de Benedecté. Deixar o coração livre, é vontade!

— Sem toques de alvorada nem recolher, commentou o Bernardino.

— Nem mais nem menos. E' verdade, não vaes amanhã á Bohéme?

— E' possivel, vamos a ver. Talvez tenha que fazer na redação...

E a conversa continuou mais animada acerca de theatros.

Bernardino permanecia calado, olhando o relogio, constantemente, um relogio de parede com dourados em volta, e com um pendulo branco, brilhante. Estava impaciente; queria ir á rua dos Cavalleiros, tinha promettido ... e não queria faltar. Ao mesmo tempo não queria falar, tinha acanhamento, podiam julgar que tinha pressa de se ir embora, por estar massado e não sabia que pretexto dar.

Se dissésse que tinha que estudar para o dia seguinte ninguem o acreditava, todos sabiam que elle era um cábula. Dizendo que ia deitar uma carta no correio, ao Rocio, era logo apanhado porque no marco da rua Nova da Palma tiravam as cartas ás 7 horas e meia da noite...

Visto, levantaram-se; e Bernardino, depois, na salla, não achava pretexto para sahir e olhava para

tudo que estava nas paredes, com as mãos atraz das costas, impaciente.

Olhava para um retrato dum general, velhinho, encostado a uma bengala, pêra comprida, muito branca, com o peito cheio de medalhas: era um ascendente da D. Esther. Depois via uns jarrões da China, altos, com muitas flores, bonitos e elegantes; uma pele de pantera, estendida no chão, cabeça bem conservada, e os olhos vitreos, sem expressão, fitando o espaço; uma pele de raposa, escura, com forro vermelho; uma meza com retratos em passepartouts em cima de livros bem encadernados, o Dr. Atilio, o bispo D. Antonio, o Gabriel Correia irmão do Alberto e a mulher, o pae de Bernardino e outros retratos de familia e intimos.

Via tudo como se fosse cousa nova para elle e torcia os dedos. Pegou ao acaso numa musica que estava em cima do piano e viu a valsa Sobre o Tejo. O Eduardo que estava atraz delle, viu-a e disse logo como quem ia dizer uma cousa importante:

— E' muito linda, essa valsa. Minha filha toca-a no bandolim, faz muito bonito effeito.

Bernardino, aborrecido, teve um certo desprezo por aquella opinião musical tão apoucada; no entanto quiz mostrar-se atencioso e explicou entrujando:

— E' realmente bonita. E' feita segundo a escola wagneriana. E' a melhor musica que se toca em Beyruth...

— Ah!...

Neste ah! Eduardo resumia toda a sua ignorancia sobre musica, mas conservou-se sempre junto de Bernardino; queria ver se lhe ouvia mais alguma cousa. Gostava delle e considerava a sua opinião como abalisada.

— E' muito esperto, é muito esperto! dizia elle ás vezes, ás escondidas, a respeito do cadete; e nisto mais uma vez mostrava a sua ignorancia e a sua educação acostumada ao servilismo.

Bernardino continuava aborrecido; olhava para os livros que estavam sobre a mesa, altivos dentro das suas encadernações luxuosas; viu algumas illustrações do Gil Braz de Santilhana, da Astronomia de Flammarion e largou. Começou a brincar com os pingentes dos cordões dos reposteiros; ficou com uma espera o tapete distrahidamente e sentou-se no banco do piano, desanimado.

O que iria na rua dos Cavalleiros? pensava. E á simples lembrança de scenas passadas sentia que já não resistiria muito tempo. Estava com pressa de correr, a falar-lhe, no escuro da porta, apertando-lhe um braço e escondendo as coxas com a capa; ir falar-lhe á janella da porta de traz, da rua do Capelão, envolver-se numa nuvem de prazer, de gozo e de fado corrido...

Estava a ver que não supportava mais e que em pouco sahiria abruptamente, desculpando-se mal e correria pela rua de S. Lazaro abaixo, a passo largo;

peggava no Képi, punha a capa pelos hombros e seria intransigente.

Mas reconsiderou e resolveu-se a falar. Chegou ao Zé do Tio e disse baixinho, com ar de riso:

— Tenho de me ir embora porque estou como a rainha santa, quando morreu; isto é...

— O que tens tu?

— ... com dores de barriga...

Riram-se. Alberto ainda dizia que se fosse preciso tudo se arranjava, nenhuma percebaria... Mas Bernardino não quiz e despediu-se de todos. Pôz o Képi, deu as boas-noites significativas á sopeira que veio alumiar á escada e desceu, fazendo tilintar as esporas.

Achou-se na rua; começou a caminhar a passo largo e desceu a rua de S. Lazaro. Havia muito movimento de carroças, os carros do hospital de S. José, trens de praça, gente que passava. Alguns guardas municipaes subiam pacatamente recolhendo ao quartel do Cabeço da Bóla; uns carroceiros discutiam uma questão de pagamentos e um rapaz novo — amanuense talvez — falava por um telephone de cordel para um terceiro andar.

Ao chegar á rua Nova da Palma, o movimento era maior; no largo á direita, o chafariz não dava vazão á enorme quantidade de barris d'agua; uma mulher apregoava uns bolinhos e uns rebuçados n'uma tenda portatil; uns soldados caçoavam com uma creada de servir dizendo-lhe chufas grosseiras

e obscenas a que ella achava muito graça, saracoteando-se, desejosa. Atravessou a rua da Palma e aos encontrões a mulheres com cestos, a marujos, a fadistas, lá foi subindo a calçada dos Cavalleiros.

Um dos elevadores da Graça vinha descendo; o conductor fazia ouvir o apito agudo para se afastarem; dentro vinha tudo cheio e a luz da plataforma, augmentando cada vez mais casava-se com o ruido soturno do atrito das correntes, das rodas e dos carris. Ao lado, um homem esfarrapado, com a chapa metalica pendurada no colete rendido, berrava:

— Cá está um bilhete de cadeira para a Rosa Engeitada! Quem compra, quem compra!

E outro mais abaixo, na esquina:

— Quem vende um bilhete, quem vende?

Um segundo sargento com uma ordenança, passava para fazer a sua ronda á rua do Capelão; ia com um ar altivo de quem tem á sua disposição uma rua de toleradas... Um bando de costureiras, alegre, rindo muito, descia para o Principe Real, de volta do trabalho, contentes e satisfeitas: enfezadas, pallidas, com aspecto doentio, iam alegres, ignorando certamente o seu estado, contentes por verem os peralvilhos atravessarem a rua para lhes dizer alguma cousa:

— Que lindas meninas! são um ramo de rosas!

Um grupo de soldados olhava para uma montra onde havia umas oleographias de santos, á venda, fazendo horas para ir para o quartel, para a Graça. Perfilaram-se e fizeram uma continencia respeitosa,

obrigando Bernardino a desembrulhar-se para correspônder. Um cavallaria da municipal descia com a rapariga ao lado, envergonhada, timida, com uma expressão envergonhada de pudôr. Umas senhoras burguezas estavam paradas a uma porta, discutindo um assumpto qualquer de modas, banal, sem importancia alguma.

Bernardino, ao passar por uma loja de alfaiate viu dentro, a uma meza, um homem de grandes bigodes a cortar fazenda; umas raparigas cosiam sentadas em volta e á porta estavam pendurados alguns casacos, uma calça, e uma farda de tenente.

Um elevador subia devagar, cheio de gente e um cauteleiro berrava, no passeio:

— Cá está o 4820! Amanhã anda a roda!

Bernardino chegou ao nº 61 e viu no primeiro andar uma cabeça. Miraram-se. E desembuçando-se Bernardino empurrou a porta e entrou resolutamente como se entrasse na sua propria casa.

No dia seguinte, Bernardino, levantou-se mal disposto, como de costume, ás 6½ da manhã para os exercicios. Vestindo-se, ia rogando pragas a quem o fazia levantar; berrava contra o corneteiro que tinha tocado á alvorada cedo de mais ... Mas levantou-se; e ainda meio estremunhado sahiu do quarto.

Na parada da Escola do Exercito estava fresco; uma aragem do norte, cortante, fazia dizer aos alumnos com as mãos nos bolsos, encolhidos, tiritando:

— Isto é que hoje está um barbeiro... Brr...

— Está taró, está...

Bernardino já se aborrecia de tanta madrugada, d'aquella massada de exercicios que não serviam para nada e cuja unica serventia era massar, era massar! Respondeu de máu modo quando chamáram pelo seu numero e zangava-se com os companheiros que lhe faláram. O sol nascia neste momento entre a Graça e a Penha e começava a dissipar um leve nevoeiro que se formava quasi sempre por sobre aquella baixa dos Anjos, Intendente e bairro Andrade; depois começava a fazer brilhar as clarabóias das casas o que dava um efeito curioso e novo. A Graça começava a ver-se bem: a egreja, o convento e a grande casa azul, junto, no largo; o Castello, mais á direita, sobre-saindo escuro e velho por sobre uma facha de terreno cultivado; e sobre o rio — mais alem — distinguia-se um espesso nevoeiro.

O sol subia e fazia luzir as gotas d'agua nas folhas dos eucalyptus da cerca do hospital Estephania. Bernardino observava tudo, com as mãos frias nos bolsos, o olhar vago, de quem não prestava attenção ao que via, embora visse. Mas, ao mesmo tempo, pensava na noite da vespera que o obrigára a ir á rua dos Cavalleiros a correr, para não faltar ao recolher, ás 8 horas. Lembrava-se das piadas do Eduardo, do Dr. Abilio a respeito da pequena e não lhes achava muita graça. Que tinham elles com isso, que namorasse, que conversasse com uma rapariga, que fizesse o que

Por. medos
33

todos fazem? Elles, quando eram novos, não tinham feito o mesmo?

Então o Dr. Abilio, que tinha deixado fama em Coimbra quando se andou a formar é que falava d'aquella maneira! Elle, a quem fizeram a alcunha de "o Abilio das meninas!"... E o Eduardo, um pobre diabo, a contar o que ouvio dizer em logar de se calar, o malandro!

E tinha uma vontade de se revoltar, de lhes bater, de os provocar!... Elles já não estavam verdadeiramente em edade de se metterem nessas cousas, já eram homens serios, ambos casados, com filhas, e com obrigação de se portarem melhor...

E depois, se se começasse a espalhar, se começasse a constar que elle ia falar com aquella rapariga á rua dos Cavalleiros, todos lhe perguntavam cousas, todos o massavam; os companheiros riam-se, troçavam-o e os professores não gostavam... E a pouco e pouco chegava a noticia a Coimbra, aos arredores, a familia sabia-o e por fim chegaria á Quinta das Carvalheiras, a casa da sua noiva... Era o diabo! não sabiam metter-se comsigo e deixar os outros?

E dizia para comsigo, quasi convencido e com um gesto de desprezo:

— Sucia de bestas!...

E não havia que duvidar, era tudo uma sucia de bestas. Podiam fazer duma cousa que não prestava para risada, uma cousa seria; um namoro vulgar como todos os que se veem nas ruas de Lisboa, po-

dia ir complicar a sua vida e escangalhar os seus projectos. Era o diabo!

E Bernardino decidiu não admittir aquellas brincadeiras, aquellas cousas. A' outra vez ficaria muito serio e não daria confiança; fingiria que tinha dado sorte para elles não tornarem com piadas...

Estava assim pensando desta maneira, quando o chefe deu a voz de avançar e lá foi contrafeito, para o exercicio. Felizmente o professor não tinha vindo; estava frio, podia constipar-se e ficára na cama e mandára o reformado dar a noticia.

Os rapazes correram em varias direcções, contentes e para aquecerem; o Bernardino, só, comprou o Seculo e gravemente foi sentar-se no quarto a ler as noticias. Percorreu os telegrammas das provincias, procurando alguma novidade de Coimbra; leu por alto os assumptos politicos; olhou para os espectaculos que havia nessa noite; leu um soneto que vinha no folhetim Luis de Camões e atirou-se para cima da cama que ainda estava desmanchada: começou a ler attenciosamente os annuncios — remedio para prisão de ventre, marmelada gloriosa, moveis de mogno... E resolveu-se a esperar com paciencia pelo almoço.

E pensava:

— Se chego um dia a fazer um romance á Eça, muita tareia lhes hei-de dar! Grandes sujeitos!... E o Abilinho, a troçar-me, quando elle em Coimbra tinha tres e quatro namoros ao mesmo tempo! Nem

parece de Coimbra, nem parece mas fabricio... E o outro, o Eduardo, coitado, um verdadeiro pobre diabo, a querer molhar a sopa! E se calhar põem tudo em pratos limpos e lá vae a novidade ás Carvalheiras... Estou arranjado!... Sempre estou para ver... E como hei-de descalçar esta bota só lá o sabem? Uma brincadeira... e afinal dá este resultado!... E' o diabo!

E foi a um quarto do lado pedir um cigarro para fumar; não era por vicio, mas ás vezes tinha necessidade de se entreter com um cigarro e ia pedil-o. E passeava com as mãos nos bolsos, em atitudes de fumador experimentado.

— O diabo é se a tal reunião em que ella me falou é hoje. Tenho de pedir dispensa do recolher... vou pedil-a ao capitão, é o melhor. E, é verdade: tenho ainda de lavar as luvas que estão sujas como burro... e peço as esporas de pua direita ao Katzer, que sempre são melhores do que as minhas; lá dar 7 tostões é que não dou... era o que faltava... Peço as charlateiras ao Almeida; elle empresta-as, não tem outro remedio: dei-lhe noutro dia dois tostões que não tornei a ver... E não preciso mais nada: cordão, tenho, gravata... está tudo bem!...

Mas de repente lembrou-se:

— E se alguem me vê ir para lá? Começam a falar ainda mais, a dizer que estou agarrado, que vou casar com a rapariga, que é uma desgraça, mil cousas! E depois uma carta anonyma para as Carvalheiras, já eu estou a ver! E começam-me a chamar gato... Is-

to vae ser o bom e o bonito!... Mas enfim, veremos.

E depois de reflectir um bocado, atirou com a ponta do cigarro fóra e olhou para a cerca da escola onde corriam alguns dos seus companheiros, alegremente.

Um soldado, tirando com uma pequena enxada a herva da parada, trauteava uma canção qualquér da sua aldeia e dizia para um outro que esta perto:

— Olha lá oh 114! lembras-te desta cantiga?

O outro dizia-lhe que sim e continuavam no trabalho. Num quarto em frente uns rapazes tócavam guitarra, para entreter tempo, até ao almoço, e cantávam um fadinho qualquér. Outros falavam de janela para janela, riam-se, contávam anedotas, troçavam alguns pelludos; um grupo d'elles, de cavalaria, no meio da parada, discutiam assumptos hypicos.

Bernardino, com o queixo apoiado na mão, pensáva em cousas muito diferentes enquanto em baixo, no quartel da municipal se ouvia o tóque de cornetas n'uma marcha de continencia e na rua o rodar posúmo dum carro americano que passava para o Jardim Zoologico. Afinal estava disposto e não se importar com o que dissessem; falássem é verdade, que seria surdo a taes cousas, fossem ellas quaes fossem. Nas Carvalheiras não acreditavam se lá constassem esses factos; portanto, o melhor, era deixar correr o marfim! Iria á reunião, continuaria o namoro e a disfructar aquella gente toda! Assim é que éra!

E quando o corneteiro, soprando com força, tocou ao almoço, Bernardino já não estava zangado.

Tinha ficado bem comsigo; o Abilio e o Eduardo já não eram a "sucia de bestas" de ha um pouco e nas Carvalheiras nunca se saberia de nada.

E foi á cama do Katzen e chamou-o

— Katzen! já tocou ao almoço!

E o Katzen, estremunhado, começou a vestir-se e d'ahi a pouco iam ambos a ler o Seculo direitos ao refeitorio.

Bernardino almoçou bem; e quando, descendo vagarosamente a escada, ia para o atrio passear um pouco e ver quem passava no largo da Bemposta, ouvio o alumno que estava de serviço, em cima dum banco, muito serio, de bandoleira branca, distribuindo as cartas, berrar pelo seu nome

— Bernardino Correia!

— Atira para aqui, fazes favor!...

E a carta veio pelo ar, descrevendo um giro, aos zig-zagues, até cahir no chão. Bernardino abriu-a e vio logo que era della; um companheiro, ao lado, dando palmadinhas nos rins e rindo-se, segredou-lhe:

— Carta da pequena... ah! seu tôlo...

A carta dizia nem mais nem menos que a reunião era nesse dia; pedia-lhe muito que fosse, que não faltasse e que havia de tocar rabeca. Iam varias familias conhecidas e que fosse mais cedo para conversar com ella. Enfim, o principal era não faltar e ir cedinho...

— Sempre é hoje a reunião em casa da Emilia, disse para o Katzen; vou pedir dispensa ao capitão.

— Se elle der...

— Dá sim, verás... Eu digo-lhe umas cousas...

E entráram para a aula sem saberem do que tratava a licção.

No intervallo do meio dia, Bernardino entrou no quarto, limpou as botas, pôz esporas; foi ao espelho e pôz um lenço no pescoço para a gola da farda subir e fingir que o colarinho era mais baixo, o do regulamento; encobriu o cabello já crescido para dentro do bonnet de serviço; escovou-se e viu se ia todo na ordem. Sahiu e encaminhou-se pelo corredor ao gabinete do capitão da companhia; subiu as escadas fazendo tilintar as esporas e chegando á porta, perfilou-se, fez a continencia, e disse com uma voz austera e séria:

— V. Ex.ª dá licença, meu capitão?

II

Um dia, subiam pela rua Nova de Palma, ao anoitecer, dois rapazes da escola do exercito, vagarosamente, conversando com uma certa animação. Um d'elles, de vez em quando olhava para uma montra qualquer de soslaio, para ver no escuro do vidro, se ia bem, se o <u>képi</u> ia ainda bem posto, se o dolman continuava bem esticado. Olhavam com um certo ar de desdem para os carros americanos que passavam cheios de gente para a Esthephania como quem tinha a certeza de levar os bolsos completamente vazios e como quem está resolvido a andar a pé... Numa vitrine duma papelaria estavam expostos em enorme quantidade brindes para o natal, uns bonequinhos, uns chromos uns almanack; commentaram a profusão de luz que havia numa mercearia em frente onde se vendia as <u>broinhas</u> do natal e queijadas de Cintra, e concordaram que tinha um ar provinciano rico... A porta do Principe Real estavam uns homens de cara rapada, os actores, conversando, encostados a um cartaz que annunciava um dramalhão qualquer

que o publico applaudiria muito, bisando sem duvida a morte do tyranno.

E no meio desta monotonia da vida de Lisboa, os dois amigos iam caminhando, sem consciencia de que obedeciam tambem aos habitos daquella gente toda. Chegáram á rua de S. Lazaro e acháram que era cedo para ir para cima.

— E demais, dizia um, massada por massada, é melhor andar aqui; escusa-se de estar a aturar lá aquella gente...

E começáram a commentar as formas duma rapariga que estava sentada nos degráos da egreja do Soccorro ao pé duma mulher que tinha uma tenda portatil de limonadas e cafilés.

Estavam indecisos; aquillo tudo tornava-os mónos, massados; aquella gente que passava, os carros, as mulas d'americanos, carroças, galegos apregoando agua, tudo isso os fazia ali ficar sem vontade de se mexerem; encostáram-se ao marco postal e olháram, indifferentes, sentindo um barulho continuo nos ouvidos, apanhando encontrões de quem passava á pressa.

Um companheiro que ia para cima, disse-lhes adeus, ironico:

— Adeus oh Katzen! adeus Bernardino! Vocês não a fazem boa!...

— Olé! boa-noite...

E o Katzen que estava a olhar para a rua de S. Lazaro, viu descer um vulto de rapariga, airosa, elegante.

Francêlhos
40

— Olha esta rapariga que não parece feia...

— Ao longe, pelo menos...

Andavam a acender os candieiros e não se via já muito bem e para verem a rapariga atravessar a rua. Era uma costureirinha, com um ar envergonhado e que corou quando o Bernardino galanteando lhe disse baixinho que tinha uns lindos olhos. E o Katzen concordou: tinha uns lindos olhos! Era airosa, fina, delicada, e ambos ficaram com os olhos nella enquanto atravessava a rua, levantando a saia um pouco para se não sujar e deixando ver a bota preta ~~pam~~ muito bem polida. Levava um pequeno embrulho, talvez um bocado de fazenda para algum vestido e a mão fina, com dedos compridos e elegantes seguravam a saia numa atitude estudada nalgumas senhoras a casa de quem ia algumas vezes. Atravessou a rua com um passinho miudo e meteu pela calçada dos Cavalleiros.

Um empregado do caminho de ferro, homem gordo e de bigode espesso deu-lhe um encontrão e disse-lhe uma grosseria. Os dois ficaram a olhar para a rapariga e sentiram uma certa vontade de a seguir, ver onde ella morava, o que fazia, a sua vida, onde ia de dia...

— E se nós a seguissemos? perguntou o Katzen.

— Vamos lá...

E atravessaram a rua a passo largo e seguiram-na a pequena distancia. Ella pressentiu-os e apressou o passo, medrosa, olhando para os lados, para ver se

vinham atraz. Sentia medo, um mal estar, uma aflição, em se ver ali sósinha, quasi noite fechada e seguida por dois militares e demais a mais, dois cadetes. Lembrava-se de que uma vez, um, no largo de Camões, chegou-se ao pé della e disse-lhe com uma voz avinhada, cheirando a aguardente, se ella queria ir dormir com elle! E tinha medo que estes se chegassem perto e lhe dissessem alguma cousa assim; sentia-lhes já o tilintar das espóras nas pedras da calçada e imaginava ver-lhes já a chapa brilhante do képi a brilhar á luz das lojas da rua. Adeante ia um grupo de senhoras, subindo a calçada vagarosamente, com umas amas adeante, levando duas creancinhas pequenas, de cólo; uns homens seguiam atraz, apoiando-se nas bengalas e conversando sobre cousas particulares. Ora á vista deste grupo a rapariga cobrou alento e apressou mais o passo para se colocar sob a sua protecção; ao pé da senhoras com certeza os rapazes não diriam nada, e se dissessem não era cousa como o do outro, o do largo de Camões...

E olhou para traz, triumphante, para os dois rapazes que seguiam atraz della; ainda q sentia-se cançada com a corrida. O que lhe valia era estar quasi ao pé de casa e animou-se; subiu então mais devagar e os dois seguiram-na sempre.

Ella morava longe, quasi ao arco de Santo André numa sobre-loja, por cima duma lojeca de ferro velho com um S. Pedro numa gravura em aço, pendurado

á porta, um candieiro de tres bicos, um molho de chaves, tudo junto numa mistura ornamental caracteristica; e lá dentro, á luz dum candieiro de petroleo, fumarenta, um velho baixo e magro, com uns oculos enormes, limpava o tampo dum violão que não tinha braço.

Foi na porta acima desta loja que a costureirinha parou, novamente a tremer, por se ver só, entregue aos ditos e ás troças dos dois rapazes que ainda a não tinham abandonado; bateu á porta com o ferrolho, com força, para lh'a abrirem mais depressa, e como lh'a não abriram logo bateu de nôvo com mais força ainda, que fez estremecer o velho adeleiro que olhou por cima dos óculos para a porta no momento em que passávam os dois amigos.

— Oh, oh! commentou; vens com medo, vens... Fia-te na virgem e não corras... E com voz alta para ser ouvido: Crédo, menina! olha que deita a casa abaixo!

Os dois rapazes chegaram quando ella batia segunda vez; ella voltou a cara para á porta, escondendo-se timida, e esperou pacientemente que lh'a abrissem; e sentiu uma pancada no coração quando os dois pararam de braço dado, ao pé, a olhar para ella e falando baixinho...

O Katzen queria falar, désse por onde désse.

— A menina ia-nos matando a subir! Então tudo isso é medo de nós? E que bonita que é!

Ella tremeu e teve vontade de atirar com o em-

brucho da roupa á cara. Mas o Bernardino não era homem que dissésse assim cousas a raparigas, sem graça nenhuma; era sempre grave e erudito nos gracejos, sempre diplomata nas piadas. Com uma curvatura polida avançou:

— Eu, simplesmente lhe digo que bem uns olhos mais lindos que os meus... e peço-lhe só uma cousa, minha senhora:

Um beijo na cara
Pede-se e dá-se:
Dá?...

E ficou na mesma posição esperando uma respos-ta. Ella ficou calada, mas estas palavras soaram-lhe ao ouvido duma maneira extranha; achou não sei o quê, uma qualquer cousa mais suave e mais fina que a do outro, do bebêdo; encontrou-lhe um certo ar de galanteria a que não estava acostumada, e tevê vontade de olhar para ver quem era que lhe falava assim... Mas receiava ver quem era e alem disso mostrar os olhos que elle gabára tanto, desde lá de baixo, do Principe Real. E depois, enfim... tinha medo!...

— Então porque não olha? Tão má!...

— E eu não serei satisfeito no meu pedido? perguntou o Bernardino.

Mas a porta abriu-se e uma mulher avelhentada appareceu; a rapariga ainda disse

— Não senhor, não é, deixe-me...

Bernardino curvou-se e tirou o bonnet. E em-

quando ella subia os degráos da pedra da porta, elle dizia-lhe confiansadamente, vendo as saias moldarem-lhe as côxas, ao subir:

— O padre Antonio Vieira já dizia: a péior cousa do mundo é chegar a pedir e depois de chegar a pedir, ouvir um não!

Mas a mulher que abrira a porta protestava:

— Corja de malandros! E' para isso que os paes andam a trabalhar lá na terra!

E abriu a porta com força. O Katzen e o Bernardino acháram graça á mulher e riram-se. E dando o braço, seguiram rua abaixo para a Escola.

— Pois a rapariga é bonita, é; tem uns olhos que são uma belleza; é morena, como eu gosto...

E o Katzen concordava; ia pensativo, alguma cousa o preoccupava e dizia confidencialmente para o Bernardino:

— Não reparaste, quando ia a subir como se lhe conhecia a fórma da perna, muito bem feita?... E acabou distrahidamente: e tem uns olhos bonitos, tem...

Os dois amigos metteram á esquerda, pela rua do Calção abaixo; iam commentando a rapariga que tinham seguido. Bernardino só falava da beleza dos olhos; Katzen lembrava-se das côxas desenhadas pelas saias, ao subir os degráos, e da perna que se via, acima da bota bem abotoada, calçada numa meia preta que á luz dum candieiro proximo parecia fina; lembrava-se da cintura apertada e airosa, uns

quadris bem lançados e um geito bem feito... E ao chegar á rua das Tendas voltaram novamente á rua dos Cavaleiros.

Nesta rua havia o movimento do costume: elevadores, carroças, gente para cima e para baixo; e aos encontrões, aqui e ali, os dois amigos foram descendo commentando ainda a rapariga que tinham seguido.

O Bernardino ia olhando para quantas caras via ás janelas, não achando nenhuma bonita, dizendo que em Lisboa pouca cousa boa se encontrava, que era tudo feio... O Katzen olhou para uma janela mais abaixo na curva da rua e disse apertando o braço do amigo:

—Ali tens uma excepção, Bernardino. Olha aquela janela...

Bernardino olhou e teve de concordar que era uma excepção. Havia perto um candieiro e em frente uma loja de velas de cera; e com estas luzes, Bernardino viu que era realmente uma linda cara de rapariga, com cabelos pretos, olhos castanhos expressivos, um pouco morena.

E atravessáram a rua, a pretexto de verem as velas de cera da loja em frente para poderem olhar melhor. Ella não fugiu, ficou á janela, olhando o movimento, fingindo não os ver.

— Não dizia que não, oh Katzen!

— Nem eu...

E Bernardino tomou nota do numero da porta para se não esquecer...

E seguiram para baixo porque era já quasi a hora

do recolher, olhando de vez em quando para traz...

— Eu tomo á minha conta a costureira, que dizes? perguntou o Katzen.

— Coitadita, ella parece tão innocente...

— Ora adeus! se não fôr eu é outro!

— E eu o que faço é arranjar namoro com esta do numero 61. Gostei daquella cara...

— E as Carvalheiras?

— Ora! quem é que lá vae dizer!

E combinaram logo ali fazerem namoro, um á costureira, outro á rapariga do 61.

. . . .

Fragmento:[1]

. . . .

Bernardino aproximou-se mais e segurou-lhe a mão; ella recostou-se na janella e com o movimento, o roupão abriu um bocado. Bernardino via avidamente o pescoço branco, cheio, sem diferenças de côr e sentia uns certos desejos de se lhe atirar aos beijos, percorrel-o todo, descer um pouco com os labios e chegar aos seios...

Uma nuvem branca, como algodão, passando devagar, encobriu a lua e tornou o largo mais sombrio; um gato, no telhado em frente, passeava agitado talvez esperando alguma aventura amorosa, com a cauda levantada e rosnando surdamente; o policia da ronda passava, batendo com as botas pesadamente nas pedras da calçada e de mãos nos bolsos, indolentemente; e para o cimo da rua, ouvia-se numa tasca, num recanto, o toque de guitarras chorando

---

(1) E' uma conversa entre Bernardino e a rapariga da rua dos Cavalleiros, 41, mas a uma janella do lado da rua do Capelão.

Res. velhos
41

o fadinho e uma voz roufenha cantando umas quadras obscenas.

— Acho-te hoje linda, disse Bernardino, forçando-se a dizer alguma cousa. Nunca te vi assim...

— Então é porque algum dia me encontraste feia...

— Não, não quero dizer isso, tu és sempre bonita. Mas acho-te hoje um não sei o quê...

E encolheu-se com a capa até quasi aos joelhos... O roupão, indiscretamente, abrira-se um pouco mais e Bernardino olhou, com olhos quentes, para dentro. A lua descobriu-se e deixou ver parte dos seios; e Bernardino agora apertava-lhe as mãos com força e queria beijal-as..

— Estás hoje tão amavel...

— Não queres que seja amavel comtigo, que te beije as mãos, quando ellas são tão bellas, tão brancas e te vejo assim, á luz da lua, tão formosa, tão deslumbrante...

— Oh que madrigaes!... E é meia noite!... Olha que se a policia ouve...

— Que faria ella? perguntava Bernardino offendido nos seus brios de militar.

— Naturalmente... ria-se!

E quando cedia com um braço ás caricias que Bernardino lhe fazia, ao baixar-se, uma aba do roupão prendeu-se, o colchete superior desabotoou-se e deixou ver quasi completamente o peito branco de Emilia, que só então reparou que o tinha desabotoado. Corou e quiz fechal-o; mas tinha as mãos

pesas e ficou assim um bocado, á luz da lua. Outra nuvem branca encobriu discretamente o luar e os passos do policia sentiam-se já muito ao longe, ao fundo da rua.

Por fim, Bernardino, resolveu-se a largar a mão e quiz despedir-se. Queria tomar ar, ver-se livre d'aquellas sensações que o aturdiam...

— Então até amanhã, disse. Dorme bem e adeus.

— Adeus, Bernardino... e abotoando logo o roupão, envergonhada: não faltes amanhã...

E fechando a janela, foi para dentro, e lançou-se sôbre a cama, quasi nua; olhou para os braços, para os peitos, e achou razão a Bernardino em gostar de os ver... Achou que a luz era de mais e apagou-a. Tinha o corpo meio quebrado com tanta sensação...

Bernardino, depois da despedida, chegou á esquina da porta superior do largo e parou; estava indeciso. A carne de Emilia aturdira-o e não se lhe tirava da ideia... Continuou a subir quando ao lado sentiu um discreto «pst!» lançado quasi a medo. Olhou: uma tolerada estava sentada á porta, com os pés quasi na rua, calçados com as chinelas caracteristicas consagradas no marquez do Alegrete; encostada ás costas da cadeira de pau, fumava um cigarro e a luz do candieiro pendurado á porta dava-lhe em cheio no rosto emmoldurado em caracoes e onde sobresahiam dois olhos negros, bonitos.

Sorriu-se com um sorriso contrafeito, estudado e que lhe descobriu umas rugas; fez um pequ-

no signal com a cabeça; Bernardino parou; apalpou uma algibeira onde ouviu tilintar moedas de prata e entrou.

. . . .

Meia-hora depois o policia da ronda subia a rua, pacatamente; viu abrir-se uma porta e sahir della um jacto de luz. Lá dentro ouviu dizer:

— Então adeus e muito obrigado; e quando quizer...

. . . .

IX

Planos litterarios

(fragmentos de cartas a M. T. expondo varios e phantasiosos planos litterarios que nunca se chegaram a realisar.)

<u>Lisboa</u>:

22 de janeiro de 1902

. . . .

...estava hontem a ler o livro de contos do Trindade Coelho «<u>Os meus amores</u>» quando ao acabar um dos contos rusticos imaginei lógo um grande plano litterario...

E eu pensei logo: em Miranda do Corvo, numa manhã de primavéra, o povo corria á estrada, acotovelando-se alegre, rindo, para ver qualquer cousa que vinha do lado da ponte.

Os castanheiros da estrada davam uma sombra enorme onde o povo se abrigava do calor do sol; e ao longe, do lado da ponte, do monte d'avelleiras da encosta, ouvia-se o toque d'uma corneta.

N'isto, na curva da estrada, aparece um soldado, logo um oficial, depois um destacamento inteiro. Cheios de pó, moidos, curvados ao peso das mochilas e das espingardas, os soldados suspiravam pelo descanço.

Era uma força que vinha para a villa por causa d'umas eleições que haveria d'ahi a uns dias.

O destacamento lá ficou umas duas semanas e o alferes que o commandava era um lindo militar, garboso, serio. Conhecia já toda a gente e a todos inspirava sympathia pelo seu trato e pelo seu caracter. E a verdade é que d'ahi a uns oito dias, depois da chegada, o povo, essa creança rude, dizia á ~~na~~ bocca pequena:

— Olhem que o alferes anda namorado da morgadinha da Ribeira!

E outros acrescentavam:

— E ella então, que é um anjinho, Nossa Senhora a conserve!

— E elle é um bonito rapaz...

Fôra o caso que para o lado da ribeira que corre junto á vila, havia uma quinta grande no meio da qual existia um velho solar onde morava uma familia antiga. Dessa familia existia pouca gente já e das filhas do velho morgado, a mais velha era uma raparigа muito linda, muito recolhida, muito séria.

O alferes do destacamento viu-a e deixou-se prender pelos seus encantos: apaixonou-se. Ella, gostou do alferes e nesse seu primeiro amor desabrochou todo o seu coração virgem d'afectos.

. . . .

Quando o destacamento teve ordem para retirar, a morgadinha, vendo da sua varanda, ao longe, os soldados a marchar, pela estrada acima, em zig-zagues, chorou e chorou muito. O alferes

a cada curva do caminho, olhava para traz e lá no fundo via, no valle, o velho casarão do morgadio, e na varanda um vulto de mulher, tapando os olhos com um lenço branco.

Na villa espalhou-se que o alferes ia casar com a morgadinha, e que a morgadinha, depois que elle fôra para Coimbra andava sempre a chorar e emmagrecia. Diziam uns que era um máu olhado; outros que o alferes era um excommungado, da religião dos pedreiros livres e que elle é que dava a má sorte á menina.

O povo dizia estas cousas mas a verdade é que no correio da Louzã, trazido a pé por um pobre jornaleiro vinham cartas todos os dias e que cartas! Cartas cheias d'amor para a morgadinha e d'ella partiam outras eguaes.

Assim se passou um tempo e de quando a quando, na deligencia da tarde, de Coimbra, apeiava-se um rapaz novo que uns diziam ser o alferes e que ninguem mais tornava a ver. Alguns notavam — que ingenuo que é o povo! — que nas vesperas desses dias, a morgadinha andava mais alegre, comia mais, vinha ás janelas, conversava com as raparigas, tocava piano... E que depois tornava a andar triste, pensativa, descia ás vezes ao jardim esconder-se num caramanchão com uns "papeis" na mão, para os quaes olhava muitas vezes...

Um dia porem, houve uma novidade extraordinaria na villa; todos apontavam para o velho casarão

[illegible]
42

fidalgo com um riso franco de alegria e satisfação:

— A morgadinha vae casar-se!

— Com quem?

— Com o alferes do destacamento.

— Ora benza-os Deus!...

E d'ahi a tempos, por uma madrugada fresca de verão, os sinos repicávam alegremente; o povo corria a atirar flores aos noivos que desciam da egreja muito serios, muito pálidos, mas mesmo por bonito e encantador.

Os rudes jornaleiros depunham a ferramenta e cortejavam; as mulheres lançávam flores e benção; os pequenitos gritavam, cantavam e corriam; e os noivos, muito pálidos, seguiam ladeira abaixo até aos carros, com os convidados, enquanto os melros cantavam, as andorinhas começávam a chilrear em primeiro pelo azul do céu e a cigarra do alto das arvores fazia adivinhar um dia de calor.

E a ribeira, lá no vale, corria mansamente até ao açude, onde se despenhava em cachão, desfazendo-se em espuma de encontro aos pedregulhos roliços.

Aqui está o que é o plano, nos seus fundamentos. O romance visa principalmente a glorificação da vida dos campos; os amores do militar e da morgadinha são a apologia dum amor simples de duas creaturas tambem simples.

E' a historia duns amores purificados pelo cheiro das flores agrestes, pelo ar frio da serra, pelo sôpro

dos pinheiraes das encostas. E no fim, como epílogo, esse casamento no campo, numa deliciosa manhã de verão enquanto as cigarras começam a ensaiar o canto e os melros a desferir.

A vida do campo seria, como disse, glorificada; a labuta do aldeão, o lavrar das terras, as colheitas, as ceifas, as descamisadas, as feiras, as missas de domingo... E o romance correria somente por esse meio; a morgadinha apareceria por entre os cravos e as rosas dos canteiros do seu terraço, passeando no jardim por entre as flores; e pela bocca do povo, correria a história toda.

. . . .

Poder-se-lhe chamar O Noivado no campo...

x

Luso:

14 d'agosto de 1902

O meu Noivado no campo talvez seja uma história linda se eu a conseguir escrever...

Mas duvido. Sou tão leviano com estas cousas que estou a ver que o não acabo se mesmo fôr capaz de o começar...

O livro de contos "Os meus amores" é que me veio sugerir a ideia dum romance assim e que fez com que eu, um dia em Lisboa, pensasse logo no plano geral do livro.

A chegada do destacamento por uma manhã de primavera, á vila, por sob os castanheiros e álamos

da estrada de Coimbra, emquanto o sol vinha estirar as pombras, ao comprido, pelo campo; o ajuntamento do povo que vinha ver a tropa, admirado e com dó dos soldados que vinham cheios de pó; o moço alferes, ao lado, perfilado elegantemente, commandando a força; o velho morgado da Ribeira, hospitaleiro, como os seus antepassados, oferecendo a sua casa ao jovem oficial para nella passar o tempo de deligencia; as eleições de ahi a uns oito dias, renhidas, em que os caceteiros das Chãns fizeram das suas; a visita do alferes ao velho solar onde viu o thesouro encantado do fidalgo — as filhas; o amor do jovem alferes pela morgadinha; a partida do destacamento para Coimbra, tristemente, seguido de longe, duma janela encaixilhada em verdura, por uns olhos chorosos e tristes; as viagens subitas do oficial á vila, por noite velha, para falar ao balcão coberto de verdura, com a linda morgada; e finalmente o noivado na egreja da vila, lá no cimo da colina, por uma madrugada calma, cheia de poesia... tudo isto, se me desenhou no espirito no dia em que me lembrei fazer o romance.

E começou-me a saltar ao espirito uma immensidão de cousas: descripções, conversas, cartas, commentarios do povo.

Oxalá que o escreva; é possivel que saia alguma cousa com geito...

×

<u>Lisboa</u>:

.. de abril de 1902.

. . . .

O meu projectado drama histórico, <u>D. Lourenço d'Almeida</u>? E' isso?...

Eis o caso: em 1505, a 25 de março, partiu para a India, de Lisboa, D. Francisco d'Almeida a quem D. Manuel tinha feito 1º vice-rei. D. Francisco levava na armada, alem de muitos cavaleiros e fidalgos dos mais valentes e ousados, seu filho D. Lourenço que, segundo as chronicas, era o cavaleiro mais gentil e mais perfeito da corte.

Era alto, rigoroso, de formas athleticas, mas reunindo a isto um rosto lindissimo, emoldurado de cabellos loiros, finos, em caracoes, e umas maneiras destinctas. Era querido e desejado por tôdas as damas da corte do rei D. Manuel e quando foi para a India deixou em Lisboa uma dama, nobre e (creio eu) parenta, com quem casaria, na volta.

Partiram para a India e lá, D. Lourenço, sempre valente e ousado, fez proesas extraordinarias, com a sua arma favorita — uma albarda. Um dia, o pae, manda-o numa armada atacar uma enorme esquadra de turcos que se dizia que estava em Diu; elle vae e moço como era, e portanto inexperiente, deixou-se levar mais pelo seu genio aventuroso que pelos conselhos bons dos seus guerreiros velhos e experimentados e atacou a armada dos turcos; estes eram bons soldados, e aguerridos em

muitas guerras e facilmente venceram os portugue-
ses, poucos e mal commandados.

D. Lourenço, na sua náo, combate heroicamente com a sua alabarda. Um pelouro inimigo vem e decepa-lhe as pernas; e mesmo assim continua o combate fazendo girar sobre a cabeça a formidavel alabarda! Por fim faltam-lhe as forças e dois soldados seus, para o inimigo lhe não apanhar o corpo, lançam-no ao fundo do mar, por um rombo do porão da náo que se ia alagando pouco a pouco.

Eram heroicamente doidos, eram extraordinários esses homens de então!

A batalha portanto foi ganha pelos turcos e D. Francisco recebeu a noticia, pouco depois, em Cochim que era então a capital do nosso imperio do oriente.

D. Francisco adorava seu filho; queria-lhe mais do que a si proprio. Ás vezes esquecia-se de que era o "viso-rey" para ver somente que era pae e este seu amor levava-o a loucuras. Recebeu a noticia friamente, para não se mostrar fraco deante dos seus guerreiros por seu filho ter morrido em serviço da patria, do rei, e de Christo!

Eram assim esses homens!

Depois, sósinho, chorou e jurou vingar-se! Não se lembrou que era governador da India, vice-rei e almirante geral; não via nada disso. Via somente que era um pae a quem tinham morto um filho; e durante meio anno preparou uma armada formidavel e em janeiro de 1509, lá vae elle em de-

manda da barra de Diu, encontrar-se com os turcos! Entrou a barra; e o combate foi tão bem dirigido, tão bem disposto e os nossos combateram tão bem que a derrota dos turcos foi completa.

A armada delles foi para o fundo e a cidade de Cambaya, em frente da qual se deu o combate ~~foi~~ queimada.

Diz uma chronica que D. Francisco ao ver a cidade a arder, disse olhando para o céu:

— Não tiveste uma vela, **ao menos**, no teu funeral, meu filho! ahi te accendo uma cidade!...

E chorou, esse velho forte e invencivel! Chorou lembrando-se da morte de seu filho, cuja noticia parece ter-lhe causado abalos no espirito lucido e bem conformado; e depois desta vingança ficou satisfeito e voltou para Cochim.

Esta é a historia, o que nos contam os historiadores: Ruy de Pina, Gaspar Correia, Diogo do Couto e outros e sobre este facto, romantisando-o é que architetei o drama.

Começa num conselho de capitães da armada já perto da India em que se combinam varias expedições.

No 2º acto a scena passa-se em Cochim, nas festas de coroação do rei de Cochim por ordem de D. Manuel e durante as quaes a filha do rei, uma <u>Lindú</u> muito bonita, se apaixonou pela beleza de D. Lourenço.

No 3º acto, ha a partida deste para Diu e a despedida da filha do rei que jura morrer se D. Lourenço

morrer por lá e em um 2º quadro representa-se o combate em Diu e em que D. Lourenço é morto.

O 4º acto é aquelle de que eu esperava tirar mais efeito: D. Francisco passeia na fortaleza de Cochim pensando no filho; veem dizer-lhe que elle morrera combatendo gloriosamente e elle frio e impassivel apparentemente, consola os fidalgos que choravam aquella perda, manda-os vestir galas pela victoria das armas portuguezas e que os navios deem as salvas do estylo á bandeira nacional! Nisto, entra Maria Doida, a filha do rei de Cochim que soube a noticia e vem morrer nos braços do vice-rei que continua sempre mostrando-se animoso. Por fim despede todos e fica só com o seu secretario intimo e entra nos seus quartos a chorar como uma creança. Este acto deve ser de efeito e é todo historico á excepção da scena da filha do radjah de Cochim que é a unica cousa a mais.

O 5º acto, finalmente, passa-se na tolda da náu de D. Francisco no fim do combate em que elle vinga a morte do filho; manda incendiar a cidade, diz a tal phrase que já citei e chora novamente ao lembrar-se que no fundo d'aquela bahia deve estar o corpo de seu filho, dizendo para os soldados e marinheiros que silenciosamente derramavam lagrimas em volta delle:

— Posso, enfim, chorar!...

×

Lisboa:

3 de junho de 1802:

O Fernão Moniz é um romance d'amor e d'aventuras, um romance em que o fundo principal é um grande amor á antiga e no fim uma enorme desgraça; em que o brio de cavalleiro corre parelhas com a força do coração e em que a honra não cede a sua vez ao gozo e ao prazer. E' um romance todo cavalheiroso, desde as lançadas da Porta de Santa Catharina até á morte de Valverde.

Fernão Moniz soube amar, soube viver amando soube combatter e soube morrer com alma e com amor.

. . . .

O enredo do romance é afinal bem simples, bem banal até.

Emquanto durou o cerco de Lisboa, o casamento de Fernão Moniz com Maria de Menezes ficou definitivamente resolvido: O velho Vasco Martins via nelle a felicidade da filha e Fernão aparece quasi como um mytho, um homem salvador de uma situação. O casamento fixa-se.

Mas o rei de Castella levanta o cerco e parte para o seu reino e o escudeiro Affonseannes, então cavaleiro lá foi tambem, ruminando vingança.

Nun'alvares vem a Lisboa e com o Mestre d'Aviz trata da defesa do reino; passa algum tempo e quando o rei de Castella entra novamente em Portugal por Viseu e Coimbra, Fernão lá vae na hoste esperar os castelhanos em Aljubarrota.

Pennelhos
43

Na vespera da batalha, porem, o Mestre manda-o cumprir uma missão importante e Fernão lá vae, viseira cahida, acompanhado por um simples escudeiro, cumprir a ordem do rei.

Mas Affonseannes vigiava o acampamento; viu-o sahir... corre-lhe no encalço com outros cavaleiros e apesar de grande resistencia foi preso e levado como espião á presença do rei castelhano: Era um traidor... cumpria-lhe agora morrer!

Affonseannes tinha previsto tudo: a todo o galope manda a Lisboa um escudeiro, fingindo-se do rei portuguez, dizer a Maria de Menezes que Fernão tinha morrido enforcado.

Maria recebeu a noticia aparentemente tranquila; Vasco de Menezes cahiu de golpe, congestionado, sobre o sobrado e Martim teve a grande dôr de ver o pae morto e de ver sua irmã entrar em um convento, cortar os seus longos cabelos pretos, e vestir a cogula severa das monjas de S. Bento.

No entretanto, a batalha d'Aljubarrota deu-se e venceu-se; Fernão Moniz poude fugir no meio da confusão e combater ainda na ala dos namorados. E quando ao longe avistou o elmo do seu rival, emplumado e brilhante, correu doidamente.

A lança voou e fez-se em astilhaços de encontro ao luzente brial do cavaleiro e Affonseannes foi soltar o ultimo suspiro de bôrco, sobre a poeira do campo.

Depois da batalha, Fernão marchou para Lisboa

com a hoste e quando entrou triumphalmente os muros da cerca, alegre, satisfeito, por deppôr aos pés da sua noiva a sua espada de combate, correu ao soberbo palacio de Vasco Marreges.

Viu tudo fechado, tudo cerrado! O coração bateu-lhe!... os braços cahiram-lhe... e baqueou no lagedo da rua. Martim Vasques socorreu-o, abraçou-o, chorou com elle; ambos valorosos, mas ambos desgraçados...

Maria julgava-o morto; foi uma terrivel desillusão! E sobre a cruz das espadas, Fernão e Martins juráram morrer mas combatendo pela patria e pelo Mestre.

Algum tempo depois encorporaram-se na hoste de Nun'alvares que andava pelo Alemtejo. Entráram por Hespanha e em Valverde, no meio da peleja, os dois andávam juntos. Um virote mais forte matou Martim Vasques.

Fernão não hesitou; chamou o seu escudeiro e afastou-se para longe; tirou da escarcella uma longa carta para Maria e o seu testamento e o de Martim Vasques, legando-lhe, ao escudeiro, as fortunas e obrigou-o a partir para Lisboa. Alguns o viu afastado correr doidamente ao meio da refrega; lançada para aqui, lançada para acolá, onde a lucta é mais renhida, onde a refrega é maior, até que, com a armadura em bocados, uma lança inimiga o vem trespassar e elle cahiu do cavalo, desamparadamente!

Quando Maria recebeu a carta, ficou tranquila. O seu espirito parecia suspenso, os olhos fitos no céu, como numa esperança... e morreu!

x

Figueira da Foz:

24 de setembro de 1902

"Junto da ponte de pedra de grande arco abatido, e á sombra duns grandes castanheiros, a boa Tia Manoela esperava com a filha, a chegada da deligencia.

"Já tardava tanto!... O sol já ia alto, bem alto; toda o povo partira já para o trabalho do dia, para a labuta do campo; o rapazio já jogava o botão no adro da egreja e ainda ao longe, no fim da grande recta da estrada de Coimbra não tinha aparecido o carro.

"— Que terá acontecido? perguntava a boa da velhota, com uma certa comoção na voz. Algum desastre, santo Deus!

"E ficavam mudas, as duas, deante da natureza esplendida que renascia em volta d'ellas desde as ribeiras que lhes passava aos pés até aos campos muito verdes, muito férteis.

"Um drama intimo, muito intimo se desenrolava na alma das duas boas creaturas, áquella hora, naquelle sitio, emquanto esperavam o carro da cidade, junto da velha ponte de pedra.

"Tinha de ser; e não lá contra o destino!... Era a sorte! tinha de ser!... e aquelas boas almas tristes sentindo-se abandonadas, parece que se comprasiam

na mudez, em significarem pelo silencio o combate que lhes ia dentro.

"Já começava a passar gente pela estrada e o sol a fazer brilhar o telhado de ardózia do campanario da egreja; um pastorsito, um adolescente, meio esfarrapado, guiava um rebanho d'ovelhas que faziam ouvir os chocalhos ao longe, num badalar monotono. Quando o pequeno passou na ponte deu com os olhos nas duas e na sua imaginação infantil viu que alguma cousa de grande se passava nas duas almas e com os olhos admirados deu os bons dias.

"— Vae com Deus, menino, dizia a Tia Manuela, o Senhor te guie...

"E olhou longamente para a estrada, do lado de Coimbra. A filha da Tia Manuela, a linda Maria José estava ali para embarcar para a Figueira; ia servir para uma casa, ia ser _creada de dentro_, numa casa de familia muito seria, muito honesta e muito boa. Custava muito separar-se da familia mas que havia de fazer, se eram pobres, se precisavam ganhar o seu pão? A sementeira do anno passado não tinha dado quasi nada; a chuva arrasára os campos e uma cheia nos fins de março veio empobrecel-os mais.

"Que havia de fazer?... era a sorte, ia servir!"

. . . .

Era este o começo do conto "_A morte de Maria José_" e por aqui ficou...

Perdeu-se alguma cousa? Talvez nada se perdesse em elle ficar nesta altura...

Se se havia de assistir á morte da rapariga, com uma creança nos braços, dizendo no estertor da agonia que lhe tratassem o filho e soltassem o casal de pombas brancas que tinha, foi melhor assim.

As pombas voariam pelo espaço para não mais se verem e eu ficava a pensar se não teria incorrido n'um crime pondo no papel uma das peiores pustulas da humanidade.

Porque não havia de guardar isso para mim, um facto ignorado que ninguem de certo imagina e que me foi revelado por uma pessoa amiga? Era o mesmo que mostrar uma chaga postulenta que até ahi estivésse encoberta...

Deixar lá apodrecer o corpo da infeliz que a esta hora terá dado no cimitério as mais lindas flores dos tumulos, que terá chamado sobre si as benção[s] de tódos — tão nova! — e guardemos o segredo que nos foi confiado. O seu corpo formoso ha-de florir em formosas flores que crescerão com o sol da primavera alegre e quente e a sua memoria ha-de ser recordada por aquelles que no mundo ainda teem alma, teem coração e — o que é raro — que sabem lembrar-se dos infortunios.

Está historia triste foi-me contada na Escola; eu estava deitado e quem m'a contou, alegre e despreocupado, contava-a como uma anedota, como um caso curioso succedido aqui, junto do mar.

O riso que acompanhava a historia pareceu-me um crime; a despreocupação com que se con-

tava uma morte pareceu-me vileza... Eu tremi e senti qualquer cousa de extranho dentro do meu ser.

Como nós somos neste mundo! como somos maus, villissimos, baixos como a terra que pizamos! Eu senti calafrios... e como uma homenagem eu lembrei-me de contar aquelle infortunio num conto que eu faria por ser bonito, como se fosse grato á memoria da martyr!

Eu compadeci-me e odiei os homens...

E ha almas neste mundo com um crime a pezar-lhes e ainda sabem rir, ainda sabem troçar, ainda sabem falar como outras puras e sãs!

E imaginei-a — a martyr — no leito de morte, soltando o casal de pombas brancas que voariam pela immensidade, como a sua alma pura voaria para o immenso Nada, purificada das formas imperfeitas, limpa das maculas do mundo miseravel. Imaginei-a, tal como eu sou capáz de imaginar um infortunio.

Mas, para que perpetuar uma cousa destas? Para quê?...

Não será profanar a santidade do tumulo indo evocar a imagem da morta, do meio das suas flores tristes para a trazer ao mundo, expol-a aos olhos máos da gente que o habita?

Oh! deixal-a lá socegada, no meio da terra, a pobre Maria José, a sós com os seus companheiros, os vermes, que nem lhe tocarão no corpo. Se fosse volvido um seculo, o seu corpo encontrar-se-hia in-

corrupto, dando seiva ás lindas flores funerá-
rias e pasto ás tristes imaginações dos poetas, que amam a desgraça, que teem alma e sabem o que é o coração humano!

×

<u>Coimbre</u>:

15 de outubro de 1902:

Isto, é, no fim de contas, um conto... E não será isso, esta confissão bem simples?

Quando eu tinha os meus doze a quatorze annos morava ainda numa casa á Praça <u>Velha</u> e cujas janelas para o lado de traz deitavam para o <u>Romal</u> esse celebre largo das fogueiras de S. João e das raparigas bonitas.

Na alegre noite dos folguedos e descantes quem antigamente queria ver a mais linda «fogueira» a mais jovial e catita, ia de certo ao largo do Romal. Quem queria ver dançar bem, ouvir umas cantigas bonitas, e ver raparigas lindas, ia com certeza ao Romal pois nenhum outro havia que lhe chegasse.

Ora nesse tempo dos meus doze a quatorze annos morava numa casa desse largo uma das lindas raparigas de então. A casa era pequena: dois andares e uma trapeira e nesta trapeira havia uns pequenos degraos de pedra onde se lavava roupa. Ficava mesmo em frente da minha e a paparal-as havia um beco esquisito e sujo a que a Camara mandou pôr o nome de "Becco dos Prazeres" nome que ainda

hoje conservo para imorredoura memoria. Morava na casa um alfaiate, casado e com trez ou quatro filhos, modesto, vivendo parcamente; mas a natureza dera-lhe uma filha, a mais velha, que era uma das belezas do Mormal e que de certo o indemnisava dos poucos bens que neste ~~lhe~~ mundo lhe couberam em sorte.

Chamava-se Sulima. Era branca, duma brancura esplendida; o rosto altivo sempre erguido, orgulhoso; e a dar-lhe o maior grão de beleza dois lindos olhos pretos, dois olhos negros como a noite escura...

Teria então a minha edade, doze a quatorze annos, mas era uma mulher já feita. A Sulima era uma beleza do Mormal...

Um dia fiquei encantado ao vel-a na trazeira de casa, a lavar roupa, com as mangas do chambre arregaçadas, deixando a nú dois lindos braços brancos. Batia a roupa sobre os degráus de pedra, cantarolando, e eu, na minha imaginação infantil imaginava um amor enorme por aquela linda visinha de olhos negros, que lavava a roupa na trazeira, ao sol da primavéra.

Os meus doze a quatorze annos não a tornáram a esquecer.

Ia vel-a no serviço do costume, todos os dias em que havia sol, para a varanda do terceiro andar da minha casa.

Ahi, deixava fechado o volume de Julio Verne e imaginava como póde ser verdade um grande

Pernalhos
44

amor... vendo a linda visinha de olhos negros a lavar roupa com as mangas do chambre arregaçadas, mostrando os braços nús, cantarolando alegremente:

«As fogueiras do Natal
Mettem todas a um canto...»

E eu ali ficava, na varanda. Ás vezes via-a sahir; descia á rua muito bem trajada, altiva, orgulhosa, como uma tricana-fidalga; seguia pelo becco, ia ao Adro-de-cima, e entrava na Praça Velha ao tempo que eu ia ás janelas do outro lado para a ver.
E ella seguia no seu passo miudinho pelo passeio abaixo até ao fundo da praça onde a mãe tinha uma pequena loja, uma venda de pão e arrufadas. Depois, voltava com um cesto, e entrava em casa, muito seria, altiva e orgulhosa...

Um dia desci á porta da rua para a ver passar. Ella viu-me, baixou os olhos; mas eu, vencendo a minha timidez disse-lhe baixinho:

— Adeus, Sulinasinha...

Ella sorriu-se e eu entrei em casa, fui á varanda ver se a via lavar roupa, na traseira, como do costume. De facto, foi; e ao arregaçar as mangas do chambre para o trabalho, deu com os olhos em mim e sorriu-se...

E este amor platonico continuou assim, todos os dias a mesma cousa e eu sempre a gostar de a ver na traseira de casa, a lavar roupa, com os

cabelos ao vento, e os braços mais sallficados d'esfera. E quando ella passava na Praça Velha eu ia sempre dizer-lhe baixinho, timidamente:

— Adeus, Sulimasinha...

As creadas um dia perceberam qualquer cousa; e uma vez senti dizer das janelas da cosinha para lá:

— O menino é um maroto muito grande!

Eram as creadas dando informações a meu respeito; mas eu nunca me importei e ia sempre vel-a, a lavar roupa, até que um dia mudei para outra casa, para os lados de Bellas.

Fiquei longe, bem longe. Fui crescendo e tornando-me homem e ella era já uma mulher perfeita. A Sulima, a filha do alfaiate, era a beleza do Morual.

Assim, passou-se tempo sem eu a ver; não sabia o que era feito della. Nunca me esquecia das minhas contemplações nem de quando eu descia sub repticiamente á porta, dizer-lhe timidamente, baixinho:

— Adeus, Sulimasinha...

O tempo correu e eu vesti um dia a capa e a batina; era já um homem, comecei a usar uma enorme cabeleira e sem saber da minha linda visinha de olhos negros! Na minha imaginação construí logo uns romances lindos, uns romances maravilhosos; até que um dia da amo-bom, passo no mercado e vejo-a, a linda Sulima, a vender hortaliça, sentada num pequenino banco, altiva, orgulhosa, como noutros tempos dos seus

dose a quatorze annos! Eu olhei, ella viu-me e os nossos olhos exprimiram bem a admiração e o espanto.

Ella, uma perfeita mulher de dezesete a dezenove annos, linda a mais não ser, com olhos invejaveis e ali, no mercado, a vender hortaliça; eu, um homem já, de longa cabeleira, e um buço atrevido a rebentar.

Passei adeante mas não pude deixar de lhe dizer como antigamente:

— Adeus, Sulimasinha...

Ella então respondeu e pela primeira vez, falou-me, disse-me alguma cousa:

— Adeus, meu senhor...

Eu comecei então a fazer caminho pelo mercado e quando por ali não passava ia sempre ao Collegio-Novo e das grades do fundo da couraça dos Apostolos eu lá via em baixo, sentada num banquinho, altiva e orgulhosa, a bella filha do Manuel, a linda filha do modesto alfayate.

Ella, mal imaginava que alguem, lá de cima, a olhava com tanto carinho...

No dia do anno-bom seguinte passei por lá; ia dar-lhe as boas festas, dizer-lhe adeus como de costume, ver outra vez o esplendido brilho dos seus olhos.

Passei, olhei e o logar vasio! Olhei em volta e nada vi... A Suliana, a linda filha do Manuel tinha desapparecido!

E o que é facto é que nunca mais a vi.

Passou um mez e outro. E quando um dia de março eu entrei na sala do 3.º andar, onde havia a varanda que deitava sobre o Mondal, para falar a minha avosinha — que já lá vae — eu vi fechada a trapeira da casa do alfaiate. Estava um lindo dia de primavera; o sol entrava pelas vidraças e o rio passava tranquilamente por entre os choupos.

Senti qualquer cousa de estranho ao ver tudo fechado na casa do alfaiate e fiquei-me a olhar, a pensar, quando uma creada velha que estava ali disse-me ingenuamente, enquanto ia fazendo meia:

— O menino sabe quem se casou?

— Eu não...

— Foi ali a S'lina, a filha do alfaiate. Era a melhor cousa do Mondal...[1]

E acrescentou com um ar de inveja:

— Casou com um policia de Lisboa!

Eu senti qualquer cousa de extranho; senti que o meu amor de creança, um amor sem pés nem cabeça, tinha desapparecido para sempre pela brutalidade de uma intervenção policial...

Tudo desapparecera para mim! O meu amor imaginario, o meu amor intangivel, evolára-se como qualquer perfume de uma flor, como o fumo que sóbe para os céus...

E eu desci a escada taciturno, pensando que já

---

[1] Casou a 18 de fevereiro de 1897.

não tornaria a ter a alegria de ver aquela linda coimbrã, a bela flor do Mondego.

Era a mulher de um polícia: triste realidade!

Passaria a andar mal arranjada, deixaria o ar altivo e orgulhoso, e dentro em breve teria em volta de si um rancho de filhinhos. E o polícia quando entrasse em casa, bebedo, cambaleando, esbofeteal-a-ia, sem dó nem compaixão!

Os anos passaram e eu esqueci tudo. No entanto, quando subo á sala envidraçada do 3.º andar e vejo a trapeira fechada, lembro-me sempre do tempo em que descia á rua para dizer, baixinho, timidamente, á linda vizinha dos olhos negros a saudação habitual

—Adeus Sulimasinha...

Ha tantos anos que lá vae tudo!... O pae morreu pouco depois não sei com quê e a mãe suicidou-se, lançando-se da trapeira para a rua, num acesso de loucura porque era pobre e sósinha não podia dar de comer aos filhos.

Desgraças deste mundo.

X

Adenda:

Principio de uma "operetta" de costumes, sem nome nem data...
(Talvez em 1898)

1º Acto:

Scena 1ª: Numa praça, em Coimbra; dança popular; estudantes, fabricas, mulheres, etc.

Voz:
(1ª musica)

Deixemo-nos de tristezas
Toca a dançar e a cantar;
Deixemos aos infelizes
O andar na vida a penar.

(sobre o piano) Côro:

Tristezas leva-as o vento
Diz o rifão popular;
A vida deve levar-se
Só a dançar e a cantar.

Voz:

Eu tinha grandes razões
P'ra não tornar a abrir bocca,
Mas bem me diz a visinha
Que a alegria é sempre pouca.

Rec. velhos
45

Côro:

Tristêsas leva-as o vento, etc.

Voz:

Toca a dançar e a cantar
Não é outra cousa o mundo
Que d'aqui até ser velho
Vae um instante, um segundo.

Côro:

Tristêsas leva-as o vento, etc.

João Marques — parando a dança:

O' da musica! Pára lá um bocado que esta moda já aborrece! Vamos a outra qualquer!

José Palermo — limpando o suor:

— Mas a qual, oh sen João? Eu cá estou ás ordens!

João Marques:

Eu sei lá! Uma qualquer! Oh raparigas! que musica querem vocês?

As raparigas — juntamente:

A caninha verde! o vira! o estalado! a noite serena! etc.

José Palerma:

Isso assim é que é! Tudo junto! Havemos de dançar tudo ao mesmo tempo!

Arnaldo – de fóra

Oh snr. Marques! dancem lá a caninha verde, que é mais bonito!

João Marques:

Pois sim, snr. doutor. O' da musica! tóca lá a caninha verde! Toca a dançar raparigas! desembaraçam-me esses pés! (os instrumentos afinam-se) Olha-me esse violão desafinado, oh Manél!

(a musica começa a tocar a caninha verde)

Côro:

Oh minha caninha verde
Oh minha verde caninha,
Salpicadinha d'amor
Ai d'amor salpicadinha!

Voz:

Vá de roda, vá de roda
Ninguem se fique a olhar,
Já basta haver coração
Para haver do que gosar.

Côro:

Oh minha caninha verde, etc.

Vóz:

Todos querem ir p'ro céu
Mas o certo, ninguem vae!
Com razão lá diz o Povo:
Quem escorrega tambem cae!

Côro

Oh minha caninha verde, etc.

. . . .

LIVRARIA DA UNIVERSIDADE

Index:

I = Theatro

O pateo ferrador - entre-acto 3
As tres marias - entre-acto 23

II = Conferencias 43

Descobertas e conquistas dos portuguezes 45
Portugal 59

III = Fernão Moniz - tentativa de romance historico 77

Nota 79
Capitulo I 81
" II 93
" III 107

IV = Um pouco de historia... 121

18 d'outubro de 1817 = Gomes Freire d'Andrade 123
27 de setembro de 1810 = Batalha do Bussaco 129
15 de março de 1147 = Tomada de Santarem 138

V = O meu segundo anno de litteratura 143

A Renascença 145
Camões 161
Origem e caracter da escola provençal. Sua introducção em Portugal e desenvolvimento no reinado de D. Diniz especialmente 170
O Padre Antonio Vieira e as suas obras 176
Origens do theatro portuguez. Gil Vicente 184
Caracter dos seis primeiros periodos da litteratura portugueza. 195
Caracter da escola romantica e sua introducção em Portugal. Garrett, Herculano e Castilho 200
Romantismo. Caracter da escola e sua introducção em Portugal. 213

VI = Jornalismo e polémica ... 217.

Analyse critica do artigo "A guerra de Cuba" do Snr. M. D. 219
Leitores: (artigo de apresentação) 223
Cartas a um amigo.:
I 225
II 22[illegible]

VI = Cartas antigas 233

Ao Costa-Ferreira 235, 237, 244, 246, 251, 256, 260, 266, 274, 283
Ao Mario Duque 241

Ao Tio José Pimenta 270

VIII = Tentativa de um romance natura-
lista. 289

I 291

II 312

Fragmento 321

IX = Planos litterarios 325

Noivado no campo, romance 327, 331

D. Lourenço d'Almeida, drama 333

Fernão Moniz, romance 337

A morte de Maria José, conto 340

A Sulima 344

X = Addenda: 351

Principio de uma operetta de costumes sem
nome nem data 353

Este volume começou a escrever-se em abril de mil novecentos e nove e terminou em 20 de junho de mil novecentos e dez — na casa "antiga Portuguesa" da Rua Venâncio Rodrigues, Quinta de Santa Cruz, Coimbra.

Coimbra, 20 de dezembro de 1910.

Belizário Pimenta

LIVRARIA DA UNIVERSIDADE